

Prova de ternura

Logical Choice

Amanda Lee



Momentos Íntimos Extra Tarja nº 23.1

Sob o olhar de espanto de Blake Hamilton, Diana Adams levanta-se da cama e começa a juntar as roupas espalhadas pelo quarto.

Não importa que ele tenha acabado de pedi-la em casamento. Ela vai embora. Não pode viver com um homem que utiliza um método tão mesquinho para escolher uma esposa.

No entanto, seduzida pelo corpo másculo entre os lençóis, tem uma ideia. E se o submeter a uma prova semelhante, à sua maneira? Se ele passar no teste...





LOGICAL CHOICE

© 1986 Ruth Glick e Eileen Buckholtz
Originalmente publicado pela Silhouette Books,
Divisão da Harlequin Enterprises Limited.

PROVA DE TERNURA

© 1988 - para língua portuguesa
EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.
Todos os direitos reservados, inclusive o direito de
reprodução total ou parcial, sob qualquer forma.

Esta edição é publicada através de contrato com a
Harlequin Enterprises Limited, Toronto, Canadá.
Silhouette, Silhouette Desire e o colofão são
marcas registradas da Harlequin Enterprises B.V.

Tradução: Alexandra Fuchs de Araújo

NOVA CULTURAL: Av. Brig. Faria Lima, 2000
3º andar — CEP 01452 — São Paulo — SP — Brasil
Caixa Postal 2372

Esta obra foi composta na Editora Nova Cultural Ltda.
e impressa na Artes Gráficas Guaru S.A.



CAPÍTULO I

Diana Adams arrumava cuidadosamente alguns folhetos do programa numa mesa perto da entrada da sala de conferências. Sentia-se perfeitamente à vontade em sua roupa de palhaço e aquela maquilagem extravagante deixava-a com um sorriso eterno no rosto brilhante de tanta purpurina.

Acabado aquele serviço, levantou os olhos e notou que um homem com expressão perplexa se aproximava. Com certeza, ela pensou, ele não estava entendendo o que se passava ali. Afinal, devia estar esperando encontrar uma recepção tradicional, com moças bem vestidas e maquiladas, como seria próprio para um seminário na área de administração de empresas.

Ao ver que o homem se preparava para se retirar sem nem procurar entender o que se passava, Diana correu para ele e pousou os dedos esguios em seu ombro:

— Posso ajudá-lo, senhor?

Blake Hamilton hesitou por um momento. Finalmente deixou escapar um sorriso.

— Pode me dizer onde será a palestra sobre Criatividade em Métodos Administrativos, da Assessoria em Gerenciamento?

— Perguntou para a pessoa certa, Blake. Siga-me, garotão — Diana respondeu, divertindo-se com o espanto do homem ao ser tratado pelo primeiro nome. Provavelmente, não se dera conta de que ela obtivera a informação no crachá de identificação que usava.

— Aposto que seu chefe na Computadores Galaxy vai gostar das idéias expostas nesta palestra — Diana continuou, ainda baseada nas informações do crachá.

— Oh, eu não sei. O presidente da Galaxy é um pouco conservador e fã dos métodos tradicionais — ele sorriu novamente.

— Ele deve ser um velho ranzinza. Mas, com as técnicas que vai aprender aqui hoje, você estará em excelente posição para sucedê-lo quando ele se aposentar.

Blake riu outra vez.

— Vai levar muito tempo para isso. Agora diga-me, o que você faria para convencê-lo a assistir a essa palestra?

— Eu lhe diria que tem que ficar atualizado ou um espertalhão como você pode pegar o seu lugar.

— Quer dizer que colocaria meu chefe contra mim?

— Você está começando a me interpretar mal. Mas a minha obrigação é fazer com que o máximo de pessoas possível assistam à palestra.

Blake encaminhou-se até a porta da sala de conferências e deu uma olhada. Lá dentro, as pessoas se agrupavam de acordo com as determinações dos organizadores, que eram pessoas vestidas normalmente, o que fez com que ele se sentisse mais seguro.

Contudo, a lógica lhe dizia que não deveria ficar, e que ganharia mais se assistisse à palestra concorrente, "Comunicação para Executivos".

Ao ver que hesitava, Diana pediu-lhe, com a voz sensual:

— Não vá embora.

— Dê-me uma boa razão para ficar.

— Pensei que já tinha dado.

— Eu falei uma *boa* razão.

Diana olhou-o de cima a baixo, tão indiscretamente que ele chegou a ficar corado.

— Que tal se eu disser que dentro da sala ainda não há nenhum homem com um metro e noventa de altura, ombros largos e fascinantes olhos acinzentados?

Blake piscou os olhos. Evidentemente, não estava acostumado a ser abordado tão diretamente, e o choque foi tão grande que não sabia como replicar.

Sentindo-se em vantagem, Diana continuou:

— Venha, dê-me uma chance. Aposto como vai se divertir comigo.

— E se não me divertir? — Blake desafiou-a, entrando no jogo dela, com um ar entre curioso e assustado.

— Não será por falta de esforço meu — ela respondeu, convidativa, embora começasse a ficar com medo de que ele a levasse muito a sério.

— Está bem, você venceu — ele cedeu. — Desde que prometa não jogar tortas na minha cara nem me molhar com um jarro d'água.

— Não se preocupe. Só usamos esses argumentos com pessoas que discordam de nossos métodos — sorriu, piscando para ele.

Blake piscou de volta, olhando-a significativamente, o que a fez ver que ele realmente a levava muito a sério.

Um pouco sem jeito, Diana acompanhou Blake Hamilton até o interior da sala de conferência. Ainda bem que deixara seu crachá de identificação no uniforme da companhia e que aquela maquiagem de palhaço escondia completamente seu rosto. Sempre tivera um comportamento muito formal no ambiente de trabalho e nunca chegara ao ponto de tratar um homem daquela forma. Estava chocada consigo mesma.

"Aquilo só podia ser por causa da roupa de palhaço!", pensou. Jim Williams, seu chefe, lhe prevenira de que coisas daquele tipo podiam acontecer quando a verdadeira personalidade de uma pessoa ficava escondida sob uma fantasia. Ela não o levava muito a sério e agora via o resultado.

Blake Hamilton colocou a mão sobre a manga colorida de sua fantasia e Diana deu um pulo.

— Você já fez isso antes? — perguntou ele, seguindo-a.

Sem ter certeza sobre a que ele se referia, se a seus comentários provocantes ou ao fato de estar vestida como um palhaço, Diana escondeu-se atrás de uma atitude fria e profissional, dizendo apenas:

— Por favor, entre e escolha um lugar. A palestra começará em alguns minutos.

Antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, Diana virou-se e voltou à cata de outros espectadores. Mas sua mente estava em tal confusão que ela mal podia prestar atenção às pessoas que passavam à sua frente.

E, justamente naquela manhã, durante a palestra que dera sobre autoprojeção da imagem da mulher no ambiente de trabalho, comentara a falta de sensibilidade do homem no que dizia respeito à mulher, na medida em que eles consideravam todas como um provável caso amoroso. Alguém na sala comentara como, realmente, toda vez que uma mulher procurava um homem no ambiente de trabalho, ele considerava aquilo como uma insinuação. Com base naquelas palavras, o debate prosseguira animado pelo resto da manhã.

No almoço, comentara com outras colegas de trabalho sua atividade para o período da tarde e elas lhe sugeriram fazer uma pequena pesquisa sobre relacionamentos entre homens e mulheres. Primeiro, achara que aquela era uma idéia maluca, mesmo para ela. Mas finalmente concordara em ao menos experimentar. Agora arrependia-se francamente por ter tentado.

Começara a conversa com Blake tendo em vista sua pesquisa. Mas logo percebera que aquilo não era apenas uma pesquisa imparcial. Assim que o viu, sentira uma súbita atração por aqueles traços bem-feitos, pelos ombros e pelo sorriso espontâneo. Seu tipo atlético a fazia imaginar que ele provavelmente combinaria mais com um campo de futebol do que com uma sala de conferências, ou com roupas esportivas em vez de ternos caros e perfeitamente ajustados ao

corpo. Mas, definitivamente, ele não era o tipo de homem que precisasse de roupas especiais para ficar atraente, pois qualquer coisa nele, inclusive o nariz, um pouco arqueado, transpirava a masculinidade.

Diana queria saber mais sobre aquele homem, onde morava, o que fazia para a Computadores Galaxy, ou mesmo se estava realmente interessado nela. Por isso, ao contrário do que teria feito com qualquer outro estranho, o mantivera falando. De alguma forma, uma palavra levava a outra. Enfim, escondida sob a fantasia de palhaço, deixara a conversa ir longe demais, e agora não sabia o que fazer.

Naquele momento, Jim Williams subiu ao palco. Depois de se apresentar, deu as boas-vindas aos participantes:

— Esta palestra aborda as mais modernas teorias sobre como gerenciar um negócio. Estou especialmente satisfeito ao ver todos vocês aqui nesta sala ensolarada.

Ele fez uma pausa e olhou para seus auxiliares, vestidos de palhaço, que sorriam com suas imensas bocas vermelhas.

— Na realidade, esta palestra será muito mais uma experiência do que uma palestra. Aliás, todos devem estar se perguntando por que meus assistentes se vestem como palhaços.

Houve um murmúrio na audiência, formada por mais ou menos quarenta homens e mulheres. Assim como todo mundo, Blake voltou os olhos para os seis palhaços, todos vestidos e maquilados da mesma forma. Sem saber o que fazer, Diana abaixou os olhos. Não que tivesse medo do público, muito pelo contrário. Eram os olhos dele que a incomodavam.

Jim Williams começou a responder à própria pergunta:

— Além do motivo óbvio de chamar a atenção de vocês para a nossa palestra, também pretendia dizer com isso que todos nós, da mesma forma que os palhaços, estamos escondidos por trás de máscaras. Todos nós temos uma imagem que queremos projetar para o mundo. Isto não é necessariamente ruim. Na realidade, isto pode ser muito estimulante. — Jim olhou de modo convincente para a platéia e continuou: — Se você pensa em si mesmo como um homem ou uma mulher bem-sucedida e eficiente, então os outros se sentirão predispostos a ver esta imagem em você. Mas a imagem não pode nos tornar pessoas criativas. E como só podemos nos ver agindo de determinada forma, temos a tendência de não perceber soluções alternativas para os problemas. Quantas vezes vocês viram uma secretária à frente de um quadro-negro tentando apresentar uma solução? Ou quantas vezes viram o presidente da companhia almoçando na cantina da firma, conversando animadamente com seus empregados, em vez de almoçar num elegantíssimo restaurante para executivos?

Conforme Williams falava, os palhaços procuravam caricaturar as situações.

— Agora vamos nos dividir por temas — continuou Jim. — Cada grupo tratará de um tema por vinte minutos e depois analisaremos em conjunto as soluções encontradas.

Cada pessoa recebeu um número de um a seis. Blake recebera o número três, enquanto Diana segurava um grande cartaz com o número seis.

Ignorando as regras do jogo, Blake se aproximou de Diana, que estava concentrada em arrumar as cadeiras em círculos. Quando ela finalmente levantou a cabeça e encontrou os seus olhos acinzentados, encarou-o espantada:

— Você devia estar no grupo número três!

— Eu sei, mas pensei que aqui você poderia me adotar como seu décimo discípulo.

Espantada, Diana lembrou-o:

— Aquele diálogo que tivemos na entrada foi apenas uma forma de convencê-lo a entrar. Agora você deveria obedecer às regras do debate.

— Mas você me fez um convite pessoal!

— Nunca deveria levar um palhaço ao pé da letra.

O resto do grupo praticamente já se acomodara e ouvia a discussão com grande interesse. Para não chamar mais a atenção, Diana resolveu ceder. Naquela altura, Blake já puxara uma cadeira e se acomodara ao círculo.

Quando todos estavam devidamente acomodados, Diana começou a delinear o problema com que iriam trabalhar, utilizando-se de um tom de voz o mais profissional possível.

Mas antes que ela pudesse terminar as primeiras sentenças, Blake levantou o braço:

— Sim? — ela perguntou.

— Gostaria de saber como poderia chamá-la.

Aparentemente, a pergunta tinha fundamento. No entanto, Diana não era boba. Ele queria saber quem ela era realmente.

Contudo, era melhor que sua identidade permanecesse em segredo, não apenas para preservar o espírito da palestra como também porque, provavelmente, cruzaria com aquele homem nos próximos dias. Afinal, ainda havia cinco dias de seminário. E ela com certeza não queria que ele soubesse seu nome depois da conversa que tivera assim que se conheceram.

Procurava uma solução para o problema quando Jim Williams, que observava o grupo, veio em seu socorro.

— Tenho certeza de que a brincadeira perderá a graça se nossos palhaços saírem do anonimato. Por que não os chamam de Careca, Risonho, Abacaxi ou qualquer coisa parecida? — sugeriu.

Todo mundo, exceto Blake, ficou aparentemente satisfeito. Mas Diana notou que seus olhos cinzentos a olhavam de forma inquiridora. E ela percebeu que ele não iria desistir tão facilmente. Meio aborrecida, retornou ao ponto em que parará:

— Este é nosso contexto. Somos do departamento de marketing da Atum Worthworld. Nossa companhia tem a possibilidade de construir um pavilhão na Disneyworld, aqui em Orlando. Só temos quinze minutos para vender a idéia para o presidente da Worthworld. Vamos reunir três ou quatro sugestões para o pavilhão, que não darão outra chance para o presidente se não concordar com a gente. Não se preocupem se suas primeiras idéias não forem boas. Apenas contribuam com aquilo que passar por suas cabeças.

— Você está brincando! — exclamou um homem ao lado de Blake. Mas os demais participantes do grupo acharam a história interessante.

O grupo começou a dar suas sugestões, inicialmente com certa inibição, depois com mais entusiasmo.

Alguns minutos mais tarde, Diana percebeu que Blake estava sentado de modo indolente em sua cadeira, observando-a com atenção, mas sem participar da brincadeira. Particularmente, ela preferia ignorá-lo, mas como um dos orientadores da conferência ela tinha que fazê-lo participar.

— Você ainda não deu nenhuma sugestão, sr. Hamilton.

Todos olharam para ele, mas tornar-se o centro das atenções não o deixou sem jeito. Era como se estivessem realmente numa reunião e o presidente da companhia resolvesse finalmente dar seu parecer sobre um assunto. Mas, quando ele falou, sua resposta era mais uma forma de rebaixá-la do que de dar sua sugestão para o problema imaginário.

— Para ser honesto, "Abacaxi", gostaria de ter em mãos todos os dados antes de tomar uma decisão — falou, inclinando a cadeira para trás e cruzando os dedos, num típico gesto de demonstração de poder.

Aquelas palavras, somadas ao ridículo apelido, fizeram com que Diana corasse sob a maquilagem. Mas manteve a voz firme:

— Com certeza você deve ter algumas idéias preliminares. Ou será que precisa de mais estímulos para sua imaginação? — perguntou, tentando manter a voz o mais profissional possível.

Por um momento, Blake olhou-a dentro dos olhos. Depois, curvou os lábios levemente para cima, num pequeno sorriso, e ele respondeu:

— Se você insiste em conhecer minhas idéias, que tal um restaurante onde se sirvam todos os pratos possíveis feitos com atum? Isto poderia divulgar nosso produto e satisfazer o apetite de milhares de turistas famintos.

A forma como falara deu a Diana a certeza de que estivera pensando no problema e que não falara antes para primeiro ouvir os outros participantes. Obviamente, não se sentira à vontade em agir espontaneamente.

A sugestão de Blake fora evidentemente a melhor. E, quando falara, todos pararam para ouvi-lo, o que indicava que tinha espírito de liderança.

— A idéia do sr. Hamilton é boa, mas é como um pedaço de bolo sem recheio. Vamos melhorá-la para torná-la mais criativa — ela comentou, olhando-o de soslaio.

Qualquer outro homem teria reagido negativamente se uma mulher lhe dissesse que uma idéia sua não era suficientemente boa. Mas ele apenas se recostou na cadeira e ficou esperando novas sugestões.

Diana continuou explicando outra técnica para estimular a imaginação através da associação livre. Todos davam sugestões enquanto um membro do grupo as escrevia num papel. O exercício era bem divertido e surtia efeito. De repente, todos se viram planejando o cardápio fictício do restaurante e sua decoração. No final do exercício, já haviam decidido que o restaurante seria instalado num antigo navio e que os garçons se vestiriam como marinheiros.

Diana estava realizada ao ver que mesmo Blake estava gostando da brincadeira. Quando o grupo reuniu-se aos outros, ele e os demais pareciam estar bem mais conscientes do que a palestra pretendia mostrar.

Depois, os palhaços fizeram a encenação de uma crise em uma empresa, parodiando as soluções usuais. Todos os participantes, inclusive Blake, riam diante da realidade da caricatura, identificando-se nas situações; e, quando a encenação acabou, todos estavam prontos para ouvir as soluções alternativas propostas por Jim Williams.

Contudo, ao mesmo tempo que prestava atenção à apresentação, Blake não tirava os olhos de Diana. Procurava observar cada detalhe, a forma como sentava, como inclinava a cabeça, seus expressivos olhos azuis e as mãos, com dedos longos, muito bonitas. Ela devia ter mais ou menos um metro e setenta de altura e, sob a roupa de palhaço, devia haver um corpo esguio e longilíneo.

Planejara colocá-la contra a parede no final da palestra. No entanto, ela e os outros palhaços saíam por trás do palco, enquanto Jim Williams dizia as últimas palavras:

— Foi muito bom estar com vocês. E, para demonstrar nossa gratidão, gostaríamos de convidá-los para o coquetel que nossa firma vai oferecer na Sala Pensacola, das cinco às seis da tarde. Assim, ainda terão bastante tempo para passear pela Disneyworld esta noite. E se vocês acharem que falamos algo de útil para suas empresas ou se estão interessados em algum de nossos cursos, entrem em contato conosco aqui mesmo ou em nossos escritórios em Tallahassee.

Assim que Williams terminou de falar, Blake levantou-se decepcionado, mas não totalmente sem esperanças. Afinal, ainda teria uma chance de descobrir o verdadeiro nome de seu palhaço.

Olhou o relógio e viu que ainda tinha duas horas até o coquetel. Então, resolveu ir até o belo apartamento que a Computadores Galaxy, empresa de que era dono e presidente, mantinha em Orlando e que normalmente era ocupado por funcionários em visita à Disneyworld, mas que naquela ocasião estava totalmente livre. Queria fazer algumas observações por escrito sobre a palestra, que fora muito interessante.

De volta ao seu quarto no Hyatt Orlando, Diana Adams arrumava-se para o coquetel. Passara meia hora tirando a pintura de palhaço e depois entrara num banho relaxante.

Ao olhar para sua imagem refletida no espelho do banheiro, alegrou-se ao ver novamente o rosto oval, o nariz arrebitado e o sorriso perfeito, e seus cabelos castanho-claros e sedosos caírem naturalmente à altura dos ombros.

Rapidamente, ela colocou um vestido rosa, acinturado, que sobressaltava sua estrutura longilínea. Maquilou-se levemente, usando apenas um pouco de ruge, uma sombra cinza e um batom suave.

Uma vez que planejava ir para a Disneyworld mais tarde, procurou colocar um par de sandálias mais confortáveis do que bonitas.

Agora que estava novamente com sua aparência normal, ninguém, exceto outros funcionários da Assessoria de Gerenciamento, poderia reconhecê-la como o palhaço Abacaxi. Assim, ficava livre do desastre que fora sua tarde. E se Jim Williams tentasse convencê-la a se vestir de palhaço novamente ficaria desiludido, pois não se prestaria mais àquele papel.

Dez minutos mais tarde, Diana estava com um copo de vinho na mão, conversando com outros conferencistas.

— O que achou da palestra até agora?— um homem loiro perguntou-lhe.

— Hoje passei o dia muito ocupada participando de outras atividades. Mas amanhã pretendo participar o máximo possível do seminário.

Aquela conversa banal era típica de qualquer coquetel do gênero. Diana não via a hora de alguma coisa acontecer quando seu olhar se dirigiu para a porta e viu que Blake Hamilton estava entrando no salão.

Ele vestia uma roupa informal, e por um minuto seu coração bateu mais forte ao ver aquele homem extremamente atraente. Tinha que realmente fazer um esforço para não sair correndo em sua direção para conversarem, se conhecerem de verdade.

Mas não podia fazer aquilo. Seu comportamento naquela tarde a impedia de agir normalmente agora. Certamente, devia estar imaginando que ela era do tipo de mulher que iria para a cama com ele logo no primeiro encontro. E tinha todos os motivos para pensar daquela forma. A primeira impressão era muito importante. Uma vez estabelecida, ela guiava todas no futuro relacionamento entre duas pessoas.

Por um momento ela ficou no mesmo lugar, observando-o atravessar a sala. O olhar dele caía detidamente sobre cada mulher e depois se desviava. Não dava a impressão de estar atrás de um encontro casual. Na realidade; parecia estar atrás de alguém em especial. E Diana tinha certeza de que aquele alguém era ela.

O homem loiro com quem conversava fizera-lhe aparentemente outra pergunta, à qual não escutou. Perturbada, murmurou:

— Desculpe-me, mas acabo de ver alguém que quero evitar.

— Como?

— Nada, não. Foi bom encontrá-lo. Espero que goste de nossas outras palestras.

Diana sentia uma necessidade terrível de se afastar. Blake acabara de fazer seu exame inicial e andava diretamente em sua direção.

Reagindo ao impulso de tirar a plaqueta de identificação da roupa, Diana forçou-se a andar lentamente até a mesa do *buffet*. Sentia um frio horrível no estômago, mas forçava-se a pensar que seu único problema naquele minuto era decidir entre o patê de atum e o de salsicha.

Virando-se um pouco, certificou-se da posição de Blake. Para seu alívio, ele dera uma paradinha no bar. Na segunda vez que olhou, ele pegara um drinque e conversava animadamente com duas mulheres de sua altura. Aquilo queria dizer que ele ainda não tinha certeza de quem ela era realmente.

Para um observador despreocupado, ele pareceria um homem completamente à vontade, à procura de diversão para relaxar do dia estafante. Mas quem estivesse atento perceberia que ele estava atrás de alguma coisa, e que, como um bom homem de negócios, orientava-se por dados colhidos por ele mesmo numa pesquisa pessoal.

Quando Diana olhou-o novamente, ele conversava com outras três mulheres, mas ela pôde notar que mantinha um olho na porta. Se uma mulher escapasse da sala, ele notaria. Sentia-se como um coelho pego numa armadilha.

Foi então que ele se aproximou do grupo com que ela conversava naquele momento. Olhou para seu crachá de identificação e comentou:

— Vejo que pertence à Assessoria de Gerenciamento...

— Sim? — ela replicou, inclinando a cabeça.

— Gostaria de dizer-lhe o quanto gostei da palestra esta tarde. Não imaginava que fosse aproveitar tanto.

— Direi isto a Jim Williams.

— Você estava lá? Seus auxiliares estavam vestidos de palhaço. Foi uma excelente idéia.

— Já me disseram isto — respondeu Diana, cautelosa. Aparentemente, ele não estava certo de que ela era o palhaço Abacaxi. Aquilo queria dizer que ela ainda tinha esperanças. Se conseguisse ir discretamente até o banheiro de senhoras e depois para a porta de saída, talvez ainda conseguisse voltar para o quarto antes da excursão para a Disneyworld.

— Com licença — falou, abaixando os olhos e indo direto para o banheiro. Não se sentiria a salvo exceto quando estivesse em seu quarto.

Cinco minutos mais tarde, quando tomava coragem para sair, Blake estava encostado na parede exatamente à frente de seu refúgio. Assim que ela saiu do banheiro, seus olhos se encontraram. Havia uma expressão de desafio nos dele e apreensão nos dela. Naquele momento, Diana soube que ele sabia. E pior, ela sabia que ele sabia que ela sabia.

CAPÍTULO II

— Muito bem. Abacaxi, ou devo dizer Diana Adams? O jogo acabou — falou Blake, olhando para o crachá de identificação de Diana.

Ela fingiu surpresa.

— Desculpe, acho que está me confundindo com outra pessoa.

— Tenho certeza de que não, a não ser que você e Abacaxi usem o mesmo esmalte de unhas.

Blake pegou-lhe a mão entre as suas e passou o polegar pelos dedos longos e finos. Lutando para retirar a mão, Diana lançou um olhar gelado para o esmalte rosa das próprias unhas. Nervosa, tentou livrar sua mão dos dedos fortes de Blake.

Mas a mão dele era forte como aço. Percebendo que ele era forte demais para ela, desistiu de soltar-se naquele momento. Lutar contra ele somente criaria uma cena, e ela não queria de maneira nenhuma que alguém descobrisse quem era. Ainda tinha alguns seminários para apresentar e precisava que a atenção dos participantes fosse toda para o assunto a ser apresentado, e não para sua pessoa.

Mesmo assim, lançou um olhar desafiador para Blake falou-lhe de tal forma que só ele poderia escutá-la:

— Você não acredita que um júri aceitasse uma prova tão circunstancial quanto esta, não é?

— Talvez não, mas há ainda outra prova. Você tem o hábito de baixar a cabeça quando está pensando. E ainda existem como provas a sua altura e a cor dos olhos. Eles têm um tom diferente de azul. E também a voz. Tenho um ouvido muito bom. O som da sua voz é extremamente sensual.

Diana endireitou o corpo rapidamente, sentindo uma onda de calor subir pelas faces. Seu rosto ficou tão vermelho quanto a face pintada de Abacaxi. Algo lhe dizia que se metera num imenso problema, graças ao comportamento indecoroso de Abacaxi, que incentivara Blake Hamilton. Mas Diana Adams não pretendia de maneira nenhuma deixar aquilo continuar.

— Você se incomoda de soltar a minha mão? — perguntou ela, com voz gelada.

— Eu gostaria que jantasse comigo esta noite.

Diana balançou a cabeça. "Abacaxi teria aceitado o convite de imediato", pensou, mas ela não estava mais no papel de palhaço.

— Sinto muito, mas vou fazer uma excursão para a Disneyworld — respondeu e, lançando os olhos para o relógio, continuou: — O ônibus sai em quinze minutos, obrigada pelo convite.

— Bem, eu sou bastante flexível — Blake sorriu, sedutor.

Ele certamente era bastante flexível e quase irresistível também. Aquela era a razão por que ela se metera naquele problema. Agora, mais do que nunca, não poderia encorajá-lo. A julgar pelo modo como a olhava, convidara-a para jantar, mas iria querer ter Abacaxi para sobremesa. E por que não, depois do comportamento dela pela manhã?

— Receio que o ônibus esteja lotado. É uma pena que não possa vir também. Quem sabe nos vemos numa outra ocasião? — ela cortou-o, num tom de voz educado mas nem um pouco convincente.

— Tudo bem, vejo você em outra ocasião — ele continuou o jogo, soltando-lhe a mão.

— Talvez.

Diana dirigiu-se para a recepção, sentindo o olhar de Blake às suas costas, analisando-a. Infelizmente, aquele vestido cor-de-rosa realmente era muito mais provocante do que a roupa de palhaço.

Assim que as portas do ônibus se fecharam e o veículo se afastou, Diana suspirou de alívio, ao ver que Blake não entrara para sentar no lugar vago que ainda havia atrás dela. Finalmente ele desistira. Apesar de não ter mentido sobre o ônibus estar lotado, experimentou uma pontada de sentimento de culpa e arrependimento.

Tinha que reconhecer, estava tremendamente atraída por aquele homem. Por trás da roupa de trabalho, notara seu tipo atlético, com ombros largos e quadris estreitos, do jeito que uma mulher gostava num homem, principalmente se, para completar o conjunto, seu rosto fosse interessante. Apesar do nariz não ser nenhuma maravilha, suas feições eram bastante atraentes. Como olhos cinzentos podiam ser tão calorosos e frios ao mesmo tempo? E o sorriso, tão amigável e tão sensual? Não, ela não podia ficar pensando daquele jeito. Entretanto, sabia que o que mais a impressionara não era sua aparência física, mas a mente ágil e inteligente.

Em seu trabalho, encontrava uma série de pessoas inteligentes a toda hora, mas o sr. Hamilton irradiava confiança e autoridade. Era um adversário de peso. Durante a tarde, quando conversavam, fora muito divertido. Ela apreciara tanto que fora um sacrifício parar com a brincadeira. Gostaria de saber até onde ele teria ido.

Bem, fora um erro dar tanta corda a ele, mas aquilo não significava que sua viagem fracassara. Ela desejara ir àquele seminário e pensara nele durante meses, principalmente por causa da oportunidade de ir à Disneyworld. Apesar de já estar morando na Flórida havia dois anos. Tallahassee era bem ao norte do Estado, e sempre estava muito ocupada com o trabalho, para ter tempo de passear. Assim,

quando Jim Williams, seu chefe, insistira que ficasse mais tempo em Orlando para aproveitar a viagem, ela aceitara de imediato. Naquela noite iria conhecer o Epcot Center, assim teria idéia de onde passaria seus dias de férias.

Assim que o ônibus parou na entrada principal, Diana avistou logo a gigantesca bola de espelhos do parque, e o motorista falou ao microfone:

— Nosso ônibus estará aqui no estacionamento para pegá-los às nove e meia. Por favor não se atrasem. Quem não estiver no horário, terá que arranjar outra condução por conta própria.

Diana automaticamente conferiu a hora. Ainda não eram seis horas. Tinha bastante tempo livre. Talvez pudesse andar em alguma das atrações se as filas não estivessem longas demais.

Assim que desceu do ônibus encontrou Carolyn Moison e Ginny Cook, duas colegas de trabalho. Carolyn era uma loira *mignon* e Ginny uma ruiva muito atraente.

— Quer se juntar a nós? — perguntou Ginny.

— Seria ótimo — Diana concordou, feliz por ter companhia.

Usando os roteiros de localização, as três dirigiram-se para a parte oeste do Epcot Center. Olhando o céu, Diana observou o sol se pondo e pensou que apesar da temperatura ainda estar agradável, logo ficaria bastante frio. Ainda bem que trouxera um suéter.

— Já estive aqui antes? — quis saber Carolyn.

— Não, nunca.

Nenhuma das três conhecia o lugar e Ginny sugeriu que tomassem o caminho da direita.

— Gostaria de conhecer em primeiro lugar o World Show-case — Diana sugeriu, referindo-se a um imenso lago em torno do qual havia a réplica de uma região famosa de cada país do mundo.

As outras concordaram entusiasmadas. Os canteiros do Epcot Center eram esplêndidos, cheios de azaléias, fontes de água e muitas plantas. Diana estava começando a se sentir como uma criança, e notou que o mesmo estava acontecendo com suas colegas. Apesar de terem acabado de vir de um coquetel, elas pararam numa carrocinha de sorvete e compraram picolés de morango.

Quase meio quarteirão atrás delas, Blake parou e prendeu a respiração. Depois de Diana ter tomado o ônibus, ele rapidamente pegara o carro e seguira para a Disneyworld. Chegara à área de estacionamento do Epcot Center quase ao mesmo tempo que o ônibus. Sabia o quanto o parque era imenso e que suas chances de encontrar Diana eram mínimas se não a seguisse desde a saída do ônibus. Assim, em vez de esperar os trenzinhos que levavam as pessoas para a entrada principal, correu para poder ficar perto dela. Se não estivesse acostumado a correr oito quilômetros diariamente, jamais teria agüentado aquela corrida.

Vira quando Diana se aproximou de duas garotas, o que achou muito conveniente. O trio ia atravessar o Centro de Comunicação do Futuro. Conhecedor de toda a geografia do parque, ele foi esperá-las do outro lado, como se não estivesse seguindo ninguém. Diana não acreditaria nele, mas não tinha importância.

— Oi, alô! — ele cumprimentou-a, quando as três se aproximaram, lambendo seus sorvetes. — Que surpresa agradável encontrá-la aqui!

Diana quase deixou cair o sorvete, tal foi o susto que levou. Como ele conseguira chegar ali antes dela?

Blake já estava se apresentando às outras moças. Era óbvio pela fisionomia das duas que estavam impressionadas com a aparência física de Blake e com seu charme natural.

— Diana e eu somos velhos amigos — explicou, exagerando. — Mas a sua agenda está tão cheia que não temos tido tempo para estar juntos.

— Por que não nos contou que esperava alguém? — Carolyn dirigiu-se a Diana, curiosa.

— Eu não...

— Na realidade não era uma coisa muito certa — Blake interrompeu-a. — Mas, agora que nos encontramos, ficarei feliz em mostrar a vocês todo o Epcot Center, se permitirem. Já trouxe minha sobrinha aqui algumas vezes e conheço tudo muito bem.

"Com certeza conhece", Diana falou para si mesma. A familiaridade com que ele a encontrara provava aquilo.

— Mas, naturalmente, vocês gostariam de ficar sozinhos — Ginny observou.

— Não! — Diana falou rapidamente. — Eu não permitiria de maneira nenhuma que Blake perdesse o prazer de estar acompanhado de três mulheres em vez de uma só.

As outras duas trocaram olhares.

— Se tem certeza de que não se incomoda... — Ginny insistiu.

— Bem, então vamos levá-lo primeiro para tomar um sorvete de morango — Carolyn brincou.

— Parece ótimo mas, se não se incomodam, eu prefiro sorvete de abacaxi — ele falou, e Diana entendeu a mensagem.

O grupo parou na entrada da Jornada pela Imaginação.

— Geralmente tem uma fila imensa aqui — Blake observou. — Vamos aproveitar que está vazio. O passeio é maravilhoso e os jogos também. Na realidade, minha companhia é responsável pela parte de computação.

— Nossa, que excitante! — Ginny falou entusiasmada. — Qual a companhia em que trabalha?

— Galaxy. Fica em Boca Raton.

Diana não resistiu à curiosidade e perguntou:

— Você trabalha na equipe que desenhou o projeto?

— Não, eu sou o presidente da companhia.

Diana quase caiu de susto. Lembrou-se da conversa que tiveram sobre padrões durante o seminário. Ele devia ter se divertido muito à sua custa.

— Eu mostrarei a vocês nosso projeto do passeio — ele ofereceu-se quando já estavam na esteira rolante que levava aos carrinhos.

— Quantos em seu grupo? — perguntou a atendente.

— Quatro — Blake respondeu.

Então, num movimento muito rápido que Diana não pôde deixar de admirar, ele segurou-a para que Ginny e Carolyn se sentassem no banco da frente do carrinho, deixando o banco de trás livre para os dois. Antes que pudesse se dar conta, estava entrando no túnel escuro ao lado de Blake.

O carrinho percorreu o túnel escuro até parar em frente a um palco onde havia um pequeno show chamado "Até onde vai a sua imaginação". O show era acompanhado por luzes, fumaça e música, mas Diana estava muito mais interessada no homem sentado a seu lado do que no espetáculo.

Estava perfeitamente consciente do joelho de Blake a poucos centímetros do seu. Ele era um homem muito grande. Provavelmente não haveria espaço para dois homens iguais a ele naquele carrinho. Portanto, ela tinha que se manter bem encostada ao canto do carrinho para não ficar grudada nele. Quando ele

casualmente escorregou o braço para suas costas, estava provavelmente tentando dar mais espaço para os dois. Mas, na verdade, ela duvidava que fosse apenas aquilo. Virando-se, viu que ele olhava para ela, não para o palco.

— Você está perdendo o espetáculo — ela brincou.

— Já vi este espetáculo antes.

— Então por que está aqui?

— Para ficar com você, naturalmente.

Quando finalmente o carrinho se moveu em direção a outro túnel escuro, Diana tentou manter sua atenção em todos os quadros por onde passavam, que representavam todos os tipos de atividade criativa, desde cinema até a literatura e ciência.

O braço de Blake que estava encostado ao banco moveu-se vagarosamente, indo pousar no ombro de Diana. Através do tecido fino da blusa, ela pôde sentir-lhe os dedos acariciando-a levemente na semi-escuridão em que estavam no momento.

— Incomoda-se de parar com isto? — pediu.

Blake parou, mas não desistiu. Diana notou que ele olhava para seus lábios e era-lhe impossível não ver os dele também, de tão juntos que estavam.

Devia sentir-se ultrajada por Blake colocá-la em tal situação mas, apesar de não conseguir ficar sinceramente indignada, não iria deixá-lo tirar vantagem da situação. A proximidade era tal que Diana podia sentir-lhe a respiração contra os lábios. Automaticamente, começou a fechar os olhos e, por um segundo eletrizante, os lábios dela encontraram os seus. Sons, música, tudo tomou conta dele. De repente, deu-se conta de que uma luz real havia se acendido muito perto dos seus olhos semi-cerrados.

Blake sorriu para ela. Por um instante Diana indignou-se com o ar de satisfação que aparecera-lhe nos cantos da boca. Já ia pedir uma explicação quando o carrinho virou uma esquina e uma imensa tela apareceu-lhes na frente.

No final do passeio os participantes entravam dentro do espetáculo. Na tela de cinema, o filme corria a toda velocidade, dando a sensação de que os carrinhos corriam com a mesma rapidez. Ginny e Carolyn, que estavam no banco da frente do carrinho, gritaram. Blake e Diana, que estavam atrás, viraram-se um para o outro, os lábios quase se tocando.

Assim que o passeio acabou, as duas moças saltaram do primeiro carrinho.

— Sabia que vocês dois ficariam melhor sozinhos — a ruiva observou. — Nos encontramos no hotel amanhã, Diana.

Antes que Diana pudesse protestar, as duas deixaram ela e Blake sozinhos.

— Orgulhoso de si mesmo, não? — ela acusou-o.

Ele não respondeu, mas a verdade estava estampada em seu rosto.

— O que gostaria de fazer agora? — perguntou ele sem lhe dar resposta.

— Fazer você sair daqui.

— Qual a sua segunda vontade?

Diana colocou as mãos nos quadris e tentou parecer zangada. Poderia dizer alguma coisa para ele se aborrecer e ir embora, mas de alguma maneira as palavras não chegavam aos lábios. Afinal de contas, aquele era um lugar público. Se ela ficasse longe de túneis escuros, estaria segura. Além disso, visitar o Epcot Center sozinha devia ser bastante aborrecido.

— Está bem — Diana cedeu. — Parece que você conhece isto aqui muito bem. Aceito suas sugestões, desde que não sejam de passeios por túneis do amor.

— O mundo está a seus pés — falou ele, apontando para o World Showcase.

Agora que o sol tinha se posto, os pavilhões estavam iluminados por milhares de luzes coloridas.

Diana deixou que Blake a levasse naquela direção, curiosa para conhecer o lugar. Pararam no estande do México e provaram uma especialidade do lugar, arrumado como se estivesse em festa. Depois desceram uma rua típica de Paris. Enquanto caminhavam, Blake comentou a autenticidade das várias lojas.

— Como você pode saber se realmente é tudo autêntico? — Diana perguntou-lhe, feliz que pudesse de alguma maneira criticá-lo. Se havia algo que detestava, era ver alguém falar com desenvoltura sobre coisas que pouco conhecia.

Mas logo Blake fez-lhe ver que aquele não era o caso. Ele viajara muito pelo mundo, para uma grande firma de computação, antes de começar seu próprio negócio. Passara dois anos na Europa, dos quais nove meses em Paris.

Quando Diana pediu a um demonstrador de perfumes para passar um pouco de *Amour*, uma essência caríssima, em seu pulso, Blake imediatamente capturou-lhe a mão e puxou-a para perto dos lábios.

— É um perfume maravilhoso — ele murmurou.

— Pelo preço só pode ser excelente.

— Dois meses atrás você poderia comprar um vidro duas vezes maior que este em Paris pela metade do preço daqui. Pense no dinheiro que economizaria se fosse até lá.

— Acho que posso fazer uma economia bem maior resistindo à tentação de comprar — Diana replicou, secamente.

As filas para as diversões estavam imensas naquela hora. Assim, resolveram entrar numa *patisserie* e comerem alguma coisa.

— Você pode dar uma mordida no meu pastel e eu uma no seu bolinho — Blake sugeriu, assim que se sentaram numa mesa coberta com um guarda-sol.

Apesar de ele estar se comportando maravilhosamente, Diana suspeitava que qualquer brincadeira, por mais inocente que fosse, poderia degenerar em uma forma de seduzi-la. Por isso, recusou com polidez.

— Então por que não me conta o que faz quando não está em seminários vestida de palhaço?

— Eu ensino outras mulheres a serem bem-sucedidas no meio do império masculino.

— Você quer dizer que ensina como devem tratar presidentes de companhias como eu?

— Exatamente.

— Então eu ficaria em desvantagem se você resolvesse aplicar algumas das suas táticas comigo?

— Naturalmente que não. O que fazemos é mostrar às mulheres como devem proceder para conseguirem vencer — ela explicou. Uma vez estimulada, falou uns cinco minutos sobre seu trabalho. Depois de uma pausa, perguntou-lhe: — Que acha disso?

— Estou intrigado, mas acho que agora devemos nos interessar por fogos de artifício.

— O que quer dizer?

Mas não foi preciso Blake responder, pois centenas de fogos coloridos espalharam-se no céu. Diana pulou da cadeira para poder ver melhor.

— Eles fazem isto todas as noites — Blake explicou, apontando para os fogos.

Diana virou-se para ver melhor, mas sua visão foi bloqueada pela multidão de pessoas que também observava.

— Venha — Blake falou, puxando-lhe a mão. — Sei de um lugar de onde podemos ver tudo.

Rapidamente, levou-a para trás de uma loja de perfumes até o segundo andar, que estava totalmente abandonado, pois só era usado para decoração externa. Nele, havia uma pequena sacada que dava para fora.

— Tem certeza de que estaremos seguros aqui? — ela perguntou, olhando para a frágil varanda.

— Minha sobrinha e eu descobrimos este lugar da última vez que estivemos aqui. Posso lhe assegurar que é bastante firme.

Havia tão pouco espaço na varanda que os dois ficaram colados um no outro. Mais uma vez Blake planejava tudo para ficarem sozinhos, só que daquela vez com sua ajuda. Mas não queria perder aquele espetáculo por nada no mundo.

— Deixe-me arranjar mais espaço para você — Blake murmurou, colocando-se atrás dela e passando os braços em volta da sua cintura.

Ali da varanda eles tinham uma visão total dos fogos e do lago. Logo que explodiu mais uma série deles, o impacto do choque como que jogou Diana contra o corpo de Blake. A sensação não foi nada desagradável e aparentemente Blake também gostara muito. Seria sua imaginação ou ele tinha escorregado a mão para cima? Ela podia sentir a mão forte por baixo dos seios. Por um momento desejou ardentemente se virar e beijá-lo, mas manteve-se firme olhando os fogos de artifício e cruzou os braços sob os seios para ficar bem protegida.

— Ficaria muito feliz em permanecer aqui com você a noite toda — Blake sussurrou, os lábios contra sua orelha.

A noite toda! Subitamente, Diana lembrou-se preocupada de que não tinha a noite inteira! Precisaria estar de volta ao estacionamento às nove e meia para pegar o ônibus. Com um suspiro de pesar, consultou o relógio. Já eram quase nove e meia.

— Blake, eu perdi o ônibus — ela gemeu.

— Oh, isto é péssimo — ele fingiu lamentar.

Diana virou-se e olhou-o acusadoramente.

— Tenho a sensação de que isto não foi um acidente.

— Acha que eu iria deixar você perder o ônibus para voltar comigo de carro? — ele perguntou inocentemente.

Diana estudou o rosto de Blake, tentando decidir se ele era culpado.

— Você vai deixar-me levá-la de volta, não vai? — ele insistiu.

— Acho que não tenho escolha. E é melhor que seja agora — ela falou, desconcertada. — Tenho um seminário amanhã bem cedo.

— Está certo.

Saíram dali e foram esperar o trenzinho que os levaria para o estacionamento.

— Aquele "transatlântico" é o seu carro? — Diana perguntou, quando chegaram ao imenso carro de Blake. — Nunca ouviu falar em economia de combustível?

Blake deu de ombros.

— Apesar de toda a propaganda que se faz em Nova York sobre as vantagens de um carro compacto, devo confessar que para um homem do meu tamanho não funciona. Um carro grande é muito mais confortável.

Diana teve que admitir que Blake tinha razão. Além do que, o carro parecia muito prático, com quase tudo automático. Bastava apertar um botão e o assento ia para trás ou a janela se fechava. Imediatamente após entrarem e ele ter apertado um botãozinho, um som de música romântica inundou o carro.

Diana lançou um olhar intrigado para Blake, mas ele estava ocupado em ajustar o espelho retrovisor. Assim, achou melhor não se preocupar naquele momento e começou a colocar o cinto de segurança. Mas, talvez porque estivesse nervosa por estar sozinha com aquele homem desconhecido, não conseguiu travar o fecho do cinto.

— Algum problema? — perguntou Blake, curvando-se sobre seu ombro e travando o cinto.

Diana escutou o barulho da trava se fechando mas Blake não se afastou.

— Sabe, desejei ficar a sós com você toda a tarde — confessou ele.

Antes que Diana pudesse dizer uma palavra, ele colocou os dedos gentilmente contra o seu rosto, puxando-o para si.

Quase sem poder respirar, tomada de excitação e apreensão, ela aceitou o beijo que esperava desde o fim do passeio no "Mundo da Imaginação". Olhando para dentro daqueles olhos profundos, viu paixão e determinação.

— Acho que está na hora de acabarmos com o nosso jogo — ele murmurou.

Antes que Diana pudesse protestar que não estava fazendo nenhum jogo, Blake cobriu-lhe os lábios com os seus. O beijo começou com uma pressão gentil, mas irresistível, fazendo com que ela desejasse mais. Ele não teve que pressioná-la muito para que abrisse os lábios para recebê-lo.

Com um murmúrio de prazer, Blake avançou a língua para a maciez de veludo daquela boca sensual, fazendo Diana soltar um suspiro de satisfação.

Inebriado de prazer, ele continuou a exploração do delicioso território, surpreendendo Diana, que nunca experimentara tanto prazer num único beijo.

Apesar do espaço reduzido no interior do carro, Blake conseguiu passar os braços em torno de Diana, acariciando-lhe o pescoço. Depois, vagorosamente, foi deslizando os dedos para baixo, e só parou quando a sentiu estremecer.

Diana olhou-o interrogativamente. Podia até antecipar as palavras que ele lhe diria em seguida, como se aquilo fosse a repetição de um sonho ou de uma experiência já vivida.

— Não acho que o estacionamento da Disneyworld seja o melhor lugar para fazer amor com você — falou ele suavemente.

Diana, cujos pensamentos vagavam num mundo encantado, voltou bruscamente à realidade.

— O que você disse?

— Estaremos muito mais confortáveis em meu apartamento — ele sugeriu.

Diana empurrou-o com as mãos. Então finalmente ele confessara o que queria desde o momento em que a encontrara naquela tarde!

Apesar de sua dinâmica participação naquele beijo, ela não pretendia de maneira nenhuma ir para o apartamento dele.

— Sr. Hamilton, talvez eu tenha lhe dado uma impressão errada, eu não sou desse tipo de mulher. Agora, por favor, leve-me para o hotel — embora estivesse tremendo por dentro, ela conseguiu falar com toda a segurança.

Blake piscou, embaraçado.

— Mas há um minuto atrás eu pensei...

— Qualquer um comete erros, e se não der partida no carro imediatamente, acharei um outro transporte.

Diana sentia o coração bater desesperadamente, enquanto segurava com firmeza a maçaneta da porta do carro, só de imaginar que aquele homem pudesse mantê-la trancada ali, se quisesse. Droga! A culpa era dela por estar naquela posição tão vulnerável, pois dera a entender que aceitava tudo. Logo ela, que jamais desculpava aquele tipo de mulher que achava que podia se comportar de qualquer maneira só porque estava em férias. Se chegasse a seu apartamento intacta, estava certa de uma coisa: iria se manter longe de Blake Hamilton pelo tempo que ainda lhe restava em Orlando.

— Você realmente quer ir para casa? — perguntou ele, não muito seguro.

— Sim.

— Muito bem — disse ele com frieza, e deu partida no carro.

O único som que se ouviu durante o trajeto para o hotel foi da voz do cantor Kenny Rogers, que apropriadamente cantava *Alguma Coisa Está Queimando*.

CAPÍTULO III

Enquanto cruzava a sala extremamente bem mobiliada de seu apartamento em direção ao bar, Blake lamentava que os fogos de artifício tivessem terminado tão cedo. Ele provavelmente precisaria de uma bebida forte para conseguir dormir naquela noite. Talvez um banho frio servisse como remédio.

Diana Adams lhe escapara de novo. No carro, por um momento, ela estivera completamente em suas mãos. Mas o tom de voz que usara quando pedira para levá-la para casa fora de uma firmeza indiscutível.

Blake sentou-se no sofá com o uísque duplo na mão. De repente, lembrou-se da srta. Crenshaw, sua professora da quinta série que falava de uma forma tão dura quanto Diana. Sem dúvida, as duas sabiam como dominá-lo, embora não tivessem nada mais em comum do que o tom de voz autoritário.

Nunca, em suas fantasias, pensara em levar a srta. Crenshaw para a cama, enquanto era justamente em fazer amor que pensava cada vez que olhava para Diana. Talvez tivesse ido rápido demais. Mas havia muito tempo não se interessava tanto por uma mulher.

Diana Adams não era apenas bonita e sensual, como também inteligente e interessante. Devia ter insistido para que ela reconsiderasse sua decisão. O seminário terminaria no final de semana. Ela voltaria para sua cidade e ele para Boca Raton.

Embora a idéia o deprimisse, Blake não era o tipo de homem que se entregasse à depressão. Colocando o copo vazio na pia da cozinha, começou a planejar seus passos para o dia seguinte. A primeira coisa que faria seria ver se Diana estaria dando alguma conferência.

Assim que pegou o programa do dia na manhã seguinte, Blake viu que Diana seria a conferencista da Sala Saint Augustine, uma das maiores. Antes de se

dirigir até lá, ele parou para tomar uma xícara de café. Quando chegou para a conferência, a sala já estava praticamente lotada, com aproximadamente cento e cinquenta mulheres. Foi sorte encontrar um lugar vago praticamente na última fileira. Ali estava ótimo para ele, que já se sentia meio sufocado no meio de tanta mulher.

A cadeira de metal era um pouco pequena para seu tamanho. Ele levou alguns minutos até se acomodar perfeitamente, virando a cadeira um pouco para o corredor e cruzando as longas pernas um pouco para fora.

Observou Diana atentamente enquanto ela subia ao palco e pendurava um pequeno microfone na gola do *blazer*. Quando ela sorriu para a audiência, ele teve a sensação de que sorria especificamente para ele, e só não teve certeza porque, na noite anterior, não se despediram exatamente de forma amigável.

Mas, ao olhar como as pessoas a sua volta sorriam para Diana, concluiu que aquilo fazia parte de sua encenação. Ela evidentemente estava completamente à vontade. E, assim que começou a falar, ficou claro que era capaz de manter o público interessado no que falava por horas a fio, se fosse necessário.

— Estou contente por ver que tantas mulheres estão interessadas em descobrir como fazer mais do que sobreviver num mundo dominado pelos homens — ela começou, passando a falar de estratégias apropriadas para uma mulher executiva, e continuou: — Vamos ver alguns exemplos específicos. Se você está numa reunião, o primeiro sinal de poder que você usa é a forma como se senta numa cadeira. Se você quer parecer uma dama, você se senta bem-comportada, com os pés cruzados na altura dos tornozelos e as mãos quietas no colo. Mas essa postura pode ser apropriada para um clube de campo, não para o seu serviço. A mensagem inscrita aí é a seguinte: "Estou aqui ocupando o mínimo de espaço que posso. Não se preocupe, não pretendo perturbar ninguém".

A audiência riu e pôde-se ouvir o som de vários tornozelos se descruzando.

— Agora, como um homem se senta? Temos um exemplo perfeito no fundo da sala — Diana comentou, seus olhos se encontrando com os de Blake pela primeira vez naquela manhã. — Notem que nosso típico executivo senta-se ao mesmo tempo de forma ereta e assimétrica. Ocupa sempre mais espaço que o necessário para si, refletindo assim como vê a questão de poder.

Blake forçou-se a sorrir com naturalidade. Com certeza, não ganharia nada tentando explicar por que um homem com o seu tamanho precisava de muito espaço para se sentar.

— Mas ele é duas vezes a gente! — alguém observou.

Diana inclinou a cabeça e começou a examinar Blake atentamente, como se o estivesse conhecendo naquele momento.

— Sim, mas é a liberdade que ele tem em colocar a cadeira da forma que mais lhe agrada que faz a diferença, embora eu não esteja querendo que vocês se sentem dessa forma.

Em resposta, a audiência riu.

— Sempre pensei que os homens se ressentissem das mulheres que procuram imitá-los — uma mulher comentou.

— A mulher eficiente não imita o homem. Ela apenas reivindica para si o mesmo poder que os homens guardaram nos últimos séculos. — Virando-se para Blake, brincou: — Vocês não devem sentir pena dos homens. Eu quase nunca sinto. Vai ver que é por isto que não tenho um.

Ao ouvir as risadas da platéia, Blake levantou-se de seu lugar e se dirigiu para a saída. Quando alcançava a porta, Diana entrava no seu próximo assunto, a melhor maneira de se apertar as mãos.

— O que você faz se um homem lhe passa uma cantada durante o serviço? — alguém perguntou.

— Eu respondo: será que você me acha tão atraente quanto sua mulher?

Por um lado, Blake queria ficar para ouvir mais. Mas sabia que, se ficasse, Diana dirigiria todos os comentários para ele, e naquela situação sentia-se completamente desarmado. Estaria mais auto-confiante se ficasse a sós com ela, mas não acreditava que teria aquela chance. De qualquer forma, não a deixaria em paz, não ainda. Pelo menos não enquanto não a possuísse.

No final da manhã, Blake voltou à Sala Saint Augustine. Diana ainda conversava entretidamente com outras mulheres e nenhuma delas o notou quando ele as seguiu até o restaurante.

Ficou desapontado ao ver que não poderia conversar a sós com Diana. Mas pôde colher uma informação importante enquanto as mulheres caminhavam para o refeitório: Diana estaria livre à tarde e aproveitaria aquele tempo para se bronzear na piscina do hotel. Aquela seria uma ótima ocasião para se aproximar dela.

Vinte minutos mais tarde Blake viu Diana cruzar a recepção do hotel em direção às piscinas. Uma vez lá fora, ela pediu um refrigerante e esparramou a toalha ao lado da piscina olímpica. Tirou o robe vermelho, revelando um elegante maiô que lhe acentuava as curvas suaves do corpo esguio.

Seu primeiro impulso foi entrar na parte das piscinas de terno e tudo para se sentar ao lado dela e conversar. Mas, se fizesse aquilo, chamaria a atenção de todos

como de manhã, ao entrar numa sala onde só havia mulheres. Ele tinha que arranjar, com urgência, uma roupa de banho.

Para sua sorte, dentro do hotel havia uma loja onde se vendiam roupas de todo tipo. Lá, ele encontrou um calção de banho de seu tamanho, embora um tanto quanto ridículo, num tom verde-abacate. Mas, afinal, não estava em situação de exigir mais.

Quando Blake chegou à piscina fantasiado em seu calção exótico e com uma toalha do Pato Donald no ombro, o sol acabara de se esconder por trás de uma nuvem. Diana colocara seu drinque ao lado da toalha e se deitara de costas para tomar sol. De olhos fechados, revelava uma expressão de extrema tranquilidade no rosto.

Blake puxou uma cadeira de sol para o lado dela e sentou-se.

— Está um belo dia para tomar sol — falou para ninguém em particular.

Diana abriu um dos olhos para ver quem invadira seu território. Seus olhos encontraram primeiro uma cintura fina de homem. Subindo o olhar, viu um tórax atlético e ombros largos e não pôde deixar de admitir que o homem à sua frente era realmente um belo espécime. Apoiando-se nos cotovelos, ergueu mais o rosto para ver quem era ele, desiludindo-se ao identificar Blake Hamilton.

Blake sorriu, como se adivinhasse que ela estivera avaliando suas qualidades masculinas.

— O que você está fazendo aqui? — Diana perguntou, contrariada.

— Tomando sol. Apreciando a paisagem — respondeu ele, passeando indiscretamente os olhos pelas curvas de seu corpo, o que a fez se sentir praticamente nua apesar de seu maiô bem-comportado.

Diana balançou a cabeça. Em menos de trinta segundos, Blake fizera com que ela reagisse fisicamente a sua presença. Se não se recuperasse rapidamente, com certeza passaria com ele não apenas o resto do dia, mas também o resto da viagem. Mas não estava disposta a se prestar àquele papel. E, embora estivesse tentada a deixá-lo ali falando sozinho, sabia que a melhor estratégia naquelas ocasiões era agredir o adversário, e não se retirar.

— Está me seguindo de novo — reclamou, os olhos caindo sobre a toalha do Pato Donald.

— Eu faria uma coisa dessas?

— Sim. Você nem está hospedado neste hotel. Avisarei ao salva-vidas de que está ultrapassando seu limite. Ele provavelmente o levará para o distrito

policial mais próximo — ameaçou-o, embora soubesse que suas palavras não surtiriam o menor efeito. Blake era duas vezes maior que o salva-vidas.

— Você é muito gentil por me desejar um futuro tão doce — retrucou ele ironicamente.

Diana chegou a abrir a boca para responder, mas a fechou em seguida. Estaria fazendo o jogo de Blake se mantivesse a conversa. Então, resolveu se deitar de costas novamente.

Seus ombros estavam rígidos. Não iria se voltar para ver o que ele estava fazendo, mas colocou os ouvidos de prontidão para escutar todos os ruídos que fizesse. Ao ouvi-lo levantar a cadeira e abaixá-la novamente, teve certeza de que se aproximara mais dela.

Por uns dois minutos, ele se manteve em silêncio. Depois, ela o ouviu limpar a garganta antes de arriscar:

— Sabe... Eu esqueci meu creme de bronzear. Poderia me emprestar...

Sem nem se voltar, Diana estendeu-lhe o bronzeador. Ele o pegou em silêncio e ela escutou o barulho do tubo sendo aberto e depois apertado com generosidade.

Continuava tensa. Embora não quisesse, não podia deixar de reagir àquele homem. Mesmo sem poder vê-lo, excitava-se diante da idéia de como ele devia ficar sensual com o bronzeador espalhado pelo corpo moreno. Sem querer, começou a imaginar a cena de um passando o bronzeador no outro, sensualmente, e depois fazendo amor.

Levada por seus desejos, Diana perguntou, sem pensar:

— Quer que eu passe o bronzeador em suas costas?

Mal pronunciara as palavras, arrependeu-se, mas não podia voltar atrás. Seria um sinal de fraqueza.

— Se não se incomoda...

— Não, não me custa nada.

Decidiu passar o bronzeador o mais rápido possível, para se afastar daquele corpo tentador. Contudo, a atração que sentia por Blake era maior, e involuntariamente suas mãos começaram a fazer movimentos firmes e circulares pelas costas dele, procurando sentir cada um de seus músculos, cada centímetro de sua pele.

Extasiado, Blake fechou os olhos, entregando-se completamente àquelas mãos de fada.

— Hummm... Como é gostoso! — exclamou.

— Você vai gostar mais da próxima etapa — ela sussurrou, escorregando os dedos longos para o copo de refrigerante. Pegou-o e, com toda a delicadeza do mundo, derrubou seu conteúdo nas costas de Blake.

— Ahhh! — ele exclamou, dando um pulo. O líquido gelado escorreu por suas costas e ele, perguntou furioso: — O que quer provar com isso?

— Que não estou interessada em você — respondeu Diana imediatamente.

Ela voltou a se sentar em sua toalha, tentando aparentar uma calma que não sentia. Daria tudo, naquele momento, para se livrar daquele homem e da perturbação que ele lhe causava.

— Por que você acha que ainda estou aqui, depois do fora que me deu ontem à noite e da forma como me tratou hoje de manhã durante sua palestra? — perguntou-lhe Blake soltando faíscas pelos olhos cinzentos.

— Porque você é masoquista.

Blake pegou-lhe a mão, virou-a e correu o polegar por sobre a palma. Diana tentou retirá-la, mas ele não deixou:

— Apenas me escute — ele pediu.

— Por quê? Já sei o que está imaginando. Sinto muito se lhe dei uma impressão errada ontem na palestra dos palhaços. Agora você acha que basta levantar um dedo para eu me atirar em sua cama como uma criancinha atrás de um doce.

— Você realmente acha que quero apenas isto?

— Suas intenções são óbvias.

— Escute uma coisa, mocinha: se eu estivesse apenas interessado em levá-la para a cama, já teria desistido de você e procurado uma mulher mais acessível.

O que Blake falava tinha sentido. Era sem dúvida um homem bonito, e ela vira como Carolyn e Ginny ficaram atraídas por ele. Se quisesse uma delas, teria na mesma hora.

— Então, quais são suas intenções?

— Não vou mentir. Sinto-me extremamente atraído por você. E lamento termos começado, como você diz, com o pé errado.

— Ah, sim? — Diana olhou-o ainda desconfiada.

— Tenho uma boa idéia. Por que não fazemos de conta que acabamos de nos conhecer? Podemos conversar um pouquinho e depois você aceita meu convite para jantar.

— E você não vai tentar me seduzir assim que eu entrar em seu carro?

— Não vou negar que essa seja uma boa idéia. Mas estou igualmente interessado em conhecê-la como pessoa.

— É difícil acreditar, considerando nosso relacionamento até agora, que você será capaz de passar uma noite inteira sem tentar nada.

— Se aceitar meu convite, vou provar que está errada.

— Está certo — Diana concordou. — Vou lhe dar mais uma chance.

— Isto é ótimo! Agora que está tudo acertado, que acha de um mergulho na piscina?

"Claro, nada estava acertado", Diana pensava consigo mesma enquanto Blake puxava a cadeira para ela em um dos vários restaurantes no Lago Buena Vista. O local era muito bonito, com teto alto e plantas tropicais, e as largas janelas proporcionavam uma vista romântica do lago, que brilhava à luz suave do crepúsculo. Sobre a mesa, uma vela acesa delineava as feições bem-feitas do homem à sua frente.

— Estou realmente feliz por você ter aceitado jantar comigo — declarou ele.

Diana também apreciava, embora não quisesse admitir. Blake estava mais bem vestido que o usual, com um *blazer* caramelo sobre uma camisa de listras finas, marrom e branca. Felizmente, ela também se preocupara em se arrumar bem, com um vestido azul-turquesa decotado que ressaltava seu bronzeado recém-adquirido e, combinando, uma gargantilha de pedras azul-claras.

No decorrer do jantar, ela teve de admitir, Blake se comportou da maneira mais educada possível, contando histórias engraçadas sobre como começar um novo negócio na área de tecnologia de ponta.

Sentindo-se completamente à vontade, Diana falou-lhe de sua experiência como professora universitária e como assessora em seminários.

— E de que trabalho você gosta mais, do acadêmico ou do administrativo? — perguntou ele, servindo-se de creme no café.

— É muito gratificante lidar com jovens, prepará-los para a vida profissional, mas me realizo realmente desafiando a supremacia dos homens no ambiente de trabalho — respondeu Diana após refletir um pouco. Poderia ter

falado qualquer coisa, porém sentiu que ele estava sinceramente interessado no que dizia.

Blake riu.

— Quer dizer que coloca este assunto dentro do campo elementar da guerra dos sexos?

Diana inclinou a cabeça, refletindo antes de replicar:

— Você está certo. Sou uma pessoa um tanto agressiva nesse aspecto, mas a maioria dos homens ainda se recusa a ver a mulher como uma igual no ambiente de trabalho.

— Só para esclarecê-la, quarenta e dois por cento de meus empregados são mulheres.

— E quantas ocupam cargos de gerência?

Blake levantou as mãos, rendendo-se.

— Está bem, não precisa atirar. Vou corrigir a situação assim que voltar.

A conversa seguiu amena e, na hora de pagar a conta, Blake convidou:

— Vamos dar um passeio em volta do lago?

Diana olhou para o relógio. Ainda era cedo e ela estava se divertindo. Agora que saíra da posição defensiva, estava gostando mais de Blake como pessoa e realmente não queria que a noite acabasse tão cedo.

— É uma boa idéia — concordou.

Lá fora esfriara um pouco, soprando uma brisa suave de primavera. Diana colocou o casaco sobre os ombros.

Blake apontou um estreito caminho de pedra que seguia até o *Princess Lily*, um imenso barco antigo atracado no outro lado do lago.

— Quer dar uma olhada? — perguntou.

— Ótima idéia.

Andaram em silêncio por alguns minutos. Ocasionalmente, cruzavam com outros casais, muitos deles de mãos dadas. De alguma forma, aqueles casais tornaram Diana mais consciente do homem a seu lado.

— Se eu não tivesse prometido não tentar nada, juro como pegaria sua mão — ele sussurrou-lhe numa curva. — Mas por mais inocente que seja esse gesto, sou um homem de palavra.

Aquele comentário fez Diana contrair os dedos. Não se importaria se Blake pegasse sua mão, muito pelo contrário. Mas não poderia incitá-lo a quebrar a promessa.

Conforme se aproximavam do barco, ouviam com mais nitidez os acordes de uma banda de jazz. Ao olharem para o interior, viram vários casais dançando.

— Este lugar não faz o meu gênero — comentou Blake.

— Nem o meu.

Continuaram seu passeio, contornando a lagoa, até alcançarem um lugar com mesas e bancos para piquenique.

— Podemos sentar aqui e ouvir a música — ele sugeriu. Sentaram-se e Blake cuidou para que mantivessem alguma distância.

— Quais os ambientes que você gosta? — perguntou Diana.

— Quando estou com uma mulher pela qual me interesso de verdade, prefiro ficar sozinho com ela a permanecer no meio de um grupo de pessoas. Assim, posso me concentrar nela e ela em mim.

Diana o olhou, admirada.

— Mas você fica tão à vontade em grupo! Pensei que fosse uma pessoa extrovertida.

— É apenas encenação. Mas, para falar a verdade, prefiro evitar multidões.

— Oh!

Blake contornou-lhe os lábios com o olhar.

— Já estou arrependido de ter dito que não a beijaria. Não consigo esquecer do quanto seus lábios são macios.

De repente, Diana recordou a cena do carro e involuntariamente entreabriu os lábios num convite. Mas Blake não se moveu para diminuir a distância entre eles, embora ela desejasse que aquilo acontecesse.

— É melhor mudarmos o assunto — ela sugeriu, mal podendo respirar.

— Bem, eu posso continuar dizendo o quanto você estava profissional naquele *tailleur* cinza esta manhã. Ou como você estava sensual naquele maiô bem-comportado.

— Blake!

— Foi você que sugeriu mudarmos de assunto. Não quer falar de jogos de futebol, quer?

— Deve haver um meio-termo, com certeza.

— Você poderia me livrar de minha promessa. Então eu não precisaria mais me preocupar com o que falar.

— Se eu o fizesse, você prometeria não se aproveitar da situação?

— Diana, já lhe disse que estou interessado num relacionamento sério. Eu não iria afastá-la de mim justamente agora que estamos nos entendendo bem.

Blake falara com tanta sinceridade que Diana resolveu ceder. Olhando bem dentro dos olhos dele, escorregou um pouco no banco, diminuindo a distância que os separava, e colocou as mãos em seus ombros largos.

Blake reagiu imediatamente ao convite. Abraçou-a pela cintura com desembaraço, inclinando a cabeça para procurar-lhe os lábios, que continuavam tão macios quanto antes. Aos poucos, foi beijando-a de modo mais exigente, procurando com voracidade os lábios de Diana, enquanto segurava-lhe a nuca para trazê-la mais para perto de si.

Diana praticamente entregou-se àqueles braços fortes, ansiosa para sentir o mesmo prazer que a invadira na noite anterior. Só quando sentiu-lhe a língua passeando selvagememente por sua boca, desvendando todos os seus segredos, ela suspirou, satisfeita.

Se Blake tentasse possuí-la naquele momento, ela não teria forças para dizer não. Mas ele não foi além do beijo, mantendo sua palavra.

Quando finalmente seus lábios se separaram, Diana sussurrou:

— Oh, Blake, me desculpe.

— Por quê?

— Por não confiar em você.

Blake sorriu.

— Se eu fosse você, não abusaria da sorte. Agora vou levá-la para o hotel.

CAPÍTULO IV

Assim que deixou Diana no hotel, Blake voltou para o apartamento mas, quando chegou ao estacionamento, sentiu que não conseguiria dormir. O resultado daquela noite fora quase o mesmo que o da tarde. Agora, Diana estava em sua cama no hotel, e ele, ali, cheio de energia e sem saber como gastá-la.

Entrando no apartamento, vestiu um short, uma camiseta e tênis leves. Então desceu aos jardins bem-cuidados do condomínio e começou a correr. Era a primeira vez que saía para correr à meia-noite depois de um encontro. Geralmente, quando as coisas começavam a esquentar como naquela noite, o único esporte que costumava praticar era sob os lençóis. Mas muita coisa naquele relacionamento não seguia o ritmo habitual. E não era apenas a frustração física que o estava aborrecendo.

O que dissera a Diana tivera algum efeito, mas não sabia se era realmente aquilo que queria. Ir embora era uma opção. Mas já pagara todo o seminário. Era verdade que o dinheiro, comparado com sua liberdade, não tinha nenhum valor. Ele podia fazer as malas e desaparecer. Pensando bem, ela provavelmente devia esperar algo parecido, raciocinou.

Parando de correr, ficou respirando fundo com as mãos nos quadris, o olhar no lago enluarado. O método de relaxamento não estava funcionando.

Por um instante, viu Diana novamente no traje de banho, com o rosto iluminado pelo luar depois que ele a beijara. A imagem provocante trouxe-lhe outra onda de desejo físico e, antes que seu corpo perdesse o controle novamente, decidiu voltar a correr.

Não fora apenas a atração física por aquela mulher que o colocara naquela situação. Quanto mais conversava com ela, mais a admirava e respeitava. Apesar de conhecê-la há muito pouco tempo, pensava nela como uma esposa em potencial.

Embora sempre fosse contra o casamento, talvez aos trinta e cinco anos estivesse despertando alguns instintos latentes. Aquilo não era tão estranho assim. Já acontecera com alguns amigos. O único problema era que uma porção de casamentos feitos assim, quando o desejo era muito forte para esperar, geralmente acabavam depressa. Muitos homens levavam menos tempo para escolher uma garota para casar do que levavam para escolher um carro novo.

Se ele fosse se casar teria que ser tudo muito certo. Não queria passar pelo que acontecera a seus pais, que se divorciaram quando tinha dez anos, depois de terem passado todos os anos do casamento brigando.

Queria uma vida melhor. Naturalmente pretendia uma esposa que o deixasse nas nuvens quando a tomasse nos braços, mas seria tolice de sua parte imaginar que aquele fosse o único requisito para um relacionamento duradouro. Não, o melhor seria alguém que fosse compatível com ele em tudo, principalmente no dia-a-dia.

Enfim, satisfeito com sua clareza de raciocínio, voltou para o apartamento, já fazendo na mente uma lista de requisitos básicos necessários para Diana encaixar-se no papel de esposa. Seria bastante agradável observar como ela se sairia nos testes.

A luz no seu apartamento ficou acesa até tarde aquela noite, enquanto ele analisava suas preferências e necessidades. Mas tempo era fundamental. Precisava convencer Diana a tirar uma semana de férias e ficar ali com ele para poder testá-la.

Na manhã seguinte, depois de um lauto café da manhã, Blake verificou a lista, satisfeito. Ele começara a lista com vinte e cinco itens e depois conseguira reduzi-la para doze. Logicamente, colocara os tópicos em ordem de interesse. Como gostava muito de esportes, o primeiro teste era descobrir se Diana era uma moça *atlética*, além de *atraente*.

Depois... bem, tinha que ser *afetiva, criativa, organizada, confiável*, características de muito valor que ele exigia de seus empregados, e que era o mínimo que poderia esperar de uma esposa. *Boa de cama*: esse era um elemento fundamental. Afinal, um bom relacionamento sexual era o primeiro passo para um bom casamento.

Sua esposa também deveria ser no mínimo uma *boa cozinheira*. Ainda queria alguém *inteligente* o suficiente para ter com quem jogar xadrez e *eficiente*, para compartilhar seus interesses profissionais.

Agora que tudo estava organizado, podia ir ao ataque. Alguns homens achavam que organização não era importante, mas para ele era fundamental. Ainda com a lista na mão, deteve-se num aspecto muito importante: *senso de humor*, coisa rara em sua infância. Era importante não apenas para ele mas também para os filhos que teriam no futuro. Um dos últimos itens se referia à parte monetária. Ela tem que ser *econômica*: Não queria uma esposa que gastasse sem pensar, o que geralmente acabava em divórcio.

Enquanto terminava seu café ficou imaginando qual dos itens ele já poderia riscar. Sabia que Diana era atraente, e que, além daquele aspecto já poderia quase com certeza riscar outros dez. Mas, sendo realista, devia se lembrar de que ninguém no mundo era perfeito.

Sim, ela era inteligente, e iria descobrir brevemente como era na cama, se bem que, sinceramente, achava que aquele item só seria preenchido por último. Não era justo querer descobrir aquele aspecto antes de ela ter passado nos outros.

Terminado o café, Blake teve uma dorzinha de consciência. Seria justo colocar Diana sob um microscópio para ser dissecada daquela maneira, característica por característica? Naturalmente, pensou, seria pelo bem dos dois.

Ela também não gostaria de se envolver com ele se soubesse que eram incompatíveis.

Entretanto, se sentiria melhor se não lhe contasse nada do que planejava. Talvez ela não entendesse a sinceridade de seus motivos. Por enquanto, o melhor era Diana não perceber nada. Se, por acaso, alguma coisa desse errado, eles podiam voltar para casa com a recordação de um fim de semana maravilhoso.

Blake saiu para o centro de conferências assobiando entusiasmado uma canção de amor. Diana dissera que daria uma palestra pela manhã e ele esperava que ela não tivesse uma multidão à sua volta quando a convidasse para almoçar.

A palestra já estava quase acabando quando ele chegou. Assim que Diana o viu, já sentado, deu-lhe um sorriso antes de voltar ao assunto de que falava, como indicado em letras grandes na lousa. "Três maneiras de lidar com homens muito atraentes".

Blake esperou, um pouco preocupado se seria novamente tomado como exemplo. Mas dessa vez Diana abordava o assunto de um modo mais genérico, não específico como da outra vez.

— Uma das melhores armas é sem dúvida o humor — advertiu ela. — Se seu patrão a chamar de "doçura" ou "garota", você pode até reclamar. Mas conseguirá muito melhores resultados se chamá-lo de "gatão".

Blake pegou sua caderneta de anotações, que estava no bolso da camisa, e passou um círculo em volta de senso de humor na lista que fizera.

A frente do auditório, Diana continuava falando:

— Conheça a opinião dele e então ignore-o. Assim é que funciona. Se alguém disse que o melhor seria as mulheres ficarem em casa tomando conta das crianças, a melhor resposta seria: "Posso entender por que você pensa assim, mas as mulheres também são excelentes gerentes".

Diana continuou a falar, fazendo com que a audiência feminina participasse com outras respostas. Algumas vezes, quando achava que as respostas não eram suficientemente boas, ela oferecia uma contra-resposta.

Blake estava achando a palestra divertida e criativa, quase igual à noite em que ela usara um tom autoritário com ele. Abrindo a lista novamente, ele circulou a palavra *eficiente*. Aquilo estava caminhando melhor do que esperava. Talvez conseguisse terminar logo com todos aqueles itens e chegar à melhor parte.

No final da palestra, ele esperou que Diana respondesse a algumas perguntas. Quando a última mulher saiu, ela virou-se para ele com as sobrancelhas levantadas.

— O que você tanto rabiscava durante o seminário? Está com medo que lhe faça um exame ao final do curso?

Blake sentiu-se um pouco culpado. Ela notara. Teria que ser mais cuidadoso.

— Não era nada — justificou-se. — Só estava muito impressionado com o seu trabalho, assim tomei algumas notas sobre o assunto. Mas vim aqui para lhe convencer a almoçar comigo.

— Não vai ser difícil.

— Ótimo?

Pegando-a pelo braço, Blake levou-a para o restaurante.

— Já que você está de bom humor, será que consigo convencê-la a jogar squash esta tarde? — ele perguntou, puxando-lhe uma cadeira.

— Gostaria muito, mas um dos nossos instrutores adoeceu e terei que substituí-lo.

— Qual será o assunto?

— "Tempo na administração".

— Vejo que é uma mulher de muitos talentos.

— Na verdade, tive que pegar as anotações dele na noite passada e estudá-las.

— E estará livre à noite?

— Ainda não fiz nenhum plano. O que tem em mente?

— Há um lugar maravilhoso, perto daqui, que deve conhecer. A comida é excelente e a atmosfera muito agradável.

— Onde?

— Deixe-me fazer uma surpresa.

Diana estava muito amável. Aparentemente, as palavras que ele lhe dissera na piscina tinham feito toda a diferença.

Mas gostaria de saber se ela continuaria assim quando descobrisse que o lugar maravilhoso era o seu apartamento.

Enquanto Diana se vestia para o encontro com Blake, não podia deixar de sentir-se excitada ante a perspectiva de vê-lo novamente. "Que sorte encontrar alguém como ele em Orlando", pensou ao experimentar o vestido rosa, que

delineava as curvas de seu corpo sensualmente. Para finalizar, com um sorriso, passou um batom da mesma cor do vestido e colocou umas gotas de perfume atrás das orelhas, nos pulsos e na base do pescoço.

Blake era o tipo de homem que ela pensava que não existia. Atraente, inteligente, espirituoso, próspero e interessado em outras coisas além do relacionamento físico. Apesar disso, a parte funcional de sua mente a advertia a não ficar muito esperançosa. Afinal, só o conhecia há alguns dias. Mas, mesmo quando pensava que ele era somente um passatempo, reconhecia uma grande afinidade entre os dois.

Fora muito doloroso não ceder no primeiro encontro. Mas agora achava bem melhor assim, experimentando uma sensação de liberdade por saber que podia confiar nele.

Diana sorriu ao receber o olhar aprovador de Blake quando atravessou o tapete vermelho da recepção. O traje dele era menos formal que o seu, uma calça azul-marinho e uma camiseta tipo pólo listrada de azul e branco, mas lhe ficava tão bem que ela quase perdeu a respiração ao olhá-lo.

— Não é necessário usar terno? — indagou ela.

— O lugar aonde vou levá-la é bem informal — replicou ele casualmente.
— Estou morrendo de fome. Vamos?

Quinze minutos mais tarde eles saíram da pista de alta velocidade e entravam numa outra estrada, seguindo uma seta indicando "Vila Manana". Logo chegaram ao condomínio em estilo espanhol.

— É um lugar estranho para um restaurante — observou Diana, curiosa.

— Nunca disse que ia levá-la a um restaurante.

— Por acaso é o famoso apartamento que não quis visitar há algumas noites atrás?

— Para ser sincero, sim.

Desapontada, Diana sentiu como se tivesse levado uma punhalada nas costas. Não devia ter alimentado tantas esperanças em relação àquele relacionamento. Aquilo era mais que um insulto!

Blake percebeu o que ela sentia e explicou-se:

— Ouça, Diana, eu lhe disse a última noite que detesto multidões. Se a única coisa que tivesse na cabeça fosse seduzi-la, teria insistido com você na noite passada.

— Posso entender o que pensa, mas detesto esse tipo de surpresa — respondeu ela, friamente.

Blake jogou a cabeça para trás e riu.

— O que é tão engraçado? — perguntou, Diana.

— Você está usando um de seus chavões de como controlar patrões com sexo na cabeça.

Ela cruzou os braços contra o peito.

— Me pareceu apropriado para o momento.

— Pelo menos me escute — ele insistiu. — Tudo o que lhe disse ontem é verdadeiro. Mas quero estar sozinho com você, não com uma multidão de veranistas barulhentos. Acha que é um crime levá-la para jantar em meu apartamento?

Depois de considerar por alguns instantes, Diana cedeu:

— É, talvez eu esteja cometendo um erro.

— Vai suspender a sentença? — perguntou ele, aliviado.

— Sim, uma vez que o réu está arrependido.

— Oh, certamente está, e com muita fome também. Providenciei uns bifes maravilhosos para jantarmos.

— Por que não falou antes?

Ao chegarem, Blake ajudou Diana a saltar do carro e caminharam através das azaléias do caminho. Ao entrarem no apartamento, ela admirou a sala decorada com móveis modernos e atraentes em amarelo-claro e branco. Um grande espelho numa das paredes fazia a pequena sala parecer maior.

Na sala de jantar, a mesa redonda também dava uma aparência maior ao aposento. A cozinha era pequena mas funcional, com toda a aparelhagem moderna.

— Que lugar agradável! Você o alugou para a semana? — perguntou ela.

— Não, minha empresa comprou-o para que os empregados pudessem trazer a família quando viessem à Disneyworld.

— É um ótimo investimento.

— Geralmente há uma grande fila de pessoas querendo usar o apartamento durante as férias escolares. Foi muita sorte minha que alguém cancelasse a reserva no último minuto.

Diana olhou para a geladeira e, vendo a porta do congelador aberta presa por uma cordinha, indagou, curiosa:

— Para que é essa cordinha?

— É para o sorvete que fiz não ficar muito congelado.

— Está brincando! Você fez sorvete? Qual o sabor?

— O meu favorito — abriu a porta da geladeira, sem dizer o sabor e, pegando um pé de alface, jogou-o para Diana: — É para você escolher algumas folhas e lavar.

Diana automaticamente estendeu os braços e pegou o saco de plástico com a alface.

— Muito bem! — elogiou ele.

— Eu jogava basquete na escola. — Blake, mentalmente, riscou mais um item da lista.

— Você tempera a salada? — sugeriu ele, pegando os bifes.

"Era ótimo que Blake não lhe pedisse para fazer nada complicado", pensou Diana. O máximo que fazia na cozinha era esquentar congelados prontos. Há muito tempo atrás notara que não podia ser perfeita em tudo e tivera que optar entre ter sucesso no trabalho e ser dona-de-casa.

Enquanto Blake bancava o mestre-cuca, Diana descobriu mais verduras para a salada na geladeira.

— Sabe quanto tempo leva para assar batatas no forno de microondas? — ele perguntou.

— Não — respondeu Diana. Uma das primeiras coisas que comprara para seu apartamento em Tallahassee fora um forno de microondas, mas só o usava para preparar alimentos congelados.

— Doze minutos — falou Blake. — Você pode pegá-las na despensa para mim? Assim que os bifes estiverem quase prontos eu coloco as batatas no forno.

Parecia tudo muito fácil, pensou Diana enquanto picava as verduras para a salada. Pelo menos a salada ela sabia fazer muito bem, uma vez que era o que mais comia em sua dieta.

— Parece que a salada está ótima — comentou Blake colocando os primeiros bifes na mesa.

— Obrigada — disse Diana com modéstia. — É uma de minhas especialidades.

Blake pegou o prato de Diana e serviu-lhe um filé; sem esperar por ele, Diana picou-o e deu uma mordida.

— Está delicioso — comentou. — Que molho você usa?

— É uma marinada especial que aprendi com um especialista em Hong Kong. Se quiser, posso lhe dar a receita — ofereceu Blake, orgulhoso.

Diana olhou para o outro lado rapidamente. O último prato chinês que fizera fora para o lixo de tão ruim. Para prevenir novos desastres, respondeu:

— Não, não quero lhe dar trabalho.

— Está no computador. É muito fácil. Antes de você ir embora, pegarei uma cópia.

Blake tirou uma garrafa de vinho tinto do armário e Diana, ao experimentar-lhe a qualidade, elogiou-o pela escolha.

— Você se interessa por vinhos? — perguntou ele, os olhos brilhando de admiração.

— Sim, acho muito interessante saber selecionar o vinho certo para cada comida — respondeu Diana, satisfeita por entender alguma coisa de vinhos.

Aquela resposta levou-os a uma discussão sobre vinhos, e a refeição propriamente dita ficou em segundo plano. Os dois descobriram gostos em comum, incluindo política e livros de mistério. Blake casualmente começou a falar sobre xadrez e, ao descobrir que ela gostava de jogar, desafiou-a para uma partida.

— Tenho um tabuleiro no armário — disse ele. — Gostaria de jogar uma partida depois do jantar?

— Você não é daquelas pessoas que ficam vinte minutos contemplando uma peça antes de jogar, é? — quis saber Diana, consciente de que era apenas uma amadora.

Numa competição séria, Blake poderia até levar mais tempo. Mas, naquele momento, não estava interessado naquilo.

— Não, hoje à noite será uma partida amigável. Enquanto eu pego o tabuleiro, você serve o sorvete.

Quanto ele voltou com o jogo ela já servira o sorvete sobre a mesa.

— Estou suspeitando que este sorvete é de abacaxi.

— Como disse antes, o meu favorito — Blake sorriu, maliciosamente.

— Sua sorte é que o vinho me deixou meio tonta — ela comentou apenas.

Com um suspiro de alívio, Blake notou que Diana piscara o olho. Já superado o problema do "abacaxi", ela aparentemente mostrava que tinha senso de humor para entender a situação que ele armara.

Diana levou as taças com sorvete para a varanda enquanto Blake arrumava o tabuleiro. A noite estava muito agradável com a leve brisa que soprava.

— Este apartamento tem todo o conforto de uma casa e até mais — comentou Diana, sentando-se.

Ali, isolada do mundo, estava muito consciente da presença de Blake. Procurando um lugar para si, ele parecia muito à vontade.

— É muito melhor agora que você está aqui — ele comentou, arrumando as peças para o jogo. — Você pode jogar com as brancas, mas vamos terminar o sorvete antes de começarmos.

Por uns minutos eles ficaram somente saboreando o sorvete feito em casa.

— Agora entendo por que é o seu favorito. É realmente delicioso — Diana elogiou, contente.

— Para ficar bom tem ser feito com manteiga pura. Por isso, não coma demais. Só deve ser comido em ocasiões especiais.

Diana olhou para a travessa de sorvete. Um homem como Blake podia comer um bocado sem perder a linha. Mas aquele sorvete provavelmente supriria todas as calorias que ela necessitava por um dia. Tudo bem, voltaria para as saladas quando voltasse a Tallahassee.

Blake recolheu as taças e começaram a jogar. Sabendo como era fraca no jogo, Diana, um pouco nervosa, procurava pensar bem antes de cada jogada, para não ficar atrás dele, que parecia ser ótimo. Depois de cinco minutos, ele já tomara uma porção de seus peões e um bispo. Assustada, ela resolveu tomar conta do seu rei antes que ele fosse ameaçado.

Num determinado momento, Blake distraiu-se e ela pôde capturar-lhe uma das peças. Ao ver-lhe a excitação, ele comentou:

— Você é bastante competitiva, não é?

— Sim, e suspeito que você não seja do tipo de homem que deixa uma mulher ganhar apenas por cavalheirismo — desafiou-o, olhando-o nos olhos, o que provocou-lhe um arrepio.

Blake podia ser educado e delicado, mas ela pressentia que, quando ele queria alguma coisa de fato, não era nem um pouco gentil. De qualquer maneira, o

jogo a estava agradando demais. Pela primeira vez em anos gostou de saber jogar xadrez.

— Não posso dizer que não gosto de ganhar — Blake falou, tentando se concentrar no jogo e não nela.

— Xeque! — exclamou Diana alguns minutos mais tarde, surpreendendo-o.

Aquilo era demais. Blake fez um esforço para prestar mais atenção ao jogo. Deixou Diana tomar-lhe mais algumas das suas peças de menor importância e deu uma olhada para ver onde iria atacar. Elaborou uma jogada para tomar-lhe a rainha, conseguindo o objetivo com mais três jogadas.

— Um jogo amigável — Diana repreendeu-o.

— Oh, serei bastante amigável — ele prometeu!

Mas aquilo não impediu que ele se concentrasse em atacá-la e, depois de meia hora, conseguisse tomar todas as suas peças importantes.

— Está bem, eu me rendo — admitiu Diana, com uma risada.

— Você lutou muito bem — observou Blake, satisfeito.

— Obrigada. Gostei muito de jogar, e do jantar também.

Diana sorriu, olhando dentro dos olhos cinzentos de Blake, e o calor que sentiu provocou-lhe um arrepio. O seu consciente dizia que era hora de partir, mas mesmo assim ela estava relutante em quebrar o encantamento daquela noite.

O barulho de um trovão a distância quebrou o silêncio que caíra entre os dois.

— Um temporal da Flórida? — Diana perguntou.

— Não — respondeu Blake, consultando o relógio. — São os fogos de artifício do Epcot Center. Nós podemos vê-lo daqui, mas não tão bem quanto a outra noite. Venha, vamos para a porta.

Puxando-lhe a cadeira, Blake caminhou pelo terraço e abriu a porta de correr. Diana acompanhou-o, olhando para a direção que ele apontava.

Apesar de esta noite não ser igual à anterior, assim mesmo ela estava adorando. Mal percebeu quando Blake veio por suas costas e a abraçou, como fizera no Epcot Center. Mas, se antes ficara chateada, agora sentia prazer.

Por trás dela, Blake murmurou alguma coisa, mas ela não entendeu. Somente sentiu-lhe os lábios nos cabelos e depois no lóbulo da orelha.

Em resposta, ela moveu-se um pouco para trás, de maneira que seu corpo ficou colado ao dele.

— Hum, que gostoso — ele murmurou, excitado.

Diana sentia os braços dele escorregarem para cima e para baixo sobre o vestido e podia imaginar como seriam sobre sua pele nua, sobre seus seios.

A tensão em seu corpo cresceu, alimentada pelas carícias cada vez mais ousadas e por sua imaginação. Suspeitava que o mesmo deveria estar acontecendo a Blake. Por trás, sentia o corpo dele se enrijecer, e quando ele a puxou mais para si, ficou totalmente consciente da intensidade de seu desejo. Podia ser que a qualquer momento ele exigisse o prêmio por ter ganhado o jogo. Mesmo assim, ela não se moveu.

Quando os fogos de artifício cessaram, Blake deu um passo para trás. Diana, que em seus braços se sentira segura e aquecida, agora tremia, relutante em se afastar. Ele pegou-lhe a mão, pressionando-a gentilmente contra os lábios e ela estremeceu, com uma sensação vibrante percorrendo-lhe o corpo dos pés à cabeça.

— Eu gostaria de beijar você e muito mais — murmurou Blake, emocionado.

Por uma fração de segundo, Diana pensou que ele deixaria a cautela de lado e a puxaria para seus braços, enfim, pois seu corpo todo ansiava por aquilo. Mas ele pousou uma mão sobre seu ombro e a olhou ternamente.

— Diana, se eu beijar você agora, nós esqueceremos de tudo o mais — ele disse, sério. — E tenho uma coisa muito importante para falar para você.

Diana caiu em si, ante a seriedade dele.

— O que é, Blake?

— Detesto pensar no fim do seminário e cada um de nós indo para lugares diferentes. O que quero saber é se você consideraria a idéia de ficar aqui em Orlando comigo por mais uma semana. Você me falou que é o final de seu semestre. Não pode tirar alguns dias de folga?

Diana olhou bem dentro dos olhos dele. O convite era muito tentador.

— Eu realmente tenho pensado em tirar alguns dias de férias — murmurou.

— Bem, você poderia pedir ao hotel para prolongarem sua reserva.

Diana já pensara em algo assim, e o fato de Blake querer passar mais alguns dias junto dela fazia o plano parecer muito melhor.

— Falarei com a recepção do hotel amanhã pela manhã — ela prometeu. Depois acrescentou, maliciosamente: — Mas sobre o que estávamos falando antes?

Como resposta, ele curvou-se e colou os lábios nos dela num beijo ardente.

CAPÍTULO V

Diana acordou feliz e ansiosa ao mesmo tempo. Na noite anterior Blake quase a fizera perder o controle com seus beijos e carícias, levando-a a desejar que chegassem às últimas conseqüências.

Mas ela não queria que seu relacionamento fosse puramente físico. Quanto mais conhecia Blake Hamilton, mais gostava dele. Era muito fácil se apaixonar por um homem como ele.

O seminário terminaria naquela noite. Apesar de ter uma série de tarefas burocráticas para aquela manhã, concordara em tomar o café com ele e, antes de ir para o restaurante, parou no balcão de recepção do hotel para saber se havia quartos. Infelizmente, as notícias não eram boas. Muitas pessoas resolveram ficar para o fim de semana, o que, junto com as férias de primavera, fizera com que todos os quartos do hotel estivessem ocupados.

Ao vê-la entrar no restaurante com a fisionomia preocupada, Blake foi a seu encontro.

— O que aconteceu?

— O hotel não tem mais quartos para o resto da semana

— Oh, apenas isto? Não se preocupe, há dezenas de hotéis na região. Enquanto você termina seu trabalho aqui, vou providenciar um.

— Você não se incomoda?

— Claro que não. Você tem alguma preferência?

— Para mim qualquer coisa serve, desde que não seja muito caro.

A observação deixou Blake entusiasmado. Diana com certeza ganhava bem, mas não queria desperdiçar dinheiro com supérfluos. Com aquilo, ela satisfazia mais um item de sua lista.

Depois do café, Diana foi até o escritório fazer, juntamente com o instrutor, uma avaliação da semana. Mas não conseguia se concentrar, pensando na semana de férias ao lado de Blake.

Saindo da reunião, voltou para o hotel, para encontrar-se com Blake. Já haviam passado quinze minutos desde que chegara e ele não aparecia. Devia ter acontecido alguma coisa, pensou, andando de um lado para outro na recepção do hotel. Quando ele voltou, estava com a fisionomia triste, como se estivesse decepcionado.

— O que aconteceu? — perguntou Diana ansiosa.

— Procurei um quarto para você em todos os hotéis da região. Esta não é uma boa época do ano para se fazer planos de última hora. Os únicos quartos disponíveis são muito caros.

— Quanto?

— Duzentos e cinquenta dólares.

— Pela semana?

— Por dia.

Diana resmungou. Era muito dinheiro. Por uma semana, aquilo daria quase dois mil dólares! Não podia gastar dinheiro daquele jeito. Ainda mais que, antes de deixar Tallahassee, fizera uma excentricidade, gastando muito dinheiro com roupas. Justificara-se dizendo para si mesma que uma executiva tinha que andar bem-vestida, mas mesmo assim fora um gasto excessivo.

— Tudo isto? — exclamou. — Com este preço, o quarto deve ter no mínimo espelhos no teto e uma piscina particular. Mas para mim não tem diferença, não posso pagá-lo mesmo.

Estava profundamente desapontada e esperava que ele também estivesse. Aquela semana seria muito especial para ela.

— As coisas não são tão ruins quanto parecem. Existe um lugar onde você pode ficar e que está dentro de seu orçamento. — falou Blake, puxando-a pelo braço até um dos sofás da recepção.

— Onde?

— No meu apartamento.

Diana olhou-o sem saber bem o que dizer. Em circunstâncias normais, jamais consideraria a hipótese de ficar sob mesmo teto com um homem que mal conhecia. O que será que ele tinha em mente?

— Não sei... — ela sussurrou.

— Escute, Diana, hospedar-se em meu apartamento não é tão diferente de ficar num hotel. Tem três quartos e dois banheiros separados, e creio já ter provado

que não vou me aproveitar da situação. É o mais lógico. Vamos ficar junto a maior parte do tempo mesmo!

Diana considerou seus argumentos. Ele estava certo. Afinal, já provara o quanto era confiável. De repente percebeu o quanto estava sendo boba não aceitando o convite e olhou para o rosto ansioso de Blake.

— Tem certeza de que não vou incomodar se ficar em seu apartamento?

— Temos uma empregada que vem todos os dias fazer as camas e a limpeza. Mas, se você fizer questão, pode preparar a comida.

Diana não queria estragar as coisas mencionando que não tinha o menor jeito para a cozinha. Talvez, se se preocupasse em fazer apenas sanduíches e salada de batata, conseguisse enganar. Poderia dizer a Blake que estava acostumada a só comer torradas e leite puro no café da manhã.

Enfim, antes que pensasse em outros inconvenientes de ficar sob o mesmo teto que ele por uma semana, respondeu sorrindo:

— Está certo. Você tem uma hóspede.

— Ótimo. Então deixe-me colocar sua bagagem no meu carro.

— Não adianta, vou ter que segui-lo no meu carro. Não posso deixá-lo aqui.

— Então espero você na entrada do hotel, para irmos juntos.

Quinze minutos mais tarde estavam chegando ao condomínio onde ficava o apartamento. Eram simpáticos prédios de três andares, localizados ao redor do lago.

Blake carregou as pesadas malas de Diana para o prédio. Ao ver que ela estava um pouco sem jeito, ele tratou de deixá-la à vontade.

— Eu já ocupei o quarto principal. Você pode escolher qualquer um dos outros dois. Por que não descobre qual deles você quer?

— Boa idéia — ela concordou, andando pelo corredor.

Se não fosse pelo cheiro da lavanda após barba, Diana seria incapaz de dizer que quarto Blake ocupava. Não havia nenhuma evidência aparente de sua presença. Obviamente, ele era uma pessoa muito organizada para se preocupar tanto com arrumação mesmo durante uma viagem.

Diana, muito pelo contrário, gostava de vida nos ambientes que ocupava. A bagunça começava com as revistas e brochuras que costumava pegar nas recepções dos hotéis e espalhar pelo primeiro lugar disponível. Na realidade, os melhores

hotéis para ela eram aqueles que tinham uma cama extra, sobre a qual pudesse jogar livros, revistas e roupas.

Levara uma hora naquela manhã para recolher suas coisas. Como não podia deixar de ser, quase esquecera um par de sandálias embaixo da cama e o robe pendurado atrás da porta do banheiro.

Mas, ao ver o quanto Blake gostava das coisas em ordem, decidiu fazer um esforço e controlar seus instintos de desordem.

Para começar, escolheu o quarto verde e branco, com duas camas e vista para o lago, ignorando o fato de que era o mais próximo ao de Blake.

Alguns minutos mais tarde, quando Blake acabou de subir toda a bagagem, Diana sentiu o coração disparar de desejo ao vê-lo. Ele era tão grande que, ao entrar no quarto o espaço livre praticamente acabara. E só de imaginar como devia ser dormir com um homem daquele tamanho ficava toda arrepiada.

Numa tentativa de mudar os rumos de seus pensamentos Diana colocou uma das malas sobre a cama e a abriu. Só que esquecera que a última peça de roupa que guardara fora sua camisola turquesa, uma verdadeira tentação de tão sensual. Sem jeito, fechou a mala correndo antes que Blake percebesse alguma coisa.

— Você pode desfazer as malas depois. Por que não veste algo mais confortável, algo próprio para se jogar tênis ou golfe?

— Tênis ou golfe? É uma boa idéia. Mas não jogo muito bem nenhum dos dois. Minigolfe é minha especialidade.

— É uma boa idéia também — ele concordou apressado.

Diana nem se perguntou por que Blake tinha tanta pressa em deixar a casa, pois ela estava igualmente apressada. Ficar sozinha ali com aquele homem era um perigo. Apesar de ele ter-lhe garantido que saberia se comportar, ela não poderia colocar a mão no fogo por ela mesma.

Assim que Diana ficou pronta, Blake já esperava por ela na sala. Saíram de casa em seguida, e ela surpreendeu-se ao ver que ele conhecia todos os campos de golfe e minigolfe da região.

— Minha sobrinha e eu fizemos uma pesquisa sobre o assunto no aniversário dela. Qual dos campos de golfe ou minigolfe você prefere, o que está dentro de uma selva africana com dezoito buracos e hipopótamos, um passeio na lua ou o que imita um circo, com palhaços e tudo?

— Palhaços não, por favor. Escolha o que você gosta mais, desde que não seja o dos palhaços.

— Está certo. Vamos ao passeio na selva.

Aquele era o campo de golfe mais elaborado que Diana já vira. Cada buraco tinha três níveis diferentes de dificuldade. Seu número de pontos podia depender, por exemplo, de se acertar a boca de um jacaré nos três segundos em que ela ficava aberta ou fazer a bolinha atravessar uma ponte de dez centímetros de largura sem deixá-la cair na água.

— Isto me lembra um curso de sobrevivência que fiz num seminário sobre *stress* — Diana comentou quando sua bola caiu dentro de uma choupana africana.

— E como você se saiu? — ele perguntou, fazendo mais dois pontos.

— Sobrevivi.

Apesar das dificuldades, ou talvez por causa delas, o programa foi bem divertido. Quando Diana errou o quarto buraco, que era muito fácil, Blake decidiu dar-lhe uma ajuda para que ela se aperfeiçoasse tecnicamente.

— A forma como você segura o taco não está correta. Deixe-me mostrar-lhe.

— Uma ajuda não seria nada mal.

Blake então a envolveu por trás, de forma a ter controle sobre os movimentos de seu corpo e, segurando-lhe as duas mãos sobre o taco, explicou:

— A posição correta é muito importante para o golfe. Curve um pouco os braços e traga as mãos mais para cima.

— Não acho esta posição muito confortável — ela reclamou, embora o que a fizesse se sentir pouco à vontade fosse a proximidade dele. Pelo menos, estava de costas para ele, que assim não via o quanto estava corada.

— Assim está perfeito. Quanto mais você ficar nesta posição, mais natural ela vai lhe parecer. Agora relaxe e vamos colocar juntos a bola no buraco.

Diana tentou se concentrar no objetivo, mas a presença de Blake a impedia de fazê-lo. Desconfiava que ele devia estar tendo problemas semelhantes e teve certeza daquilo quando viu que a bola parou a vinte centímetros do buraco.

— Talvez seja melhor eu praticar sozinha. Se você tentasse sobreviver como professor de golfe, provavelmente acabaria na miséria.

Evidentemente Diana perdeu de Blake no golfe, mas no minigolfe, um jogo que precisava de sorte e pontaria, ela ganhava dele facilmente.

— Gostaria de uma aula? — ela brincou.

— Minigolfe me deixa com fome. Que tal irmos comer?

— Qualquer coisa o deixa com fome.

— Isso acontece comigo desde meus quinze anos.

Diana pensou em acrescentar que os vários pontos que ele estava atrás dela também lhe abriram o apetite, mas achou melhor evitar o comentário. Vendo que havia várias lanchonetes ali perto e sabendo que ele faria questão de pagar, não ousou sugerir outra coisa.

— Olhe, podemos ir a uma das lanchonetes aqui por perto. O que acha, Blake?

— Conheço um restaurante italiano não muito longe daqui. O ambiente é bom e a comida, excelente.

Villa Itália era exatamente como Blake prometera, concluiu Diana enquanto saboreava o delicioso vinho branco com pão de alho. A única coisa de que ela podia reclamar era por ele estar sentado a sua frente e não a seu lado.

— Um centavo pelos seus pensamentos — murmurou Blake.

— Como? — indagou Diana, num sobressalto.

— Você está pensativa.

— Estava só pensando no minigolfe.

— Pensando em quê?

— Nos pontos que não fiz.

— Eu poderia consolá-la.

— Tenho certeza disso.

Naquele momento, Blake prendeu um dos pés de Diana entre os seus por debaixo da mesa, mantendo-o assim por alguns momentos. Depois, tirando o sapato, ele começou a acariciar-lhe os tornozelos e o peito do pé.

Apesar de ele estar de meia, o carinho era muito sensual principalmente porque estava escondido pela toalha comprida da mesa. Por um momento, ele subiu um pouco o pé até a altura dos joelhos de Diana. Ela poderia ter reclamado que fazer aquilo num lugar público era uma tortura, mas na realidade estava gostando muito.

— Está tudo bem, senhorita? — o garçom perguntou.

Diana murmurou alguma coisa embaraçada e olhou para Blake, que lhe sorriu significativamente.

Diana imaginava que, depois do delicioso jantar, iriam para o apartamento. De certa forma, presumia que as carícias do almoço deveriam continuar. Mas enquanto andavam em direção ao carro, percebeu que Blake tinha outras intenções.

— O que acha de irmos a Orlando?

— A Orlando? Agora à noite? — surpreendeu-se ela.

— Espere para ver a fonte do lago iluminada.

"Para um guia turístico, Blake estava excessivamente quieto", Diana pensou. Devia estar tão confuso quanto ela. Também se soubesse que ele era capaz de excitá-la usando apenas seus dedos do pé, não teria estabelecido regras tão rígidas. Agora não podia dizer-lhe que mudara de idéia, tinha que esperar que ele o descobrisse por seu comportamento.

Eram quase onze horas quando ela teve a primeira chance de revelar seus sentimentos. Depois de uma excursão pela cidade, foram parar num barzinho ao estilo de faroeste, onde só se tocavam músicas insinuantes sobre a necessidade de um homem e uma mulher passarem a noite juntos. Evidentemente tenso, Blake não agüentou muito tempo antes de perguntar-lhe se já não queria dormir.

Durante todo o caminho até o apartamento, Blake dirigiu em silêncio, e Diana podia sentir a tensão crescer dentro do carro.

No elevador, podia sentir o calor irradiando de seu corpo másculo, queimando de desejo. Quando ele fechou a porta, ela se virou para encará-lo, radiante.

Por um momento seus olhos cinzentos estudaram-lhe o rosto bonito, os olhos azuis brilhantes e os lábios entreabertos à espera de um beijo. Em seguida, com um suspiro, ele murmurou:

— Foi um longo dia. Acho que você deve estar como eu, exausto.

Diana o olhou, ao mesmo tempo incrédula e desapontada.

— Você não vai fazer mais um lanche comigo ou qualquer coisa assim?

— Não, é melhor eu dormir cedo, para acordar cedo.

Antes que ela pudesse dizer mais alguma coisa, Blake já fora para o quarto.

Diana ficou olhando para seus ombros largos até ele fechar a porta. Depois, confusa e desapontada, sentou-se em um dos sofás da sala. Podia ouvi-lo dentro do quarto, arrumando-se para dormir. Será que ele mudara de idéia a seu respeito? Será que se arrependera de tê-la convidado para ficar com ele? Pensou no dia que passaram juntos. Ele fora muito atencioso, na realidade bem sedutor. Se ela entendia alguma coisa sobre relacionamento entre um homem e uma mulher, Blake Hamilton estava definitivamente interessado nela.

Antes, Diana já pensara no quanto devia ser fácil apaixonar-se por um homem como ele. Agora admitia estar muito perto de permitir que aquilo acontecesse. Sabia que ele sentia a mesma atração por ela. Sua atitude só podia ser explicada pelo medo de não cumprir a palavra se ficasse perto dela.

"Droga", pensou. "Tinha de fazer alguma coisa para mudar aquela situação". Talvez fosse a hora de tomar uma atitude, como bater à porta do quarto dele, mas aquilo seria um pouco explícito demais. Precisava de um plano. Bem, provavelmente demoraria para dormir naquela noite e poderia pensar em alguma coisa. Que ironia, ela pensou indo para o quarto, os papéis haviam se invertido. No início, era Blake quem tentava seduzi-la. Agora era ela que estava pensando em uma forma de fazê-lo.

Na manhã seguinte, Diana acordou com o cheiro forte de café vindo da cozinha. Logo imaginou Blake vestido num robe de veludo verde, fazendo o café com toda a concentração.

Talvez seu problema estivesse resolvido se ela se aproximasse dele vestida de uma forma sensual. Para isso, colocou um robe de seda chinesa prateada que comprara recentemente. Depois, passou quinze minutos arrumando o cabelo e se maquiando, preocupada em dar à sua pele um ar fresco e convidativo. Lera em algum lugar que os homens se excitavam com mais facilidade pela manhã.

Assim que entrou na cozinha, Blake a olhou de uma forma que a fez pensar que teria sucesso. Sem poder se conter, ele exclamou:

— Uau! Você está muito linda para tomar o café da manhã! — Diana sorriu. Infelizmente seu plano de sedução parecia condenado ao fracasso, pois Blake não estava vestido da forma como imaginara: bem barbeado, com uma calça jeans e uma camisa de mangas curtas caramelo, ele parecia pronto para sair, mas não para agir do modo como ela queria.

— Como você trabalhou! — foi logo dizendo ao entrar na cozinha. — Tem alguma coisa que eu possa fazer para ajudar?

— Espero que goste... — Blake fez uma pausa ao vê-la — de torrada francesa.

— Eu gosto de qualquer coisa que seja francesa — Diane falou inocentemente, percebendo que ele ficara abalado.

— Por que não pega o suco de laranja na geladeira e serve o café?

Diana alegrou-se. Podia perceber claramente os efeitos de sua aparência sobre ele. Se seus olhos não a haviam enganado, ele tremera um pouco ao transferir as torradas para o prato.

Mas, para seu desapontamento, Blake parecia ter muita pressa de concluir a refeição.

— Por que a pressa? — perguntou, distraída.

— Temos que chegar à Disneyworld antes do almoço, e sei o quanto quer conhecer o Reino Mágico.

Diana olhou bem nos olhos dele e viu que não teria outra opção. Ainda não seria naquela manhã que conheceria a mágica dos braços dele. Teria que se conformar com Mickey Mouse e Tio Patinhas.

Para Diana, em termos emocionais, aquele dia foi a repetição do anterior. Apesar de Blake a abraçar fortemente na Mansão Assombrada, acariciar-lhe a nuca na Montanha Russa Espacial e roubar-lhe um beijo na Terra do Nunca, não ousou nada mais que aquilo. Assim que voltaram para casa, conformou-se em ser abandonada na porta do quarto.

Ela passou outra noite inquieta. Quando finalmente conseguiu dormir, sonhou que Blake a beijava a ponto de fazê-la implorar para fazer amor com ele. Em vez de satisfazê-la, ele a levava para passear no castelo da Branca de Neve.

A manhã trouxe-lhe algumas esperanças. Quando ela levantou, chovia torrencialmente. Aquela era a melhor notícia que poderia ter, pois ele não poderia levá-la para a rua o dia inteiro, e ela não podia pensar em nada melhor do que passar a manhã em seus braços ouvindo a chuva cair.

— Com este tempo não poderemos jogar minigolfe nem passear na Disneyworld — comentou Diana no café da manhã, fingindo estar desapontada.

— Tem muita coisa para se fazer em Orlando, mesmo quando está chovendo — contestou-a Blake, rápido demais.

— Dê um exemplo.

— Fazer compras — ele falou, esperançoso. — Existem ótimos shopping centers em Orlando.

Diana o olhou, incrédula.

— Você quer fazer compras esta manhã?

— Sim — afirmou ele e Diana pôde ver que estava desesperado.

Por volta das dez horas os dois estavam chegando a um dos maiores shopping de Orlando.

Assim que entraram, pareceu que tinham caído num paraíso tropical ensolarado. Uma verdadeira floresta artificial circundava os lagos e chafarizes enfeitados, onde desabrochavam flores de plástico e animais de vinil. Do teto, caíam cipós de imitação que satisfariam o Tarzã mais exigente. E, ao fundo tocava uma música suave. Diana olhou em volta, um tanto surpresa. De qualquer forma, um shopping center era sempre um programa divertido.

Impulsivamente, segurou Blake pelo braço e perguntou:

— Tem alguma coisa em especial que queira comprar?

— Sim, gostaria de escolher algumas gravatas.

Foram a uma das mais finas lojas masculinas do shopping, onde Blake a deixou escolher várias gravatas para ele, mas não comprou nenhuma. Diana deu os ombros. Ele não conseguia esconder a falta de entusiasmo pelo programa. Mas, uma vez que estavam ali, ela iria se divertir, entre as várias lojas de artigos femininos.

Ao entrarem numa outra ala, Diana parou diante de uma vitrine decorada como uma casa antiga, com cortinas de veludo drapeado e uma série de fotos amareladas com moças vestidas para festas, cavalheiros da guerra civil, camponeses e dançarinas de cabaré artisticamente colocadas.

— Oh, Blake, deve ser um desses lugares onde tiram fotografias da gente em trajes antigos! — Diana exclamou. — Sempre quis uma foto dessas.

— Então por que você não entra? — incentivou ele com um sorriso complacente.

— Só se você for comigo.

Blake olhou novamente para as fotos, hesitante. Mas, antes que pudesse dizer não, Diana o puxava para dentro da loja. Lá dentro, um casal de meia-idade posava, o homem vestido de um general confederado e a mulher com um vestido em estilo vitoriano.

A assistente do fotógrafo lançou um olhar aprovador para o corpo atlético de Blake e comentou, balançando a cabeça:

— Acho que não tenho nenhuma roupa da guerra civil no seu tamanho. No entanto, tenho algo no estilo de um aventureiro do século dezesete.

— Ficaré ótimo — Diana comentou olhando para a camisa de mangas bufantes, o colete preto justo na cintura e o boné irreverente. Já imaginava o quanto aquele traje combinava com ele.

Esperou ansiosamente pela sua roupa mas, quando a recebeu, ficou sem fala. Era mais indecente que a de uma coelhinha da Playboy.

— Será que não falta alguma coisa? — indagou para a assistente, olhando para o minivestido tomara-que-caia com a saia de cetim vermelho enfeitada com um laço preto.

— Oh, tem razão! — a moça concordou, retirando-se para em seguida retornar com um par de meias de renda preta e uma liga vermelha.

Diana olhou para Blake. Ele sorria abertamente, divertindo-se com a história.

— O que você acha? — perguntou.

— Experimente. Com certeza não é mais revelador que seu maiô.

Diana conformou-se mas, quando terminou de vestir a estranha roupa, sentiu-se muito mais provocante do que com o maiô. Na piscina, ninguém se preocuparia em notar se ela estava com as pernas ou com os ombros de fora. Na loja, ela seria a única pessoa semivestida.

O espartilho por baixo do vestido levantava seus seios e a curta saia deixava um pedaço de suas pernas de fora antes de começarem as meias.

De repente, um outro pensamento a perturbou. Naquela manhã, quisera ficar a sós com Blake, mas ele praticamente a jogara para fora de casa. De fato, nos últimos dias, as únicas vezes em que ele fizera-lhe algum carinho fora quando estavam em público, quando as circunstâncias evitavam que os acontecimentos seguissem seu curso normal. Aquela era sem dúvida uma ocasião propícia para ele se manifestar novamente.

Depois de pentear os cabelos de acordo com a fantasia e treinar alguns sorrisos, ela saiu do vestiário. Blake já se aprontara e se posicionara no cenário. Naquela roupa ele estava absolutamente irresistível. Os ombros largos eram valorizados pelas mangas bufantes da camisa e a cintura estreita pelo colete de couro.

Quando Blake a viu, deu um sorriso largo e comentou com malícia, em voz baixa e sedutora:

— Era isso que eu queria comprar!

— É só pedir — ela também sorriu.

Naquele momento o fotógrafo apareceu.

— Deixe-me colocá-los em posição. O senhor fica aqui e não se esqueça de deixar a espada bem à frente. A senhora sobe em cima do balcão do bar, ao lado de seu marido. O que faz estas fotos parecerem autênticas são as proporções, e do jeito que seu marido é alto, só assim a foto terá realismo.

— Ele não é... — Diana começou a corrigi-lo, mas o homem já se afastara para regular a câmera.

Ela deu os ombros e subiu no balcão, com um pouco de medo de se mover naquela roupa muito menor do que ela. Mas conseguiu não sofrer nenhum acidente.

— Passe o braço pelos ombros dela — o fotógrafo sugeriu a Blake. — E coloque a mão direita sobre a coxa dela.

Blake obedeceu, e Diana tremeu ao sentir a mão firme encostar-lhe na pele nua. Suspirando, ela se encostou nele, triste por não poder esquecer onde estavam e o que faziam ali.

— Olha o passarinho! — o fotógrafo ordenou.

Assustados, Diana e Blake deram um pulo.

— Agora imaginem como um aventureiro e sua garota se sentem ao comemorar uma tarde de sorte no jogo... Sorriam...

Em seguida, o *flash* disparou e ouviu-se o clique da máquina.

CAPÍTULO VI

Era estranho, pensou Diana, colocar roupas comuns depois de vestir aqueles trajes extravagantes. "Será que Blake se sentira tão excitado quanto ela?", perguntou-se penteando os cabelos. Assim que saiu da cabine, notou que Blake estava lá fora, de costas para ela, olhando alguma coisa com muito interesse. Quando aproximou-se, viu que eram as fotografias que tinham acabado de tirar.

— Como elas ficaram? — perguntou.

A câmara não conseguira esconder o olhar apaixonado dos dois, que revelava o quanto se desejavam. Diana, que se conhecia muito bem, sabia que o brilho de seus olhos era, mais que desejo, consequência do amor que sentia por Blake.

— Bem, o que você acha? — perguntou ele com voz rouca.

— Gostaria de ir para casa — respondeu Diana significativamente.

— Eu também — concordou ele com simplicidade, entendendo perfeitamente o que ela queria lhe dizer.

O fotógrafo, que não tinha a menor idéia do que estava acontecendo com aquele casal, informou-lhes:

— Uma cópia custa dez dólares, mas se levarem duas sairá somente por quatorze dólares e noventa e cinco centavos.

— O quê? — perguntou Diana.

— Nós ficaremos com duas cópias — declarou Blake, puxando a carteira.

Quando chegaram ao carro e se sentaram, Blake virou-se para ela com um sorriso que lhe fez o coração bater aceleradamente e perguntou:

— Você está querendo me dar uma chance esta tarde, minha querida?

— Sim, estou me sentindo muito bem hoje.

— Eu também.

Os lábios dele já se aproximavam para o beijo quando alguém gritou:

— Não faça isto!

Os dois deram um pulo, mas logo viram que se tratava apenas de uma mãe repreendendo o filho, que queria atravessar a rua sozinho. Assim que a mãe pegou o filho pela mão e entrou no shopping, Blake sorriu, sacudindo a cabeça, e disse:

— Talvez seja melhor esperarmos chegar em casa.

Diana concordou, mas suas mãos estavam trêmulas novamente e ela não conseguia travar o cinto de segurança, como na primeira vez em que entrara naquele carro.

— Deixe que eu travo — sugeriu Blake curvando-se sobre ela e provocando-lhe um arrepio de desejo.

Percebendo sua reação, Blake, em vez de voltar ao volante, parou e escorregou a mão até sua coxa, até o mesmo lugar em que tocara na fotografia.

Embora daquela vez as roupas escondessem sua nudez, Diana podia sentir o calor penetrando através do tecido fino da saia. Deliciada, encostou a cabeça no assento e fechou os olhos, com os lábios entreabertos, e se surpreendeu quando ele pousou os lábios suavemente em sua orelha.

— Acho melhor sairmos logo daqui ou não terei condições de dirigir — murmurou Blake.

Nenhum dos dois falou durante o trajeto. No momento em que chegaram ao prédio, a chuva caía torrencialmente outra vez. Blake passou o braço por trás dos ombros de Diana e correram, usando o mesmo guarda-chuva. Mas, apesar daquilo, as roupas dos dois estavam molhadas quando entraram no apartamento.

Finalmente, já dentro do apartamento, Blake olhou para Diana. Gotas de chuva escorriam de seus cabelos e seus olhos brilhavam de desejo. Ela estava linda e tinha consciência daquilo. Também sabia que Blake podia entender o quanto ela o desejava e o quanto ansiava estar em seus braços.

Quando ele a abraçou e seus lábios se encontraram, Diana enlaçou Blake, tremendo não apenas por causa dos beijos dele mas também porque sua suéter estava completamente molhada de chuva.

— Você precisa trocar esta roupa molhada — ele murmurou, a voz ainda rouca de emoção.

— Você também.

— Você que ir lá para cima? — convidou com a voz carregada de intenções.

— Sim.

Blake pegou-a pela mão e levou-a silenciosamente para dentro.

Enquanto ele fechava a porta do quarto, Diana sentiu um tremor percorrer-lhe o corpo ao olhar para aquelas costas e peito musculosos, realçados pela camisa de tecido fino. Subitamente veio-lhe a imagem do seu próprio corpo esbelto e delgado.

Blake percebeu o olhar de dúvida no rosto dela.

— Alguma coisa errada? — perguntou ele, chegando para perto dela e tocando em seu ombro.

— Você é tão grande! — exclamou, corando em seguida.

Blake olhou-a com carinho. Apesar de ela não ser magra, ainda assim parecia pequena e delicada a seu lado.

— Sim, acho que sou — ele acariciou-a suavemente e murmurou, com a voz cheia de paixão e ternura. — Mas, não se preocupe com isto.

Ao ver que ele estava ansioso por um convite seu para ir adiante, começou a desabotoar-lhe a camisa com as mãos ainda trêmulas.

— Diana — sussurrou Blake, emocionado.

Embora não fosse totalmente inexperiente, Diana nunca sentira tamanho desejo por um homem e aquilo a perturbava. Seus dedos estavam trêmulos e ansiosos, enquanto tentava desabotoar-lhe a camisa. Finalmente conseguiu seu intento e, puxando a camisa de dentro da calça de Blake, deixou-lhe a descoberto o peito másculo e a cintura fina. Com prazer passou os dedos por aquela pele escaldante.

— Ah, Diana, como desejei que me tocasse assim! — murmurou ele fazendo um eco a seus pensamentos.

Encorajada, Diana intensificou suas carícias. De repente, não pôde mais se conter e afundou o rosto no peito de Blake, beijando-o com prazer ao sentir a textura da pele dele em seus lábios.

Blake apertou-a nos braços e começou a despi-la. Diana desejara tanto aquela intimidade que quando os dedos fortes encontraram o fecho do seu sutiã, ela não pôde conter um murmúrio de aprovação.

Sentiu o desejo crescer em Blake assim que ele viu a pele cor de marfim de seus seios, ao mesmo tempo que seus bicos ficaram rígidos em resposta ao seu olhar, que era quase como um contato físico.

— Diana... Você não sabe o quanto a tenho desejado! — murmurou ele com a voz rouca, puxando-a ainda para mais perto.

Diana sabia, mas naquele momento só podia pensar em se mover sensualmente dentro daqueles braços, correndo as mãos por aquele peito largo e contra o qual pressionava o rosto.

— Como você é sensual! — exclamou ele.

— Sou?

Diana nunca pensara em si mesma daquela maneira e de algum modo Blake conseguira afastar suas inibições. Ou será que aquilo acontecia porque os sentimentos que nutria por ele eram muito fortes? Não devia dizer-lhe aquilo por enquanto.

— Oh, Blake! — ela suspirou. — Como desejo você!

Blake buscou-lhe os seios com as mãos pressionando-os para cima. Em seguida, aproximou-se deles, roçando-os carinhosamente contra o rosto.

— Você não pode me desejar mais do que eu a você — ele lhe assegurou, deslizando os lábios sobre sua pele macia.

Os lençóis pareceram frios contra a pele ardente de Diana. Cada nova intimidade trazia-lhe um novo prazer, ela percebeu, maravilhando-se ao sentir o corpo másculo totalmente pressionado contra o seu.

— Você é tão delicada! — murmurou Blake, os lábios roçando seu rosto de leve.

— Mas não sou de porcelana — retrucou Diana, renunciando ao medo inicial e rendendo-se ao calor do desejo.

Blake acariciou-lhe as faces, a linha do queixo, retornando às vezes aos lábios. Ternamente, procurou-lhe os seios com as mãos, acariciando-os em círculos até que os bicos endurecessem. Ouvindo-a soltar um murmúrio de prazer, curvou-se, passando a dar pequenas mordidas nos bicos enrijecidos.

— Oh, Blake, como isto é bom! — suspirou Diana.

Quando, finalmente, depois de muitas carícias naquele corpo tão macio, ele escorregou a mão por sua coxa, chegando ao ápice de sua feminilidade, ela sentiu tanto desejo que cobriu com a sua mão a dele e mostrou-lhe o que mais queria. Enquanto ele aumentava a intimidade das carícias, ela murmurava palavras incoerentes, sentindo o sangue ferver nas veias.

— Blake... — murmurou, passando os lábios pelo pescoço dele — estou pronta para você.

— Tem certeza?

Em resposta Diana acariciou o órgão quente da masculinidade de Blake. Por um segundo, o tamanho e a fortaleza fizeram com que seu corpo ficasse tenso.

Blake sentiu o tremor percorrer o corpo de Diana e sussurrou-lhe:

— Está tudo bem. Pode ficar tranqüila. Não vou machucá-la.

Diana sentia uma dor física muito grande e já não podia esperar mais para que ele a possuísse. Blake penetrou-a suavemente, beijando-lhe os lábios e rosto até sentir-lhe toda a intimidade junto de si.

E, quando ele começou a se movimentar, a única coisa que podia fazer era sentir, e corresponder.

Procurou mover-se no mesmo ritmo dele, e que a estava levando a uma jornada de descobertas. Ao acelerar-se o ritmo, foi jogada num redemoinho alucinante com sensações que nunca experimentara antes. A única realidade que podia entender era o homem acima dela, e o emaranhado de paixões que percorria todo o seu ser.

Sem perceber, fincou as unhas nas costas largas de Blake, excitando-o ainda mais.

— Diana, quero você! — ele gemeu.

Ela mal escutou, mas obedeceu. E, numa total submissão, soube que estava dando tudo, alma, mente e corpo, para o homem que amava.

Blake sentiu os primeiros espasmos de Diana seguidos de um grito, e a fina linha que o mantinha sob controle quebrou-se. O corpo dele também começou a tremer com convulsões que os envolveram numa onda de puro êxtase.

O grito de prazer emitido por Blake misturou-se ao de Diana, murmurando junto ao pescoço dele.

Aos poucos, ambos foram retornando à realidade. Por algum tempo, nenhum dos dois foi capaz de se mover. Depois, ele a enlaçou, mantendo-a presa em seus braços, os lábios acariciando-lhe os cabelos e o pescoço.

— Foi tudo tão perfeito, Diana. Você é perfeita — murmurou.

— Você também é — respondeu Diana, num sussurro. Estava tão feliz que mal podia falar.

Novamente tomou consciência da chuva que caía lá fora, e se sentiu aquecida e protegida. Com certeza, não havia um lugar em que pudesse se sentir melhor do que nos braços de Blake. Começou a morder-lhe de leve a ponta do queixo.

— Você está com fome? — ele brincou.

— Um pouco. Mas estou me sentindo muito confortável para me mexer.

— Então que tal dormirmos um pouco antes de sairmos para jantar?

— Nós temos mesmo que sair para jantar?

— A única coisa que temos aqui é pão francês e artigos para o café da manhã.

— Já lhe disse que faço sanduíches maravilhosos? — Diana perguntou, maliciosa.

— Não, mas farei um teste com você no jantar — ele respondeu.

O jantar saiu mais tarde do que esperavam. Diana acordara com Blake fazendo-lhe carícias eróticas na orelha, excitando-a novamente. Já escurecera havia tempo quando finalmente eles resolveram comer.

— Acho que é hora da ceia — Blake brincou.

Diana suspirou.

— Estou com fome, mas gostaria que tivesse um robô lá embaixo que nos trouxesse comida na cama. Suponho que não exista nada parecido na Computadores Galaxy, não é?

Blake sorriu.

— Vou sugerir isto ao nosso departamento de desenho. Mas, sinceramente, não me incomodo de ir lá embaixo e preparar uma bandeja para nós.

— Não, você fica aqui recuperando suas forças que eu desço e preparo os sanduíches — Diana replicou.

— Se deseja descobrir como estou forte basta ficar aqui ao meu lado — ele desafiou-a, colocando a mão sobre o estômago de Diana.

Mas ela rapidamente se afastou, rolando para o outro lado da cama e se levantando.

— Bem, você até pode ser invencível, mas eu estou morrendo de fome — ela falou.

Assim que se levantou, notou que suas roupas estavam no outro lado da cama, e que Blake lançava um olhar apreciativo para seu corpo nu.

— Morrendo de fome? — observou ele. — Você parece que está muito bem alimentada, e nos lugares certos.

Diana corou.

— Se você fosse um cavalheiro, poderia me emprestar seu robe.

— Detestaria que você se cobrisse mas, se quiser, pode pegá-lo no armário.

Na cozinha, Diana inspecionou o interior da geladeira, chegando à conclusão de que o "nada para comer" de Blake daria para ela se alimentar por uma semana. Havia várias espécies de queijos, cremes e muitas outras coisas. Resolveu fazer um sanduíche gigante com várias camadas coloridas, usando todo o pão francês e todos os ingredientes que encontrara.

Podia ouvi-lo movimentando-se lá no quarto, e ficou imaginando o que ele estaria fazendo enquanto punha o sanduíche na bandeja e voltava à geladeira para apanhar refrigerantes. Depois, com a bandeja, voltou ao quarto.

Quando chegou, a primeira coisa que notou foi que Blake pendurara suas roupas no armário e que arrumara a cama, colocando os travesseiros numa posição confortável para que pudessem comer.

— Você não precisa permanecer na cama por minha causa — ela comentou.

— Achei uma ótima idéia.

— Você costuma comer na cama?

— Muito pouco, mas gosto de aprender coisas novas. Colocando a bandeja nos pés da cama ela escorregou rapidamente para debaixo dos lençóis junto a Blake.

Ele olhou para o imenso sanduíche.

— Por onde vamos começar a comer?

— Por onde você quiser, você manda.

— Já que mando, gostaria que, em primeiro lugar, tirasse o robe. Mas não precisa se apressar. Primeiro vamos fazer nosso piquenique.

Quando acabaram de comer, Blake falou:

— Agora, para fazermos a digestão, sugiro um pouco de exercício.

— Esportes de contato?

— Exatamente — ele concordou, puxando-lhe o cinto do robe.

Na manhã seguinte, quando Diana acordou, ficou meio desorientada. Sentiu o braço que descansava sobre seu seio e lembrou-se da noite maravilhosa que passara junto com Blake.

— Finalmente você acordou — uma voz profunda falou.

Olhou para o lado e viu Blake sorrindo para ela.

— Você sempre acorda cedo e de bom humor?

— Cedo sim, mas nem sempre de bom humor.

Diana sentou-se na cama e esticou os braços por cima da cabeça:

— Normalmente preciso de uma xícara de café forte e um bom banho para acordar completamente.

Blake jogou as cobertas para o lado e sentou-se também.

— Só para mostrar como sou gentil, tomarei banho no outro banheiro e farei o café, para você tomar seu banho calmamente — falou, acariciando-lhe gentilmente o ombro.

Meia hora mais tarde, Diana estava pronta para enfrentar o dia. Quando entrou na cozinha, Blake lavava uma frigideira.

Ele colocara na mesa uma toalha amarela e no centro um vaso com flores coloridas. Num dos cantos, havia uma garrafa de champanhe e duas taças.

Diana achou os preparativos muito interessantes:

— O que vamos festejar?

— Sente-se que eu pego a omelete que está no forno — ele desconversou.

Quando ele voltou para a mesa, trazia as duas taças cheias de champanhe. Ela podia sentir a ansiedade em Blake enquanto saboreavam o vinho espumante e a omelete de queijo suíço.

Assim que acabaram, Blake tornou a encher as taças com champanhe:

— Esta é para ter coragem.

— Não posso imaginá-lo sem coragem — Diana comentou.

— Bem, eu nunca pedi ninguém em casamento antes.

— Oh, Blake! — Diana exclamou.

— Isto quer dizer sim ou não?

Diana olhou-o com amor. Conhecia aquele homem havia muito pouco tempo, mas sabia perfeitamente que estava apaixonada. Agora sabia que ele retribuía a seus sentimentos. Mesmo assim, casamento era um passo muito sério. Eles tinham que ter mais tempo para se conhecer melhor e ver se realmente se dariam bem para sempre.

Diana esticou o braço e descansou a mão sobre a dele.

— Blake, você me fez muito feliz. Neste momento, não posso imaginar nada melhor do que passar o resto de minha vida a seu lado. Mas acho que precisamos ter mais tempo para termos certeza.

Ele segurou-lhe a mão e apertou-a suavemente.

— Eu tenho certeza.

O coração de Diana disparou. Ela também se apaixonara por ele quase à primeira vista. Mas, movida pelo senso prático, não pôde deixar de perguntar:

— Como você tem certeza?

— Você sabe, não sou um homem impulsivo. Durante toda a semana, cada coisa que via em você foi me dando a certeza. A noite passada completou esta certeza. Nós dois somos compatíveis em tudo.

Diana olhou-o, um tanto confusa.

— Eu não entendo, nós certamente nos damos muito bem em uma porção de coisas, mas em muitas coisas somos diferentes.

— Mas são pequenas coisas que não contam.

— Blake, é muito gentil de sua parte falar assim. Mas estamos juntos há muito pouco tempo. É impossível que nos conheçamos bem — Diana ponderou.

Durante algum tempo, Blake ficou calado, como se avaliasse o que ela falara. Depois argumentou:

— Querida, eu sei o que quero numa esposa, e você preenche todas as qualificações.

Em seguida, começou a enumerar todos os itens que ele achava importantes e a mostrar como ela passara nos testes.

À medida que ele falava, Diana ia ficando mais chocada e horrorizada. Pensara inocentemente que aquele homem a estivera cortejando. Mas ele estivera fazendo uma avaliação da mercadoria que queria comprar. Sentia uma dor tão grande que mal podia falar.

Quando Blake terminou de enumerar os itens, percebeu o silêncio pesado que havia no ambiente.

— Bem, como você pode perceber, minha proposta não foi uma emoção de momento.

— Posso enxergar bem mais longe do que pensa. Pelo visto, passei no teste de inteligência, culinária, esportividade e não sei mais o quê. Com tantas exigências assim, você seria mais feliz se arranjasse um escoteiro, não uma esposa — comentou, sarcástica.

Blake olhou-a meio atônito, mas assim mesmo forçou um sorriso:

— Dificilmente eu poderia levar um escoteiro para a cama.

— Estava surpresa por você não ter mencionado compatibilidade sexual — replicou, indignada.

Blake olhou-a, inseguro.

— Querida, você não tem nada para se preocupar nesse aspecto.

— Não me chame de querida! — ela gritou.

— Mas... o que está errado?

— É tudo ridículo demais! Mas para que não faça o mesmo erro na sua próxima compra, vou lhe explicar. Fui ingênua o suficiente para imaginar que estávamos nos apaixonando. Enquanto você... — ela parou, procurando a palavra certa, e completou: — Seu robô insensível, você estava o tempo todo analisando um produto de consumo.

— Diana, acredite-me, não era isto o que estava fazendo. Eu levo você a sério.

— Sim, a sério. Sério até demais! — ela exclamou, empurrando a cadeira e se colocando de pé.

De repente, sua cabeça doía terrivelmente. Ir para cama com Blake fora consequência natural do amor que ele lhe inspirava. Como fora idiota em pensar que significava alguma coisa para ele! Ele só fizera um teste, como se fazia com carros quando se queria comprar um.

Blake também empurrou a cadeira e se pôs em pé. Quando ela se virou, ele segurou-lhe o braço:

— Escute, Diana, pense em todas as pessoas que se apaixonam, casam, e depois se divorciam porque descobrem que não são compatíveis. Eu só estava tentando fazer com que isto não acontecesse conosco.

— Pode ficar certo que não acontecerá, porque não estou considerando a hipótese de um casamento com você, mesmo que me dê um certificado de garantia eterna. Agora, se me der licença, tenho que arrumar as malas.

CAPÍTULO VII

Blake observou Diana saindo do quarto, chorando e com os ombros curvados. Teve a tentação de ir até o quarto dela e conversar racionalmente sobre o assunto. Mas os soluços e as batidas de portas de armário lhe diziam que, se tentasse entrar em seu quarto, ela lhe bateria a porta no nariz. No entanto, não suportava a idéia de nunca mais a ver. Quer ela admitisse quer não, era a mulher perfeita para ele. E teria de ouvi-lo de qualquer forma.

Consciente do quanto ela lhe era importante, resolvera tomar uma atitude. Não gostava de se servir de subterfúgios, mas situações drásticas exigiam soluções drásticas.

Rapidamente, tomou o elevador social e foi até o carro dela. Diana precisava de tempo para se acalmar e pensar friamente na situação. Ele tinha que providenciar aquilo: Diana não sairia do lugar com o carro sem a tampa do distribuidor.

Depois de remover a peça e escondê-la entre os arbustos decorativos da entrada do prédio, Blake voltou para o apartamento e lavou as mãos para limpar as provas do crime. Em seguida, colocou na vitrola uma música suave.

Diana nem se preocupou em se despedir, ao sair carregando suas pesadas malas.

— Tchau! — falou Blake quando ela passou pela sala.

Sem responder, Diana seguiu em frente e saiu, batendo a porta. Desceu pelo elevador e colocou as malas no porta-malas. Depois entrou no carro e tentou dar a partida.

Apesar de logo perceber que o carro estava com um problema, não desistiu tão facilmente. Tentou por uns cinco minutos fazê-lo funcionar e só quando perdeu as esperanças voltou para o apartamento de Blake.

Ao chegar, ele estava calmamente limpando a mesa da sala, o que a deixou mais irritada. Gostaria ao menos que ele estivesse sofrendo um pouquinho.

— Esqueceu alguma coisa? — perguntou ele, inocentemente.

— Não, não esqueci nada, apenas há alguma coisa de errado com o meu carro. Posso usar seu telefone? — Pediu Diana esforçando-se para se controlar.

— Só se me der uma chance para me explicar primeiro.

— Eu não quero falar com você. A única coisa que quero é sair daqui.

— Escute, Diana, estou realmente sentindo por seu carro estar com problemas. Mas isto me dá uma oportunidade para fazê-la rever seus pontos de vista.

— Não há nada para ser revisto. Além disso, nem toda a conversa do mundo vai me fazer mudar de opinião.

— Então você não tem motivo para não querer me ouvir. Prometo que, quando acabarmos de conversar, vejo qual é o problema de seu carro e, se possível, conserto-o.

Diana cruzou os braços.

— Está bem, o que você quer me dizer?

— Por que não se senta? É difícil para mim falar com você de pé, como um condenado à espera da sentença.

Diana teve que morder os lábios para conter um sorriso. Apesar de tudo, Blake Hamilton ainda tinha o poder de atingi-la. Esperou-o se sentar em um dos braços do sofá e depois se sentou numa cadeira exatamente à sua frente. Afinal, era sempre vantajoso poder olhar um adversário nos olhos. Assumiu uma expressão fria e perguntou-lhe:

— Então? Quero ver como vai tentar me convencer de suas opiniões.

Muito bem... Tenho trinta e cinco anos, e até alguns dias atrás gostava muito de minha vida de solteiro.

— Sei que está sendo sincero — ela murmurou.

— Mas nunca pedi a uma mulher para se casar comigo. Tente ver minha posição. Foi muito difícil decidir-me a pedir-lhe em casamento. Depois, quando finalmente encorajei-me, a mulher que escolhi saiu correndo como se eu lhe tivesse feito alguma proposta indecente.

Apesar de ele ter falado friamente, Diana podia sentir-lhe a emoção na voz.

— Quer dizer que eu o ofendi?

— Não me interprete mal. O problema é que sei que você é a mulher perfeita para mim e não estou conseguindo engolir o fato de que vai me deixar.

— Blake, jamais pensaria em me casar com uma pessoa que não amasse, por melhor que fosse nosso relacionamento.

— Mas amor é uma noção muito abstrata. Não se pode confiar apenas nele para se fazer um contrato de casamento.

De repente, Diana percebeu que Blake não sabia o que estava procurando e perguntou-lhe, discretamente:

— Seus pais não lhe ensinaram nada sobre o amor?

— Para dizer a verdade, não. Quando eles viviam juntos, brigavam o tempo todo. Discordavam de tudo. Foi quase um alívio quando se divorciaram.

— Quantos anos você tinha, Blake?

— Eu tinha dez e meu irmão, sete. Mas isto não quer dizer que eu não me lembre de todos os detalhes.

O coração de Diana apertou-se. Ela podia imaginar como devia ter sido terrível para uma criança inteligente e sensível viver numa casa daquele tipo. Agora estava começando a entender. Ele não podia confiar na idéia do amor. Mas por outro lado, constantemente dava provas de que a amava, tanto que se deixara enganar, convencendo-se de que ela era habilidosa, organizada e boa cozinheira. Evidentemente, ele fechara os olhos para poder acreditar que ela *era* perfeita para ele.

Ela sabia que, por mais que tentasse não conseguiria convencê-lo de que ele estava errado. E também estava consciente de que, se ele não abrisse os olhos, os dois não teriam um longo futuro juntos. De repente, ela teve uma idéia.

— Realmente, talvez seus métodos tenha alguma vantagem — anunciou, entusiasmada. Talvez, se imitasse seus métodos inaceitáveis, ele entendesse por que ela se revoltara.

— É mesmo?

— Pensando bem, seus métodos até que são interessantes — ela falou, sorrindo.

— Pelo menos eu tentei pensar em todos os detalhes.

— Mas se esqueceu de uma coisa.

— O quê?

— Seu critério foi unilateral. Eu também posso ter um método de avaliação para escolher meu futuro marido.

— Onde quer chegar? — ele perguntou, incrédulo.

— Acho que fui muito severa rejeitando-o. Agora, antes de fazermos qualquer acordo, gostaria de submetê-lo a um exame também.

— Deixe-me entender. Você quer estabelecer uma lista de qualidades e me testar depois?

— Eu acho justo — retrucou ela sorrindo.

— Mas saberei que estou sendo testado. Você não sabia.

— Isto sem dúvida lhe dá uma pequena vantagem. Mas, por outro lado, você não saberá os meus critérios.

— Bem, eu aceito o desafio — ele concordou, meio a contragosto. — Mas tem uma condição: só se você for para Boca Raton comigo. Desta forma, você mata dois coelhos com uma só cajadada: me testa e vê se gosta de minha casa.

— Está certo, eu aceito sua condição, desde que você aceite a minha também — falou Diana, pensativa.

— Qual é?

— Não teremos nenhum relacionamento sexual até que meus testes estejam concluídos. Fazer amor com você pode atrapalhar minha avaliação. E eu tenho certeza de que você será o primeiro a querer uma avaliação fria, racional — explicou-se.

— Se é assim que você quer, realmente... Mas não vou me opor se você mudar de idéia — acrescentou, olhando-a bem dentro dos olhos.

— Oh, pode deixar que não vou estragar meus testes. E agora que está tudo acertado, por que você não vai lá em baixo e conserta o que quer que você tenha quebrado no meu carro?

Blake olhou-a surpreso:

— Como sabe que fui eu?

— Eu suspeitava. Não tinha certeza até agora.

Uma vez que Diana ainda tinha uma semana de férias, não foi nada difícil acertar os detalhes de sua viagem para Boca Raton. Ela apenas avisou a sua assistente onde estaria e deu-lhe o endereço de Blake para qualquer emergência.

— Você pode ir comigo — Blake disse-lhe. — Algum empregado poderá levar seu carro para Boca Raton.

Diana concordou com a sugestão e, num piscar de olhos, já estavam na estrada.

Sem dúvida, era muito mais confortável viajar no grande carro de Blake do que no seu. Depois de pararem para almoçar num pequeno restaurante à beira da estrada, chegaram à pequena cidade no meio da tarde.

A casa ficava no litoral, numa área onde as casas se localizavam entre palmeiras e outras plantas tropicais.

Por menos que quisesse, Diana ficou impressionada. Ela era quase toda de vidro e concreto, com um jardim interno digno de um sultão, onde floresciam orquídeas e begônias. No centro, havia uma piscina com uma pequena cachoeira no fundo. O efeito era o de um lago natural numa floresta tropical.

— É um lugar muito bonito — observou ela enquanto o seguia da piscina até um dos quartos de hóspedes, espaçoso, decorado em verde e azul suaves.

Blake abriu as cortinas e a luz do sol invadiu o ambiente. Da janela, podia-se ver o jardim interno, o que garantia total privacidade do quarto em relação à rua.

— Obrigado. Eu comprei esta casa há dois anos e pedi a um decorador para decorá-la. Os quartos grandes são ideais para alguém acostumado a viver em hotéis.

Diana riu. Apesar de a casa ser mais luxuosa do que imaginara, as razões dele para comprá-la eram compreensíveis.

— Sim, imagino como você deve se sentir apertado nas casas novas, mais compactas.

— Claro, mas foi muito divertido arrumar tudo até que a casa ficasse do meu jeito. — Blake apontou para um painel perto da cama. — Deste painel, você pode acender as luzes do quarto, do banheiro e do armário, regular o ar-condicionado, a televisão e o rádio e falar pelo interfone.

— Você deve ter tido bastante trabalho! O resto da casa também é automatizado?

— Ainda não, mas vai ser. Por que você não desfaz as malas enquanto eu converso com a minha secretária e vejo como estão as coisas na Galaxy? — ele sugeriu, indo para a porta.

— Boa idéia.

Daquela vez, Diana não se preocupou em conter sua tendência natural para se espalhar confortavelmente. Colocou uma pilha de blusas de algodão em cima da cômoda, onde podia visualizá-las facilmente, e jogou os sapatos embaixo do armário. Em menos de dois minutos, o mármore do banheiro estava totalmente tomado por potes de maquiagem, e de cremes. Se as coisas dessem certo entre eles, ela pensou, ele teria de aceitá-la como ela era. Não queria dar-lhe nenhuma esperança de que poderia mudar seu jeito de ser por causa dele.

Quando Blake voltou, vinte minutos depois, olhou em torno de si, surpreso:

— Pensei que você... — ele não concluiu a frase.

— Já me acomodei. Sentiram sua falta no escritório? — perguntou, ignorando a reação dele.

— Um pouco. Infelizmente vou ter que trabalhar normalmente esta semana.

— Não se preocupe. Tenho certeza de que terei muitas coisas para fazer sozinha. Tenho que fazer a lista das qualidades que considero imprescindíveis num homem, nadar em sua piscina, mexer nos botões do painel...

— Como você ficará sozinha, não precisará usar maiô para tomar banho de piscina.

— É uma boa idéia.

Durante o resto da tarde, enquanto Blake trabalhava um pouco, Diana começou a fazer seu serviço. Dissera que faria uma lista das qualidades que esperava nele mas, agora que estava diante do papel, percebia o quanto era difícil.

Por outro lado, sabia que Blake possuía uma série de características que ela admirava. Era gentil, carinhoso e capaz de tratar uma mulher como uma igual. Também era um homem íntegro, o que ela apreciava, com um ótimo senso de humor. Seu maior desafio, no entanto, era fazê-lo entender o quanto aquele critério de escolha de um companheiro era ridículo.

Em vez de começar a lista por características gerais, começou pelos detalhes. Os pontos levantados eram reais, mas não fundamentais para o sucesso de um relacionamento. Como Blake provaria que gostava de fazer pequenos serviços domésticos na casa, que ajudava a dona-de-casa sem reclamar e que era capaz de comer sua comida?

Quando ele bateu à porta e perguntou-lhe onde ela gostaria de jantar, Diana estava se sentindo orgulhosa de si mesma. Com um ótimo humor, pediu-lhe para escolher um lugar enquanto ela colocava seu vestido de seda azul.

— Bem, já gosto de ter você aqui dentro de casa — ele comentou assim que se encontraram na sala. — Você ficou muito bem nesse vestido. Mas, claro, também estava ótima no que usava ontem à tarde.

— Você está falando de seu roupão?

— Não, estou pensando um pouco antes.

Diana ignorou as segundas intenções do comentário.

— É melhor sairmos para jantar.

— Se você insiste...

Blake escolhera um restaurante especializado em frutos do mar e com uma vista maravilhosa para o oceano. As mesas eram dispostas de tal forma que Diana tinha a sensação de que eram os únicos clientes no restaurante.

Durante a refeição, Blake fez tudo que podia para instaurar um clima romântico. Assim que chegaram à sobremesa, uma sopa de morangos deliciosa,

ondas de desejo percorriam o corpo de Diana assim como as ondas do mar abalavam as rochas em que batiam.

No entanto, a tensão entre eles aumentou durante o trajeto de volta para casa, que foi feito no mais absoluto silêncio.

— Você gostaria de ficar um pouco comigo na sala para conversarmos um pouco? — sugeriu Blake assim que a porta da garagem se fechou por trás deles.

Só de imaginar os dois sozinhos na sala na semi-escuridão, o pulso de Diana acelerou-se. Se ela cedesse agora, passariam o resto da semana na cama. Com uma certa dificuldade, respondeu:

— Não, tive um longo dia, é melhor dormir cedo. E você tem que descansar também, pois amanhã é dia de trabalho.

Blake tentou esconder o desapontamento com um sorriso.

— Então, até amanhã. Se você não estiver acordada quando eu sair, ligo do escritório.

Aquela sugestão pareceu-lhe muito familiar e acolhedora, mas ela retrucou apenas.

— Gostei do jantar. Boa noite.

Ao fechar a porta do quarto, Diana considerou a possibilidade de trancá-la. Depois do jantar, não sabia se podia confiar em Blake ou nela mesma. Mas acabou optando por deixá-la aberta.

Depois de se trocar e colocar sua camisola de seda turquesa, ela pulou para a cama e alcançou o botão do painel que ligava a televisão. Ouviu um barulho, mas a tela permaneceu em branco.

— Você me chamou? — ela ouviu a voz de Blake na semi-escuridão.

Diana deu um salto. Por um momento, ela sentiu como se ele estivesse deitado a seu lado. Depois, percebeu que apenas apertara o botão do interfone por engano.

— Oh, desculpe, pretendia ligar a televisão — ela se desculpou, meio sem fôlego.

— Bem, fico feliz que tenha me chamado, mesmo sem querer.

— Como faço para desligá-lo?

— Que tal vir até aqui numa camisola supersensual e me implorar para fazer amor com você?

— Isto poderia desligá-la?

— Talvez pudesse ter algum resultado.

— Blake, isto é ridículo.

— Concordo. Deveríamos estar tendo esta conversa no mesmo quarto.

— Posso ouvi-lo perfeitamente.

— Eu também posso ouvi-la muito bem. Mas não posso vê-la — fez uma pausa e depois continuou: — E, pior, não posso tocá-la.

— Nessas circunstâncias, talvez seja mais seguro assim — ela retrucou, mal podendo respirar.

— Ah, não, isto só estimula minha imaginação. Agora, por exemplo, posso imaginá-la naquele robe de seda sensual que vestiu naquela manhã.

— Não o estou vestindo agora — ela replicou, tentando mudar os rumos da conversa.

— Você não está nua, está?

— Claro que não! — ela negou, corando um pouco.

— Então você está usando aquela linda camisola turquesa que vi em sua mala em Orlando, com dois laços laterais?

Diana levantou uma das sobancelhas. Aquela mala estivera aberta apenas por alguns segundos. Ele deveria ter uma excelente memória para *lingerie* feminina.

— São mais do que dois laços — respondeu, olhando para a camisola em questão.

— Isso quer dizer que você está com ela?

— Para um homem que diz desprezar roupas, você tem muito interesse por camisolas femininas.

— É que você me interessa.

— Blake, desse jeito nenhum de nós vai dormir hoje.

— Tem razão, vou pegar um copo de leite morno para nós dois.

— Se quiser, pode pegar para você, porque eu não gosto de leite morno. Boa noite, Blake.

Desligando o botão do interfone, fechou as cortinas, fazendo com que o quarto ficasse totalmente escuro.

— O super-homem pode quebrar qualquer parede — ele gritou do outro quarto.

No entanto, ela podia ouvi-lo passeando sem parar pelo corredor. Dez minutos mais tarde, ela o ouviu mergulhar na piscina e começar a nadar. Um voz dentro dela implorava-lhe para mergulhar na piscina com ele, mas em vez de fazer aquilo ela colocou o travesseiro sobre a cabeça e se forçou a fazer exercícios respiratórios para relaxar.

Às seis e meia da manhã seguinte, Blake se levantou para desligar o despertador que o informava incessantemente que aquela era sua última chamada e que ele deveria se levantar. Apesar de ter dormido mais de sete horas seguidas, sentia-se como se tivesse passado a noite acordado. Desde que fizera amor com Diana, tornava-se duas vezes mais difícil dormir sozinho.

Diana ainda não acordara quando ele terminou de se arrumar para ir ao escritório. A idéia de não vê-la durante um dia inteiro o deprimia. Com certeza, ela não se zangaria se ele entrasse na ponta dos pés em seu quarto e lhe desse um leve beijo de despedida.

Mas, assim que abriu a porta, a imagem dela fez com que sua respiração se acelerasse instantaneamente. Diana ainda dormia, com o cabelo sedoso espalhado pelo travesseiro. Uma luz suave atravessava as cortinas, iluminando-a, permitindo que ele visse a camisola turquesa sobre a qual conversaram na noite anterior e, através dela, a curva suave de seus seios.

Blake sabia que devia sair do quarto e fechar a porta imediatamente. Mas, em vez de obedecer a sua mente, continuou andando na ponta dos pés até sentar-se na beirada da cama. Contudo, apesar de ter sido cuidadoso, as molas da cama fizeram um ruído, denunciando-o. Diana não acordou, mas virou-se para ele, deixando-o ver melhor seu colo bonito levemente bronzeado do sol.

Se da porta ela já era linda, agora cada parte de seu corpo parecia ter uma beleza própria. Ele acompanhava sua respiração tranquila e não pôde evitar que seus dedos escorregassem para acariciar-lhe a pele sedosa. Os olhos dela permaneceram fechados, mas os lábios se curvaram num sorriso e sua respiração acelerou-se um pouco.

— Humm... — ela murmurou, deslizando um pouco para a frente, o que fez com que seu seio ficasse praticamente dentro da mão de Blake.

O gesto, inconscientemente sedutor, fez com que a respiração dele também acelerasse. Excitado, ele aproximou seus lábios dos dela e, como a Bela Adormecida, seus olhos se abriram.

— Blake... — ela sussurrou.

O desejo dele chegou ao limite. Apesar do que lhe prometera, ele não podia recusar o que ela estava lhe oferecendo, estivesse totalmente acordada ou não.

— Diana... — ele murmurou, os lábios se abrindo sobre os dela num beijo selvagem e apaixonado.

As mãos dele não paravam de acariciá-la, fazendo-a suspirar de prazer por entre os lábios dele. Ansioso, Blake começou a desfazer o nó da gravata e a tirar-lhe a camisola.

Mas aqueles dois gestos, aparentemente, fizeram com que Diana acordasse por completo e se lembrasse do trato que fizeram. Num suspiro pesaroso, ela afastou os lábios dos dele e, colocando as mãos sobre seus ombros largos, pediu:

— Blake, não!

Ele demorou para assimilar aquelas palavras. Finalmente perguntou, incrédulo:

— Como não?

— Não quero que vá adiante.

Com um certo esforço, os olhos cinzentos focalizaram os dela, ainda brilhantes de desejo.

— Mas você me quer tanto quanto eu a quero! — exclamou, inconformado.

— Sim, é verdade, mas isto é irrelevante.

Por um momento, ele pensou seriamente em discutir o assunto. Estava certo de que, se continuasse a beijá-la e a acariciá-la, ela cederia e acabaria mesmo implorando-lhe para fazer amor com ela. Mas o que aconteceria quando o momento de paixão passasse? Ele concordara com suas condições antes de irem para Boca Raton. Se a pressionasse agora, ela poderia fazer as malas e partir. Decididamente, era melhor obedecê-la.

Com um esforço, ele se obrigou a se levantar e a apertar o nó da gravata.

— Deixei suco de laranja fresco para você na geladeira. E telefonarei por volta da hora do almoço para saber como você está — concluiu rapidamente, virou-se e foi embora.

CAPÍTULO VIII

Na hora do almoço o prédio da Computadores Galaxy fervilhava de histórias a respeito de Blake. Segundo seus funcionários, ele mudara completamente na viagem para Orlando. Chegara ao ponto de não conseguir se concentrar numa importante reunião, que fora encerrada em tempo recorde, para em seguida trancar-se no escritório para telefonar para casa.

Mas, apesar de ter deixado o telefone tocar quinze vezes, Diana não atendeu. Ficou desesperado, imaginando se ela o abandonara. Por causa disso, perdeu o apetite e praticamente não almoçou, o que levou os funcionários a comentarem ironicamente que contraíra uma doença tropical durante um safári na Disneyworld.

Blake sempre deixava o serviço entre seis e meia e sete horas. Naquele dia, já estava no estacionamento às cinco horas e cinco minutos. No caminho para casa ele se condenava por ter invadido o quarto de Diana de manhã, temendo que ela o tivesse abandonado por causa daquilo. Só quando viu o carro dela na garagem é que respirou, aliviado.

Ao entrar, Blake encontrou-a na sala, no meio de um monte de papéis datilografados, numa bagunça que ele já notara ser uma característica sua. Quando o viu, ela juntou tudo numa pilha, correndo.

— Eu lhe falei que telefonaria na hora do almoço. Onde você esteve? — perguntou Blake assim que a viu.

— Você acaba de responder ao item *ciúme* de minha lista — respondeu ela pegando uma das folhas.

— Ciúme? Quer dizer que, só por eu ficar aborrecido por você não estar aqui, sou ciumento?

— De acordo com meu ponto de vista, isto quer dizer que você não confia em mim quando estou longe.

— Como pode deduzir o que estou pensando? — ele indagou furioso.

— Ora, você fez julgamentos a torto e a direito sobre a minha pessoa. Por que não posso ter o mesmo direito?

— Mas eu só fiz julgamentos positivos.

— Você usa o seu critério e eu o meu. Mas não vamos brigar por causa disto.

— Certo. Talvez você tenha razão — concordou Blake meio contra a vontade. Depois, afundando no sofá, perguntou-lhe: — Como passou o dia?

— Dei um passeio na praia, corri os olhos pela sua biblioteca, examinei seus discos e fiz uma avaliação no seu armário.

— Meu armário? O que há de errado no meu armário? — indagou, meio aborrecido.

— Eu não falei que havia nada de errado.

— Não precisa falar. Posso sentir pelo seu tom de voz.

— Bem, uma vez que perguntou, vou lhe dizer. Há uma porção de ternos que não usa há pelo menos dez anos.

— Não, você está errada. Eu faço revezamento de roupas.

— Nossa, então ainda é pior! Alguns dos seus paletós são mais próprios para um jogador do que para o presidente de uma companhia.

— Diana, eu não tenho tempo nem de sentar na cadeira de um dentista, quanto mais de fazer compras! Este era um dos pontos por que eu queria casar com você. De fato, você tem muito mais gosto para estas coisas do que eu.

Diana não pôde conter um pequeno sorriso. Gostava de fazer compras, aquilo era um fato. Mas, em compensação, suas contas no final do mês... Taticamente, mudou de assunto.

— Bem, não se preocupe. Há ainda uma porção de outros critérios para serem avaliados.

— Acho que preciso é de um drinque — Blake retrucou, levantando-se e indo até o bar. — Gostaria de um?

— Não, acho que esperarei para tomar uma taça de vinho antes do jantar.

Ele voltou para o sofá bebericando um uísque.

— O que temos para jantar?

Diana deu de ombros.

— Não sei. Achei que sairíamos para jantar novamente.

— Há um restaurante chinês aqui perto com uma comida deliciosa. Podemos encomendar alguma coisa pelo telefone, e só preciso ir apanhar. O que gostaria de comer?

Enquanto Blake apanhava a comida, Diana colocou a mesa e preparou o chá que havia encontrado num dos armários da cozinha. Sentia-se um pouco culpada

por estar sendo muito severa com ele. Era melhor se comportar um pouco menos severamente ou ele acabaria perdendo o controle.

Quando Blake chegou em casa, ela já se maquilara e colocara um quimono amarelo de seda. Estava tão adorável que Blake quase derrubou a cestinha de pão no tapete da sala de jantar, só de olhá-la.

— Oh, certamente vale a pena chegar em casa a segunda vez — ele comentou, notando que achara o aparelho de porcelana chinesa que ele comprara quando estivera na China e o colocara na mesa.

— Acho que fui um pouco rude demais quando você chegou em casa a primeira vez — ela desculpou-se, sorrindo timidamente. — Talvez eu estivesse entusiasmada demais com a evolução do meu projeto.

— Então, vamos fazer uma trégua e aproveitar a companhia um do outro — sugeriu Blake.

A comida estava deliciosa. Blake, que recuperara o bom humor, resolveu ensinar Diana a comer de pauzinhos chineses. As primeiras tentativas foram frustradas, mas ela não desistiu até conseguir.

Quando terminaram o jantar, ele entregou-lhe um dos cartões da sorte chineses que recebera no restaurante. Curiosa, ela leu a mensagem, corou e guardou-a rapidamente.

— O que dizia? — ele quis saber.

— Nada importante.

— Ah, vamos! Eu lerei o meu em primeiro lugar — estimulou-a. Ao ler o cartão, soltou uma gargalhada: — Escute o que diz: "Deixe os seus problemas conjugais fora do quarto".

— É um ótimo conselho.

— Fico feliz por você concordar — ele comentou, entusiasmado.

— Naturalmente o conselho não se aplica a nós, uma vez que não somos casados.

— A culpa não é minha. Mas, mesmo assim, podemos deixar nossos problemas não conjugais fora do quarto.

Diana levantou-se da mesa.

— Acho que vou arrumar a cozinha.

— Não vai contar o que diz a sua sorte?

Sem responder, ela pegou os cartões da sorte e dirigiu-se para a cozinha. Será que ele sabia que estava escrito que um homem muito grande lhe traria satisfação? De maneira nenhuma iria compartilhar aquilo com ele. Ele já era bastante convencido.

Diana colocou os pratos na lavadora, guardou a comida que sobrava e se juntou a Blake na sala de vídeo, onde havia uma tela imensa para a projeção de TV. Em frente à televisão havia um confortável sofá de couro e uma enorme poltrona reclinável. Blake estava ocupado selecionando uma fita.

— Poderíamos assistir a um filme esta noite. Já que você examinou o que tenho, talvez tenha alguma sugestão.

— Você parece ter um gosto um tanto quanto extravagante. Ou são filmes eróticos ou são clássicos de Disney.

Blake riu.

— *Bambi* e *Branca de Neve* são de minha sobrinha. Eu prefiro coisas mais sérias.

— Talvez em nome da paz devêssemos assistir ao *Bambi* — Diana sugeriu, dirigindo-se à poltrona. Não queria ficar perto de Blake no sofá.

Na hora de deitar, cada um foi para seu quarto sem nem trocarem um beijo de boa-noite. Diana suspirou aliviada. Finalmente ela parecia ter a situação sob controle.

Na manhã seguinte, Blake forçou-se a passar pelo quarto dela sem abrir a porta mas, para sua surpresa, quando ele chegou à cozinha, ele encontrou-a já sentada à mesa, tomando seu café, vestida num conjunto encantador tipo marinheiro.

— Você vai a algum lugar? — ele indagou.

— Para o escritório com você. Tenho alguns testes para fazer no seu trabalho. Não faz objeções, faz?

— Não, mas como vou explicar sua presença?

— Diga a verdade, que trabalho para aperfeiçoar a empresa. As pessoas pagam mil dólares ao dia para que eu vá às suas firmas e faça sugestões para melhorar o aproveitamento dos empregados. Você vai ter isso de graça.

— Só gostaria que tivesse me avisado antes.

— Para ser honesta, só pensei nisto esta manhã, quando imaginei que teria que passar o dia inteiro sozinha — desculpou-se sem querer admitir que sentira falta dele.

— Bem, se você me pede deste jeito, como recusar?

Blake ofereceu-se para levá-la em seu carro, mas ela recusou, dizendo que aquilo poderia levantar suspeitas sobre o relacionamento dos dois na empresa. Assim, ela seguiu-o no seu próprio carro.

Blake não gostou muito da idéia de tê-la andando pela Computadores Galaxy. Não que quisesse esconder alguma coisa. Mas se no dia anterior já tivera um trabalhão para se concentrar com ela a dez quilômetros de distância, como conseguiria alguma coisa com ela no mesmo prédio?

Ao chegarem, Diana assumiu completamente uma postura profissional, mostrando a Blake que não precisava se preocupar nem um pouco com ela. Ela pediu instruções para chegar à sala do presidente e, ao encontrar Blake, apertou-lhe a mão diante da secretária, dizendo que ficara satisfeita ao saber que ele queria aumentar o rendimento das mulheres na firma.

Houve um momento de constrangimento quando Dolores mencionou que não se lembrava de ter enviado nenhuma carta para a srta. Adams. Mas Diana rapidamente explicou que o contato fora feito diretamente com ela em Orlando.

Blake ofereceu-se para mostrar-lhe a companhia, mas ela recusou polidamente, dizendo que não queria tomar o tempo do presidente. E pediu a Dolores para fazer aquilo para ela.

Com os empregados escutando a conversa, Blake não teve outra alternativa senão concordar.

— Talvez possamos almoçar juntos — ele sugeriu.

— Obrigada pelo convite. Mas, provavelmente, continuarei meu serviço na hora do almoço, conversando com as funcionárias-chefes.

"Funcionárias-chefes!", ele pensou, desejando não ter permitido a vinda dela. Agora era muito tarde. A única coisa que podia fazer era aguardar na sua sala e esperar que tudo desse certo.

No entanto, ele acabou arranjando uma desculpa para ficar andando pelo prédio. No meio da manhã, encontrou Diana discutindo com algumas das programadoras. Dez minutos mais tarde, teve que acalmar a queixa de um chefe de programadores, que queria saber por que um projeto seriíssimo fora colocado de lado pelas funcionárias por uma xícara de café.

Quando chegou ao refeitório na hora do almoço, Diana conversava com a chefe do pessoal e com outras mulheres. Ele decididamente não sabia se era bom ou ruim ver aquelas mulheres rindo e gesticulando.

Sentindo-se incapaz, voltou à sua sala, onde se forçou a ler e assinar todos os memorandos que estavam em sua mesa desde que viajara. Quando finalmente deixou a sala e foi para o estacionamento, o carro de Diana não estava mais lá.

Temendo ter a mesma recepção que no dia anterior, dirigiu lentamente o carro para casa.

— Ainda bem que não preparei um jantar quente — ela falou quando ele abriu a porta da casa.

— Estava preocupada comigo?

— Oh, não, eu confio em você. Está pronto para jantar?

Deixando a maleta perto da porta, Blake a seguiu até a cozinha, onde, muito bem-humorada, ela já estava lavando uma travessa.

Diana aprendera muita coisa na Computadores Galaxy. Blake era um patrão consciencioso e atencioso com os empregados. Naturalmente havia pequenos problemas, mas em geral a firma dele tinha muito mais qualidades do que outras que ela conhecera. Agora, contudo, com ele atrás de si, ela só conseguia pensar no calor que emanava daquele corpo, mais quente que a água que estava usando. Se se virasse, cairia em seus braços e mancharia seu terno com as mãos molhadas, embora tivesse certeza de que ele não se incomodaria nem um pouco se isto acontecesse.

— O que temos para jantar? — Blake sussurrou-lhe junto à orelha.

— Ficaria satisfeito com salada de batatas e sanduíches? — perguntou ela, tentando quebrar o clima sensual.

— Lembro dos seus sanduíches — retrucou ele, malicioso.

— Hoje é sua vez de pôr a mesa — concluiu ela.

— Bem, o que achou da minha empresa? — indagou Blake depois que sentaram à mesa e ele já comia o primeiro sanduíche.

— Nada má.

— O que quer dizer com "nada má"?

— Na realidade, fiquei impressionada — ela admitiu, tomando um gole do chá que fizera. — Todas as mulheres com quem falei disseram que você é o Burt Reynolds de Boca Ratou. Mas você não tem somente charme masculino. Disseram que você é um excelente patrão, que está até fazendo horários flexíveis para mães que trabalham e dando treinamento especial para melhorarem o nível de trabalho.

— Burt Reynolds, hein? — ele repetiu achando graça.

— Não deixe a fama subir-lhe à cabeça — Diana sorriu. — Ainda assim há coisas de que não gostei.

— Ah, é?

— Apesar de quarenta e cinco por cento dos seus empregados serem mulheres, só tem uma mulher na chefia.

— Nós sempre escolhemos o pessoal mais qualificado para ocupar cargos de chefia.

— Então você tem que mudar o seu critério.

Durante os vinte e cinco minutos seguintes só Diana falou, dando sugestões para que tanto homens quanto mulheres tivessem as mesmas oportunidades no trabalho. Blake escutou, em silêncio, e depois recebeu os conselhos com boa vontade, em parte porque eram realmente bons, em parte em respeito a ela.

— Falei tanto que fiquei com vontade de fazer algum exercício — comentou ela por fim, levantando-se da mesa.

— Por que não dá um mergulho na piscina? — sugeriu ele, levando os pratos para a cozinha.

Diana considerou a idéia por alguns segundos. Finalmente concluiu que a piscina levaria a muita intimidade. Era melhor se fazer algo mais seguro.

— Parece meio arriscado — ela falou.

Blake olhou para ela com malícia.

— Como profissional que é, sabe que um pouco de risco pode levar ao sucesso.

— Ou para o fundo do poço — replicou ela. — Acho melhor e mais seguro darmos um passeio na praia.

Blake concordou com relutância.

Quando retornaram do passeio, Blake falou-lhe de um problema no motor do carro dela sobre o qual seu funcionário lhe falara. Solícito, ofereceu:

— Você quer que o leve para a oficina amanhã?

Lidar com oficinas era uma coisa terrível para Diana. Tinha verdadeiro pavor. Portanto, não levava o carro para uma revisão antes de viajar para Orlando.

— Se não for incômodo para você, eu adoraria — agradeceu, satisfeita.

— Então vamos trocar de chaves. Se precisar sair, pode usar o meu carro — ele hesitou e continuou: — Apenas dirija com cuidado.

Em seguida foram para seus quartos. Como estava se tornando rotina, nenhum dos dois conseguiu dormir logo. Havia a frustração sexual, naturalmente. Mas, além daquilo, Diana estava perplexa de ver como as coisas estavam indo. Deixara Blake um pouco incomodado com a avaliação que resolvera fazer, mas apenas por muito pouco tempo. Até agora ela não mostrara sinal nenhum de ter mudado sua maneira de pensar. Mais do que aquilo, ele estava deixando que ela o manipulasse.

Se não arranjasse uma maneira rápida de mudar a situação, Blake iria passar com nota alta no teste. Tinha que fazê-lo perder a paciência para que visse o absurdo da história.

Acendendo a luz, ela pegou a lista original e começou a sublinhar determinados pontos que deveriam fazê-lo voltar à razão ou jogá-la para fora do apartamento.

Na manhã seguinte, mal Blake saíra de casa, Diana levantou-se e vestiu um jeans e uma camiseta. Em seguida, começou a procurar por algumas ferramentas. Acabou achando-as dentro de uma caixa de metal, muito bem organizadas, aliás como tudo que era de Blake, numa prateleira da garagem.

Levou-as para a cozinha e pegou uma chave de fenda, decidida a levar seu plano adiante. Pretendia estragar a cafeteira elétrica e o aspirador de pó. Afinal, qualquer marido normal deveria saber consertar um aparelho elétrico.

À tarde, tudo estava na maior bagunça, com todas as ferramentas espalhadas pelo chão. Aquela desordem iria fazer Blake perder a compostura. Principalmente quando pedisse para ele consertar tudo aquilo. Além disso, ainda tinha mais uma brincadeira para fazer.

Sabia do amor de Blake pelo imenso carro branco. Vira aquilo em seus olhos quando pedira a ela que dirigisse o carro com cuidado. Assim, levou-o para a esquina, onde Blake não poderia vê-lo, e voltou andando para casa. Sentia-se quase como uma criança à espera de Papai Noel, louca para que Blake chegasse logo.

— Diana, onde está o meu carro? — ele perguntou uma hora e meia mais tarde, logo que chegou.

Ela estava sentada calmamente na sala tomando chá gelado e não respondeu.

Um segundo mais tarde ele entrou na sala e tornou a repetir a pergunta, com um tom estranho na voz.

— Blake, é melhor você se sentar e tomar um drinque.

— Você não sofreu nenhum acidente, sofreu? — indagou, tenso.

— Um arranhão lateral pode ser chamado de acidente?

— Deixe-me ver! — ele pediu, sério.

— Relaxe, o carro não está aqui.

Diana queria levar a comédia um pouco mais longe, mas a dor estampada nos olhos de Blake fez com que mudasse de idéia. De qualquer maneira, ela estava doida para começar a rir e não agüentava mais segurar.

— O que é tão engraçado assim? Bater o meu carro? — Blake gritou dando um passo em direção a ela.

— Eu não disse que bati o carro — ela falou, entre risadas. — Você que falou isto. Eu só gostaria de saber como você me trataria se eu tivesse esta infelicidade.

Blake suspirou. Saber que seu carro estava perfeito era um alívio. Curioso, perguntou:

— Bem, você não me matou. Considerando-se como se sente em relação ao carro, provavelmente você conseguiu seis pontos. Agora, que tal eu lhe servir um drinque antes de começarmos as atividades da noite?

— Pode deixar que eu mesmo me sirvo — ele falou, dirigindo-se para a cozinha para pegar o gelo.

"Você vai se arrepender", Diana falou para si mesma. Três segundos mais tarde ela ouviu-o gritar.

— O que é isto? — ele gritou.

— Bem, uma das qualidades que desejo num marido é que seja capaz de consertar objetos caseiros, uma vez que não tenho a menor habilidade manual.

— Habilidade! Somente um lunático ou um gênio para fazer tamanha confusão. Por que não jogou tudo isto no lixo e comprou novos?

— Levei duas horas para conseguir estragar tudo isto, Blake. Você deverá consertá-los na metade do tempo. Chame quando estiver tudo pronto.

Ele ficou vermelho de raiva. Diana esperou pela explosão inevitável, mas ela não veio. Em vez disso, ele começou a tarefa que ela lhe impusera com a maior calma do mundo.

Uma hora mais tarde, quando Diana entrou na cozinha, Blake escutava música, totalmente absorvido na tarefa de consertar o filtro da cafeteira.

— Sabe, eu estava achando que a cafeteira não estava esquentando muito bem — ele falou, quase para si mesmo —, mas agora ela está trabalhando melhor que nunca.

Diana percebeu que o aspirador de pó também já estava consertado. Quando Blake virou-se para pegar a batedeira, ela não resistiu e perguntou:

— Escute-me, nós não vamos jantar?

— Eu já estou quase acabando minha tarefa. Mas você pode sair e comprar um hambúrguer enquanto pego o meu carro aonde quer que você o tenha escondido. A propósito, a conta da oficina está na minha maleta.

CAPÍTULO IX

Apesar da excelente atuação de Blake, Diana sabia que quase o fizera perder o autocontrole nos últimos dias. Mais um pouquinho e ele teria se enfurecido. Seu lado racional avisava-lhe que não devia brincar com fogo, mas sua teimosia era superior àquilo. Ganharia aquela guerra em seus termos, mesmo se para tanto os dois brigassem seriamente.

Ela passou o dia seguinte separando todas as roupas de Blake de que não gostava e levando-as para o exército da salvação. Ela esperava que ele perdesse a razão de tanta raiva, mas em vez daquilo ele apenas comentou que, agora que seu armário estava bem mais vazio, ele poderia fazer as prateleiras que ele queria colocar há tempos.

Mesmo o rosbife queimado que ela fizera para o jantar não provocou nele nenhuma reação negativa. Aparentemente, a mãe dele costumava assassinar os rosbifes da mesma forma que ela e, apesar de ele ser muito exigente com comida, alguma coisa o fascinou naquele prato, pois chegou a pedir a receita.

No dia seguinte, quando estava certa de que ele já saíra, ela se levantou. Como ainda não tinha nada planejado para aquele dia, colocou um biquíni preto e resolveu passar a manhã nadando e tomando sol enquanto pensava em algo.

Foi na beira da piscina que Blake a encontrou, dormindo de barriga para baixo e com o sutiã do biquíni desamarrado, quando chegou, de surpresa, para o almoço.

"Se ela soubesse que meu bom humor era apenas uma encenação, provavelmente não estaria dormindo tão tranqüila", ele pensou. Suspeitava que ela pretendia ensinar-lhe alguma coisa com tudo aquilo, e quanto mais o provocava, mais ele se continha para não brigar, pois não queria dar-lhe a satisfação de ver o quanto o estava atingindo. O que tornava a situação intolerável, no entanto, era a vontade que tinha de fazer amor com ela, mesmo nos momentos em que estava furioso.

No decorrer daqueles testes malucos Diana o mantivera afastado por mais tempo de que ele podia suportar e agora seu nível de frustração chegara a um ponto em que não podia respirar sem pensar nela.

Ao vê-la na piscina seu primeiro impulso foi aproximar-se e correr os dedos pela pele macia daquelas costas nuas, e sua respiração acelerou-se. De repente sentiu-se muito quente dentro do terno e quis tirar a roupa o mais rápido possível. Ia dar um passo à frente, mas hesitou.

Finalmente controlou-se e tomou a atitude mais razoável: resolveu se trocar antes de se aproximar. Só esperava que aquela chegada inesperada não fosse pretexto para mais um dos testes loucos a que Diana o submetia.

Assim que ele chegou à piscina, Diana acordou, provavelmente despertada por algum instinto feminino. Mal abriu os olhos, avistou-o, vestindo um short azul que em qualquer outro homem seria muito modesto, mas nele era extremamente atraente. Seus ombros largos bloqueavam o sol, e ela não percebeu que já estava na hora do almoço.

— Será que fiquei aqui o dia inteiro? — ela perguntou, ainda meio sonolenta. Mas assim que se virou percebeu que se enganara e, cruzando rapidamente os braços sobre o sutiã do biquíni, impediu que ele caísse.

— Deixe-me ajudá-la — Blake se ofereceu, aproximando-se. — Pode soltar os braços.

Ainda sonolenta, ela obedeceu, sentindo as mãos dele nas laterais do biquíni. Mas em vez de amarrar as tiras, ele deixou o pequeno sutiã cair no chão, simplesmente.

— O que... — ela começou, mas não pôde terminar, pois ele a virara em seus braços e colocara os lábios sobre os dela, fazendo com que a temperatura de seu corpo subisse mais dez graus.

Totalmente sem controle, Blake acariciava-lhe as costas, pressionando contra si os seios nus de Diana que, àquelas alturas, já perdera totalmente o autocontrole.

Então, ele a ergueu um pouco, de forma que seus corpos se encontrassem por inteiro, e ela pôde sentir a rigidez de seu membro e o quanto ele precisava dela. Excitada, ela não se sentia ainda perto o suficiente de seu corpo másculo e quente.

— Se você estava tentando me deixar maluco, conseguiu. Estou quase sufocando de desejo por você — ele murmurou, devorando-lhe novamente a boca com os lábios.

— Blake... — ela suspirou, tremendo violentamente. Desejara tanto por aquilo nos últimos dias!

Ele escorregou os dedos para dentro da parte de trás da calcinha do biquíni, segurando-lhe fortemente as nádegas e pressionando-as contra seus quadris. Diana moveu-se contra ele, deliciada com aquele contato. Quando estava nos braços seus daquela maneira, todas as objeções que tecia contra um relacionamento físico entre eles naquelas circunstâncias simplesmente evaporavam e só importava aquele contato primitivo e selvagem entre seus corpos.

Ela sentiu-o fazer a calcinha escorregar pelas suas pernas, levantando-a um pouco para que pudesse se livrar totalmente do tecido incômodo e aproveitando para apoiar-se à parede, segurando-a sempre contra si.

Sem a barreira da roupa, os carinhos de Blake se tornaram mais íntimos. Seus dedos escorregaram de suas nádegas para o centro de sua feminilidade. A sensação de estar presa entre suas mãos fortes e seu corpo era incrivelmente maravilhosa. Ela podia sentir a força de sua masculinidade através do tecido do calção de banho. Para se firmar, ela abraçou-o pela cintura, fazendo-o gemer de prazer.

— Diana, é melhor você me ajudar a tirar este short antes que eu o rasgue.

Rindo de felicidade, ela escorregou os dedos para o short de algodão e puxou-o para baixo, conforme Blake lhe pedira para fazer. Em alguns segundos, ele estava tão nu quanto ela.

Impacientes demais para esperar, ele ergueu-a ali mesmo, contra o muro, e penetrou-a, fazendo-a soltar um soluço.

— Eu a machuquei? — ele perguntou, preocupado.

— Oh, não — ela respondeu, as pernas firmemente presas aos quadris dele e os braços em volta de seu pescoço.

Na posição em que estavam, era ela quem tinha de estabelecer o ritmo. Saber que estava com o controle da situação era extremamente afrodisíaco. Ela tinha de se segurar para não se mover cada vez mais rápido, no mesmo ritmo que as batidas de seu coração. Mas, num determinado momento, ela perdeu o controle, e os dois começaram a se mover numa velocidade alucinante, que fazia com que o mundo rodasse em volta deles, até atingirem o clímax.

Por alguns minutos permaneceram na mesma posição, ambos abalados pela intensidade da experiência. Depois, Blake gentilmente a colocou no chão. Os dois ainda estavam com a respiração acelerada e transpirando um pouco.

— O que acha de um mergulho na piscina agora? — perguntou ele.

— Nós dois estamos precisando nos refrescar — concordou ela, rindo de felicidade.

Ele sorriu e, pegando-a pela mão, conduziu-a até a beira da água. Diana mergulhou e deu umas braçadas. Mas quando Blake se preparava para mergulhar, o telefone no jardim tocou.

— Que droga! Espere por mim um minuto — pediu ele, virando-se para atender.

A pessoa no outro lado da linha parecia ter muito para dizer. Diana viu Blake bater o punho contra a parede com exasperação e depois falar um monte de coisas incompreensíveis para ela. Depois de desligar, ele passou a mão pelos cabelos, com ar inconformado.

— Algum problema? — indagou ela.

— Nada demais. Você apenas me fez esquecer que três vice-presidentes da National Express viriam hoje de Los Angeles e de Nova York para me encontrar esta tarde. Este negócio representa um contrato de dez milhões de dólares para a Galaxy.

Diana levantou as sobrancelhas. Podia entender sua revolta e frustração, mas aquilo não era motivo para colocar a culpa nela. Ele fora até lá por livre e espontânea vontade.

— O que quer dizer com "eu o fiz esquecer"? Se estou bem lembrada, estava dormindo aqui na mais perfeita paz quando você chegou e me procurou.

— Oh, você sabe o que quero dizer. Mas não tenho tempo de falar sobre isto agora.

— Eu sabia que ia me arrepender em lhe dar uma segunda chance! — ela exclamou, revoltada.

— Não tente me chantagear, Diana. Esta tarde provou que temos muitas coisas em comum.

— Fale-me de uma.

— Bem, você gosta de fazer amor e eu também — ele retrucou.

— Como você é chauvinista!

— Ah, não venha com seus chavões! Você estava tão ansiosa por mim quanto eu por você. E nem pense em me dar uma nota ruim em capacidade de cooperação. Tenho cooperado tanto que mereço uma medalha do clube de escoteiros.

Os olhos de Diana se umedeceram de lágrimas. Como ele era convencido! Se não estivessem os dois nus, ela teria saído da piscina naquele momento e mostrado o quanto ele estava errado.

— Fique aqui e me espere. Por volta das seis horas estarei de volta e poderemos conversar — ele gritou-lhe por cima do ombro.

— Com toda a certeza estarei aqui — ela gritou-lhe também.

Ao ouvi-lo dar a partida na garagem, ela saiu da água e começou a se secar. Sem dúvida, sexo com ele era algo do outro mundo. Ao se lembrar o quanto fora bom há alguns momentos fazer amor com ele contra o muro, como dois acrobatas, ela ficou corada e com calor. Não havia dúvidas do quanto o desejava. Ele sabia como torná-la vulnerável. E aquilo tudo sem ter idéia do quanto ela o amava.

Mas, embora fazer amor com ele fosse maravilhoso, não pretendia passar o resto da vida na cama ou na beira de uma piscina. Antes de irem adiante, algumas coisas em seu relacionamento teriam de mudar.

Depois de vestir uma camiseta e uma calça jeans, Diana pegou suas folhas de avaliação e se espalhou confortavelmente no sofá da sala. Tudo que fizera nos dias anteriores não a ajudara em nada. Onde seus planos estavam errados?

Ao pensar no critério *capacidade de cooperação* lembrou-se do que Blake lhe dissera. Mas não fora até Boca Raton para testá-lo, e sim para ensinar-lhe que usar critérios para escolher um parceiro para o resto da vida não tinha sentido. Não dera nenhum passo em direção a seus objetivos até então. Ele apenas estava fazendo o máximo possível para ter notas altas nos testes que ela elaborava. Aquilo queria dizer que ele continuava acreditando em seus métodos.

Diana abaixou o lápis. Ela não lhe ensinara nada. A única coisa que conseguira era que os dois ficassem mais envolvidos emocionalmente. Mas por

que ele não conseguia ver o que ela pretendia fazer? Sentia-se tão frustrada e irritada que podia acertar-lhe dardos venenosos assim que ele chegasse. Ou encontrava logo uma solução ou ficava maluca.

Pegando o caderno de anotações, ela começou a escrever. Antes que se desse conta, já escrevera uma série de critérios de avaliação, alguns da lista inicial e alguns que saíram de sua cabeça de acordo com os últimos acontecimentos. Impulsivamente, foi colocando ao lado dos critérios notas baixas e as justificando com comentários sarcásticos.

Meia hora mais tarde, colocou o caderno de lado e se espreguiçou. Aquele exercício era justamente o que precisava para recuperar seu otimismo. Sentia-se tão bem que resolveu até correr um pouco na praia antes de fazer o jantar.

O encontro com os executivos da National Express terminara rapidamente, mas aquilo não ajudou a melhorar o humor de Blake. Logo depois que os homens saíram, ele recebeu o telefonema de cortesia de uma de suas analistas de sistemas. Por acaso, ela fora eleita a presidente da MDG, Mulheres da Galaxy, e queria marcar um encontro com ele para discutirem a filosofia de administração do trabalho feminino empregado pela companhia. Quando ele protestou dizendo que não tinha nenhuma filosofia específica para as mulheres, ela respondeu-lhe com uma lista de vinte e cinco itens aos quais ele deveria dar alguma atenção.

A conversa provocou-lhe dor de cabeça, levando-o a tomar dois analgésicos. Sua relação com as mulheres na companhia sempre fora excelente, mas Diana revirara as coisas ali da mesma forma como revirara sua vida particular. Aquele era justamente um dos pontos sobre os quais gostaria de conversar com ela. Quando imaginara que ela seria sua mulher ideal, analisara-a apenas em relação à sua vida particular, e não queria que ela se metesse em sua companhia.

O carro de Diana estava na garagem, mas ela não se encontrava em casa para recebê-lo. Aquilo fez seu estado de humor piorar ainda mais. Ela sabia a que horas ele chegava em casa. Se pretendia voltar mais tarde, não custava nada deixar um bilhete. Ou será que ela estava testando sua possessividade?

Tentando controlar a voz, ele chamou por ela, mas não obteve resposta. Talvez ela tivesse saído apenas por alguns minutos, porque os papéis que ela estava usando estavam todos espalhados pela mesa da sala. Automaticamente, ele começou a arrumar a bagunça.

De repente, suas mãos congelaram. Aqueles papéis eram os testes de avaliação que ela estava aplicando e cujos resultados escondia dele a sete chaves. Ele sabia que não devia olhá-los, mas, como estava se saindo bem, a tentação de

olhar aumentou ao ver aquela letra feminina. Além de tudo, se ela não quisesse que espionasse nada devia ter sido mais cuidadosa.

O primeiro critério que viu foi o de *gosto*. Diana dera-lhe alguns pontos negativos, mas ele jamais sonhara que ela tivesse uma opinião tão ruim de suas roupas. Também, ele nunca se preocupara muito com o assunto, apesar de sempre achar que se vestia como a maioria dos homens.

O critério seguinte era *habilidade manual*. Ele se lembrava da noite em que movera céu e terra para consertar todos aqueles aparelhos elétricos. Esperava ter tirado pelo menos um nove, mas Diana dera-lhe apenas quatro. Ao lado, ela justificava a nota por ele ter demorado muito tempo e se afastado do objeto inicial. Aquilo deixou-o louco. Queria saber o que ela faria se tivesse de consertar tudo aquilo também.

Rapidamente ele folheou o resto dos papéis, sua raiva crescendo cada vez mais. A nota mais alta que obtivera fora seis, por ter-lhe levado o automóvel para o conserto voluntariamente.

Quanto a suas qualidades na cama, ela riscara "na cama" e substituíra por "no jardim". Ele não conseguia acreditar que ela lhe dera apenas um cinco. Até aquele momento, pensara que o episódio fora maravilhoso para os dois, mas ela reclamava que fora "rápido demais". Aquilo fez sua pressão sangüínea subir para cento e oitenta. Se ele estava bem lembrado, fora muito rápido porque *ambos* estavam muito excitados. Ele não era o culpado, Será que nada satisfazia aquela mulher?

Blake queria rasgar aquelas folhas e espalhá-las pela casa. Mas, antes que pudesse ceder ao impulso, Diana entrou calmamente na sala. Vestia uma camiseta, uma calça de malha e tênis, e obviamente estivera correndo.

— O que significa tudo isso? — perguntou Blake, balançando as folhas.

Diana olhou para os papéis nas mãos dele, viu a raiva em seus olhos e tremeu:

— Blake, isto foi apenas uma forma de me acalmar durante a tarde. Não queria que você visse isto.

— Espero que esteja falando a verdade.

— Você está zangado?

Em resposta, ele apenas resmungou.

Diana achou melhor ficar quieta. Estava realmente com medo. Como fora estúpida a ponto de deixar aqueles papéis espalhados por ali? Será que ela, inconscientemente, não queria uma confrontação? Bem, de uma forma ou de outra,

estavam passando por uma confrontação e ela não tinha certeza de estar preparada para lidar com todas as emoções primitivas que via nos olhos dele.

— Você tem me feito de bobo — queixou-se Blake.

— Blake, você está enganado. Só fiz isto para me sentir melhor — ela repetiu.

— Como será que uma mulher pode ser tão interessante um dia e tão mesquinha no outro? Você simplesmente não é a pessoa que pensei que fosse. E não estou apenas falando de pequenas coisas, como sua falta de jeito para a cozinha e a forma como consegue deixar um quarto bagunçado.

— Aí é que está: eu não sou organizada mesmo. Você me avaliou segundo critérios arbitrários. Mas eles não representam aquilo que sou realmente — rebateu ela.

— Com certeza, essas anotações me esclareceram. Felizmente, escapei a tempo.

— Você quer dizer que não se casaria com uma mulher que não achasse que você era perfeito?

— Você está distorcendo o que eu disse. Sabe que não quero ser adorado. Mas um homem precisa ao menos ser admirado pela mulher. Fiz o possível e o impossível na última semana, e tudo que recebo é... — ele parou, jogando as anotações no ar.

— Blake, você não vê? Passou a semana toda procurando receber notas altas num teste artificial que não prova nada sobre relacionamentos, enquanto escondia seus verdadeiros sentimentos. Esta é a primeira conversa honesta que estamos tendo desde que nos conhecemos.

— Oh, pensei que alguma coisa entre nós pelo menos fosse sincera.

— Claro — ela concordou —, mas não estou falando de sexo. Estou falando de tudo que constrói um relacionamento entre um homem e uma mulher. Chegamos finalmente a um ponto em que podemos discutir o que realmente é importante num casamento.

— Casamento! Você deve estar brincando. Depois desta semana, eu seria um lunático se ainda quisesse casar com você. Devo agradecê-la por ter concordado em vir para cá comigo. Você me provou que um casamento entre nós seria um desastre maior do que foi o dos meus pais.

Diana não estava preparada para aquele confronto. Não imaginava que as palavras de Blake pudessem machucá-la tão fundo. Com extrema dificuldade, murmurou:

— Não era isto que eu queria provar-lhe.

— Acho que poderia ser mais feliz com qualquer mulher que conhecesse num bar do que com você — ele continuou, sem dar-lhe atenção. — Aliás, esta é uma boa idéia.

Ao vê-lo se retirar em direção à garagem, ela advertiu-o:

— Blake, você está agindo como uma criança, mas eu ainda me preocupo com você.

— Você tem uma forma estranha de mostrar que se interessa por um homem — ele replicou, sarcástico.

— Blake, temos de conversar — ela tentou de novo.

— Seria uma perda de tempo — olhou para o relógio e desculpou-se: — Tem uma mulher qualquer me esperando num bar. Com licença.

— Se você sair daqui agora, não espere que eu esteja aqui quando voltar! — ela advertiu-o, furiosa.

— Esta é uma ameaça ou uma promessa? — ele perguntou-lhe, divertido.

Antes que ela pudesse responder, ele bateu a porta em sua cara. Um momento depois, ela ouviu o barulho do carro saindo da garagem.

CAPÍTULO X

Diana olhava para a porta pela qual Blake acabara de sair. Parecia impossível que aquilo tivesse acontecido. Mas com certeza ela fora longe demais. Agora, ele saía para procurar alguém mais agradável.

Aquela idéia a deixou muito fraca e ela se atirou no sofá. Colocou a cabeça entre as mãos e perguntou-se: "por que era tão difícil dizer as únicas palavras que ele queria escutar?"

Começou a escurecer, mas Diana não tinha forças nem para acender a luz. De qualquer maneira, não precisava de luz para saber o quanto estivera errada.

As lágrimas começaram a escorrer sem que ela desse a menor importância. Sozinha na escuridão, começou a soluçar. Ela não chorava assim desde que era

criança. Ou, talvez, nunca chorara daquela maneira. Realmente, Blake era o homem de sua vida, por menos que quisesse admitir.

Enfim, precisou de muito tempo para se controlar. Mesmo depois não se sentia melhor. Tremendo, foi para o seu quarto. Blake praticamente a expulsara de casa. O melhor que tinha a fazer era pegar suas coisas e partir.

Abriu a mala em cima da cama e começou a jogar suas roupas na mala, sem se preocupar em arrumar nada.

Assim que terminou de arrumar a mala olhou para o relógio, imaginando quanto tempo ele levaria para ir até um bar, conhecer alguém e trazer aquela pessoa para casa. Talvez ela pudesse sair da casa antes que ele chegasse com alguém.

Poderia partir imediatamente, mas não gostava da idéia de sair naquela situação. Pelo menos, queria pedir desculpas a ele pela dor que lhe causara. Como não podia fazer isso pessoalmente, deixaria um bilhete em sua mesa de trabalho.

Pegando papel e lápis na bolsa, abriu a porta do escritório de Blake e se sentou em sua poltrona. Mas era muito difícil explicar seu comportamento em palavras escritas. Talvez mais difícil do que para Blake dizer a uma mulher que a amava.

Com determinação, Diana levantou-se da poltrona. Um outro plano, provavelmente tão incrível quanto o que a levava àquela situação, começou a se formar em sua cabeça. A primeira providência, naturalmente, seria tirar a mala do carro. Arrumando suas roupas no armário novamente, ela decidiu que se Blake trouxesse uma outra mulher para a casa teria de enfrentar antes o seu ciúme.

Tinha de se vestir adequadamente. Procurando no guarda-roupa um traje apropriado, logo encontrou a camisola que usava no dia em que discutiram de manhã, a mesma que já o deixara tão excitado.

Não havia como saber o horário em que Blake chegaria, por isso ela resolveu se aprontar logo. Não queria ser pega de surpresa. Vestiu-se rapidamente e se olhou no espelho. Realmente, a camisola turquesa era ainda mais sensual do que se lembrava.

O próximo passo era esperar por Blake na cama dele, o que fez imediatamente. Já passava da meia-noite e ele não deveria demorar muito mais para chegar.

Duas horas mais tarde, Diana continuava sentada na mesma posição, esperando por Blake. Só que agora estava tão preocupada que tinha de se forçar para não telefonar para todos os hospitais e para a polícia para saber se ele por acaso sofrerá um acidente.

Mesmo sentada na cama e com a mente trabalhando a todo vapor, era difícil manter os olhos abertos. Finalmente, caiu adormecida.

Horas mais tarde um tremendo barulho acordou-a. Antes que pudesse se levantar e investigar, Blake entrou porta adentro. A primeira coisa que Diana verificou era se estava sozinho e inteiro. Sem lhe dar atenção, ele desabotoou a camisa e tirou a calça. Somente de cuecas, ele caiu na cama e se cobriu, parecendo extenuado.

Por uns segundos Diana permaneceu paralisada na cama. Depois, com esforço, colocou uma mão em seu ombro.

— Blake... — ela tentou chamá-lo.

A única resposta que obteve foi um ronco alto.

Diana deu de ombros. Ela estava pronta para seduzi-lo, e ele para dormir. O que teria feito durante a noite? Saindo da cama, ela pegou as roupas dele e levou-as para o banheiro. Elas dariam a resposta. Com a luz acesa, examinou tudo cuidadosamente e, embora pudesse detectar um cheiro de cerveja e fumaça, não encontrou nenhum batom nas roupas. Onde ele teria ido?

Já ia devolver as roupas para o chão de onde tirara quando um sentimento estranho tomou conta dela. Pegou as roupas com cuidado e dependurou-as na cadeira. Isto lhe deu uma sensação de prazer muito grande, como se estivesse retribuindo todo o carinho que ele tivera por ela durante o tempo em que se dedicara a machucá-lo.

Quando viu as horas, ficou espantada ao constatar que já eram oito e meia da manhã. Mas seria um crime acordá-lo para o trabalho. Com cuidado, saiu do quarto e telefonou para o escritório dele.

— O sr. Hamilton não está se sentindo bem e não vai trabalhar hoje — explicou, dizendo que era a arrumadeira.

Minutos mais tarde ela voltou para o quarto. Assim que se deitou, sentiu o calor do corpo quase nu de Blake contra o seu e não pôde resistir à tentação de passar a mão levemente pelo peito dele. Quando o seu pé acidentalmente tocou-lhe a perna, ela quase congelou de medo de que ele acordasse. Mas como ele só murmurou alguma coisa, ela tomou coragem e continuou acariciando-o. Teria de consertar as coisas logo, pois sentia muito a falta dele.

Mas, depois de passar a noite acordada, não conseguiu manter os olhos abertos por muito tempo e acabou adormecendo. Enquanto dormia, seu corpo foi inconscientemente se encostando ao de Blake. Logo, dormia perfeitamente enroscada a ele, a cabeça descansando naquele braço másculo.

Duas horas mais tarde, quando acordou, Diana sentiu imediatamente que alguma coisa estava errada. Os músculos de Blake estavam rígidos como aço. Aliás, podia sentir a tensão em todo o corpo dele. Imaginando a expressão do rosto dele, ficou com medo de abrir os olhos e constatar a verdade.

Entretanto, Blake não lhe deu nenhuma outra opção.

— Muito bem, sei que está acordada. Por que não me diz o que está fazendo na minha cama? — ele perguntou, numa raiva controlada.

Diana sentiu uma dor aguda no estômago. Cuidadosamente, se afastou um pouco antes de olhar para ele. Finalmente, criou coragem para ver os olhos de aço e a fisionomia dura como a de um assassino.

— A noite passada, depois que você saiu, percebi que tinha ido muito longe e fiquei aqui para me desculpar — começou, hesitante.

Ele voltou os olhos para sua camisola, que escorregara nos ombros, deixando à mostra parte de um seio.

— E o que é isso? O prêmio de consolação?

Ela olhou para o chão, contraindo os maxilares para os dentes não tremerem.

— Não — murmurou finalmente, tentando se arrumar da forma mais decorosa possível naquelas circunstâncias.

— É outro de seus testes, então?

— Por favor, Blake, sei que você tem o direito de estar zangado desde ontem à noite, mas dê-me uma chance de me explicar.

Olhando para o relógio, ele concordou:

— Está bem, desde que não me faça perder muito tempo. Já estou atrasado para o trabalho.

— Não se preocupe, telefonei para sua secretária e avisei que você estava doente.

— Você fez o quê? Será que também deixou seu nome? — perguntou, irado.

— Não, disse que era a empregada.

— Não acredito! Será que você veio comigo de Orlando só para me fazer de bobo?

— Claro que não!

— Bem, então vamos tentar de outra maneira. Por que não tenta explicar a razão desta roupa exótica?

— Blake, sei o quanto magoei você ao mudar todas as notas das avaliações... — ela tentou novamente se explicar, ignorando o comentário dele.

— Está errada. Não dou a menor bola para isso.

— Eu sempre fui contra seu processo de avaliação. Pensei que, se invertesse os papéis, você entenderia o que eu senti naquela manhã em Orlando, quando você falou o que estivera fazendo — ela continuou, apesar da interrupção.

Blake não respondeu, mas mudou de posição. Já era um progresso e Diana aproveitou para continuar:

— Jamais devia ter deixado aquelas avaliações à vista. Acontece que quando as pessoas estão amando, geralmente fazem coisas muito estúpidas.

— Continue — ele murmurou, mais receptivo.

— Eu disse que fiquei aqui para me desculpar — ela continuou. — E era verdade. Vim para sua cama vestida desta maneira porque você disse que ia sair para ver se descobria uma mulher mais agradável. Pensei que talvez trouxesse alguém com você, e queria que ela soubesse que eu pertenço a você — Diana concluiu, levantando o queixo, desafiadora.

Ele começou a rir.

— Então você ia passar a noite sentada na cama defendendo o seu território, como uma leoa defende a cria?

Diana olhou para ele meio indignada.

— Você não precisava fazer isso parecer tão ridículo.

Blake sacudiu a cabeça.

— Querida, eu não estou rindo de você. Eu estou lisonjeado. Você não precisava temer outra mulher, pois você é a única mulher com quem eu desejo fazer amor pelos próximos cem anos, no mínimo.

— Oh, Blake! — Diana suspirou, abraçando-o.

Blake a apertou contra si, os lábios movendo-se sobre os seus cabelos, a barba grande arranhando levemente o seu rosto.

— Nós vamos esquecer esta briga, não é? — perguntou ele.

Naquela situação, Diana achava muito difícil discordar.

Ali era onde sempre quisera estar, e por uns segundos se deu ao luxo de somente aproveitar o contato da pele dele contra a sua. Mas ela sabia que as coisas não estavam definitivamente acertadas entre eles.

— Blake, nós ainda temos de conversar — ela falou, levantando a cabeça.

— Sobre o quê?

— Não podemos conversar racionalmente desta maneira.

— Por que não? Só porque estou um pouquinho excitado acha que não posso escutar?

— Se isto é estar um pouquinho excitado, não quero nem imaginar como será quando estiver realmente excitado — ela falou, aproximando os lábios dos dele.

— Uma vez que existem duas camadas de tecido entre nós, acho que posso me controlar o suficiente para termos uma conversa rápida.

— Uma conversa coerente? — ela insistiu.

— Se você quiser...

— Blake, lembra-se quando eu disse que não poderia casar com alguém que não dissesse que me amava?

— Sim — murmurou, acariciando-a mais insistentemente.

— Depois que você foi embora ontem à noite, percebi o quanto estava sendo burra querendo muitas palavras. É suficiente para mim saber que amo você e que você sente alguma coisa por mim. Desde que eu tenha você, posso viver contente com isto.

— É uma proposta de casamento? — perguntou ele.

— Sim, se quiser chamar assim...

— Então eu aceito — falou ele, beijando-a apaixonadamente. Depois, soltando-a, continuou, a voz cheia de emoção: — Há uma coisa que quero dizer também, mas não é fácil. Eu pensei muito ontem à noite. Desde o primeiro momento em que a vi, vestida naquela fantasia de palhaço, lutei para me convencer de que não a amava. Eu ainda não tenho muita certeza do que o amor significa, mas passei a semana toda morto de medo de que você fosse embora. Se isto não significa amor, não sei o que significa.

— Oh, Blake! E eu o fiz sofrer tanto...

— Tem razão. Mas tenho uma sugestão para esquecer isto — falou, fazendo a camisola escorregar pelos ombros.

— Eu o amo tanto! — ela murmurou.

— Eu também te amo, Diana. Deixe-me mostrar o quanto te amo.

Passaram-se muitas horas antes que um dos dois pensasse em sair da cama. Diana estava enrolada em cima de Blake, e não tinha a mínima vontade de sair dali.

— Sabe, é muito gostoso descansar sobre um homem grande — ela concluiu, feliz.

— Não sabia que tinha este hábito!

— Não tinha. Até esta manhã.

— Vou lhe contar um segredo. Eu também estou gostando muito de ter você sobre mim.

Diana sentiu-o apertá-la mais entre os braços e percebeu pela tensão de seu corpo que ele queria falar alguma coisa séria.

— O que é? — perguntou.

— A noite passada, enquanto brigávamos, eu a mandei embora da minha casa.

— Como você provavelmente já descobriu, não sou muito boa em cumprir ordens.

— Lá pela minha quinta cerveja, finalmente admiti que você era parte de mim, e fiquei morrendo de medo de que tivesse ido. O que a fez ficar?

— Não queria perder o homem que amava. E não vou deixá-lo nunca mais.

Por alguns segundos nenhum dos dois falou, somente ficaram abraçados, até que Blake novamente perguntou:

— Somente por curiosidade, antes de você colocar aquelas notas na minha avaliação, você já me achava apressado?

— Sinceramente, preciso de mais tempo para fazer a pesquisa.

Blake riu:

— Acho que preciso comer alguma coisa. Estou faminto.

— Vamos sortear para ver quem cozinha?

— Não, obrigado. Você não nasceu para isso. Mas tem outras qualidades que fazem de você a mulher certa para mim.

— Quer dizer que também não se incomoda por eu ser impulsiva e desorganizada?

— Não, mas notei que pendurou minhas roupas ontem à noite. Talvez ainda haja esperança.

Mais tarde, enquanto tomavam um café da manhã reforçado, Blake perguntou-lhe, cauteloso:

— Você vai pensar que sou um machista se disser que gostaria que morasse aqui depois de casarmos?

— Blake, nada seria melhor para mim, mas tenho responsabilidades. Acabei de organizar o Centro Feminino no Estado da Flórida, e vai levar pelo menos um ano antes que possa entregá-lo a outra pessoa sem me sentir culpada. Depois disto, estou livre para começar a minha própria firma de consultoria, que é o meu sonho há muito tempo.

— Então, o que vamos fazer?

— Acho que temos três escolhas. Podemos ter um longo noivado, um casamento com cada um morando numa cidade ou adiar a decisão por um tempo.

— As primeiras duas escolhas não são lá grande coisa, mas a terceira é muito pior — falou ele, pegando-lhe a mão por cima da mesa.

Diana retribuiu à pressão da mão dele.

— Eu sei, mas não posso abandonar uma parte da minha vida só porque a outra parte ficou muito importante.

Eles ficaram sentados em silêncio por algum tempo. Finalmente Blake, limpando a garganta, falou:

— Entendo o que quer dizer. Se você me dissesse que a única maneira de o nosso casamento dar certo seria se eu abandonasse a Computadores Galaxy e mudasse para Tallahassee, seria um tremendo problema.

— O que faremos, então? — Diana perguntou.

— Vamos casar e ignorar a distância.

— Vamos fazer uma experiência para ver se dá certo?

— Nem tanto. Li estatísticas sobre casamentos a distância na semana passada. Somente dez por cento deles resultam em divórcio, ao passo que cinquenta por cento dos casamentos convencionais acabam em divórcio. Isso quer dizer...

Diana riu, interrompendo-o. Realmente, não conseguira ensinar-lhe que, quando se fala de amor, não é possível racionalizar. Talvez com o tempo ele aprendesse aquilo.

— O que foi? — ele perguntou-lhe, confuso.

— Nada. Continue — ela estimulou-o, sorrindo. Aquilo não era nada, mesmo.